Reconhecido CGADB-CEC

CETADEB

CENTRO EDUCACIONAL TEOLÓGICO
DAS ASSEMBLÉIAS DE DEUS
NO BRASIL



CULTURA BÍBLICA

Pr João Antônio de Souza Filho

SUMÁRIO

LIÇÃO I – HABITAÇÕES, VESTUÁRIOS, ORNAMENTAÇÃO, E A VIDA EM FAMÍLIA APOLOGÉTICA CRISTÃ 11
ATIVIDADES - LIÇÃO I 40

LIÇÃO II – A VIDA EM FAMÍLIA E NA SOCIEDADE 41
ATIVIDADES – LIÇÃO II 71

LIÇÃO III – ALIMENTAÇÃO, REFEIÇÕES, AGRICULTURA E OS HÁBITOS COMUNS DO POVO 73
ATIVIDADES – LIÇÃO III 105

LIÇÃO IV – AGRICULTURA, MERCADO, INDÚSTRIA E PROFISSÕES 107
ATIVIDADES – LIÇÃO IV 135

LIÇÃO V – A VIDA NA SOCIEDADE, AS CELEBRAÇÕES E FESTAS EM ISRAEL, A ORDEM SACERDOTAL, LAZER E ESPORTES 137
ATIVIDADES – LIÇÃO V 178

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 179

Lição I

Habitações, Vestuários, Ornamentação, e a Vida em Família

CULTURA BÍBLICA

INTRODUÇÃO

O livro que o estudante tem em mãos é uma amostra de como viviam os povos do Antigo e do Novo Testamento, cuja pesquisa foi feita a partir de várias obras, e de várias fontes em inglês, como as obras de James Hastings cujos 4 volumes forneceram dados importantes para a composição deste livro.

Neste livro o leitor tem os subsídios necessários para um pleno conhecimento da cultura, do pensamento e do estilo de vida do período bíblico.

I. HABITAÇÕES DOS TEMPOS BÍBLICOS EM ISRAEL

A) AS DIVISÕES DA TERRA

– No AT Deus deixou regras e princípios claros a respeito da terra, sua divisão, herança e venda da terra.

Em Levítico 25.23 Deus estabelece a lei: "Também a terra não se venderá em perpetuidade, porque a terra é minha; pois vós sois para mim estrangeiros e peregrinos". A terra podia ser arrendada até o ano do jubileu, que era festejado a cada cinquenta anos. Sempre que a Bíblia traduz "vender a terra", leia-se arrendamento. A terra, a cada cinquenta anos voltava para alguém da família daquela tribo.

Essa lei de direito agrário permitiu que Noemi resgatasse as terras que eram de seu esposo e cujo resgatador naqueles dias, uma pessoa que a Bíblia não menciona o nome, permitiu que Boaz a resgatasse (Veja Rute 4).

Foi em obediência a este princípio que Nabote recusou vender suas terras a Acabe. Jezabel, naqueles dias, havia implantado o sistema fenício de direito perpétuo de propriedade rural, mais tarde adotado por Roma. Em Israel, no entanto a terra era "arrendada" ou vendida por no máximo 49 anos. E o preço do arrendamento era a quantidade de safras. Se faltassem 10 anos para o jubileu da terra, o preço da venda ou arrendamento era de dez safras.

O que caracteriza a legislação em Levítico é o fato que, depois da invasão de Canaã por Israel, a divisão da terra por lotes foi enfatizada como uma herança do Senhor a ser passada de geração em geração. O termo moderno "lote" usado para referir-se a um pedaço de terra, ou a um terreno vem diretamente deste conceito. As palavras hebraicas e gregas geralmente traduzidas como "herança" referem-se a esta divisão de lotes. As inúmeras referências na Bíblia ao termo "herança", "lote", "linhagem", "posse", etc., aparecem como pano de fundo destacando a vontade de Deus que divide igualitariamente ao seu povo.

Entretanto, depois que a terra foi dividida e loteada, cada porção permanece no âmbito da família ou do clã que a recebeu e jamais poderá ser alienada. A terra nunca pertence a um indivíduo, mas a todas as futuras gerações daquele que atualmente a possui. Assim, ele não pode dar o título de propriedade da terra a ninguém mais. Nem tão pouco poderá, ainda que cobice as terras de seu vizinho, acumular uma vastidão de terra para si mesmo, a menos que seja temporariamente.

Conforme Levítico 25 quando um posseiro desejar vender a terra tudo o que pode fazer é assinar um termo de "arrendamento" que vigorará até o ano do jubileu. O termo "leasing" que também é usado em português especifica que um produto, um objeto, uma casa ou carro, está sendo pago, mas não é propriedade permanente da pessoa que o utiliza. Está apenas arrendado.

Não há uma palavra na Escritura traduzida como "aluguel" ou "leasing" porque o conceito de vender uma terra como

é conhecido na maioria dos países "civilizados" não existe na Bíblia a não ser como crime! Há, entretanto, três exceções, onde um título perpétuo poderia ser adquirido por compra.

Três exceções sobre o direito agrário podem ser vistas nas Escrituras:

1) A primeira está em Gênesis 23 quando Abraão comprou dos hititas um sepulcro num pedaço de terra para sua possessão perpétua. Presume-se que este foi um título válido sob as leis dos hititas. Todos os anciãos presenciaram a transação comercial e a aprovaram.

2) A segunda está em Gênesis 33 quando Jacó comprou um pedaço de terra onde edificou a sua tenda com a finalidade de edificar um altar. Ele a comprou dos siquenitas. Este negócio é mencionado outra vez em Josué 24.32 e João 4.5. Foi adquirido de toda a tribo de Siquém e não de um indivíduo apenas.

3) Finalmente, em 2 Samuel 24 e em 1 Crônicas 21 lemos o registro de Davi comprando a eira de Araúna dos jebuseus (Araúna ou Ornam aparece como um título de família e não um nome de pessoa).

Afora esses registros que destacam a compra de terras sob as leis vigentes de outros povos, os judeus não podiam vender suas terras permanentemente, mas apenas "alugá-las" ou arrendá-las até o jubileu.

R: 3 - Sob condições normais da lei, quando um pedaço de terra é vendida (alugada), o vendedor tem o direito de redimir a terra a qualquer momento indenizando o restante do aluguel (Lv 25.24-28). Se o vendedor não pode redimir a terra (pagar para tê-la de volta), seu parente mais próximo terá que fazê-lo.

O máximo a que isto era permitido era 50 anos, mas todos os aluguéis e cessões de terra terminavam com o ano do jubileu, ou o ano da liberdade, o ano da trombeta. A palavra hebraica "yobel" é traduzida tanto trombeta como jubileu, dependendo do contexto.

B) As Casas Dentro Dos Muros E As Casas Do Campo

1) A lei para propriedades urbanas – dentro dos muros da cidade – permitia que a casa fosse recuperada em um ano (Lv 25.29-30).

2) Casas em áreas rurais. Para essas valia o mesmo princípio da terra, isto é, acompanhava o valor da terra que podia ser arrendada até o ano do jubileu (Lv 25.31).

C) A Construção De Casas

1) O Teto

As casas não possuíam telhados como os que temos hoje – com telhas sobre vigamentos e caibros. O teto era construído com vigas e madeira, e a "laje" era plana, recheado com barro, e aproveitado para a secagem de grãos, criação de animais domésticos de pequeno porte e local de trabalhos manuais.

Periodicamente as frestas tinham de ser preenchidas e restauradas devido a infiltração da água da chuva. Alguns aproveitavam o teto para plantar neles grama ou pequenos arbustos.

Pedro aproveitou o telhado da casa para orar (At 10.9) e do alto dos telhados se faziam pronunciamentos, proclamações e comunicações (Mt 10.27; Lc 12.3).

Eram tão comum atividades no telhado que Deus orientou o povo a construir parapeitos para a segurança das pessoas (Dt 22.8). Alguns construíam pequenos cômodos num canto do telhado, como o que foi feito para o profeta (2 Rs 4.10).

As construções de dois pavimentos eram raras, e as casas eram pequenas. A fumaça dos fogões saía pelas janelas.

Certas casas os animais domésticos – ovelhas, jumentos, vacas ficavam na parte interior, enquanto a família se recolhia na parte mais interior, o que pode ser visto na parábola que Jesus contou sobre o amigo inoportuno (Lc 11.5-8). A família está recolhida!

O cenáculo, geralmente era um cômodo amplo construído no telhado ou na parte de cima da casa (Lc 22.12; At 1.13).

As pessoas sempre imaginam um cenáculo como lugar de culto; mas era apenas uma sala ampla de jantar e de reuniões, que os cristãos usaram para se reunir.

No AT era nos "telhados" que as famílias faziam tendas de folhas de palmeiras para celebrar a festa dos Tabernáculos que encerrava o tempo da colheita (Ex 23.14-17; Lv 23; Dt 16).

2) Casas Pequenas E Geminadas

Geralmente as casas eram bem pequenas e construídas uma ao lado da outra. Os telhados também se uniam e formavam uma verdadeira passarela em que os habitantes circulavam de um local para outro. Os muros restringiam o tamanho das casas. Apenas os ricos possuíam o privilégio de ter casas maiores.

Em Mateus 5.15 parece que Jesus tinha em mente uma pequena casa, ao afirmar que "ninguém acende uma candeia e a coloca debaixo de uma vasilha. Pelo contrário, coloca-a no lugar apropriado, e assim ilumina a todos os que estão na casa" (NVI). Para que uma lamparina iluminasse toda a casa, esta teria que ser bem pequena.

Com a chegada da civilização helenista, os gregos trouxeram os banhos públicos, com água quente e as praças, ou ágoras, locais ajardinados e cheios de palmeiras onde as pessoas se encontravam para ouvir discursos e as novidades da época (At 17.19-21).

Juvenal descreve como era a cidade de Roma no primeiro século:

> *"Vivemos numa cidade edificada, em grande parte, por escoras de juncos. O senhorio reside na parte da frente do prédio, mesmo que este esteja caindo, apenas fazendo reparos nas paredes antigas. O inferno, então, sussurra-lhe a que durma em paz,*

mesmo que o prédio vá desmoronar. É bem melhor viver lá fora onde não há perigo de fogo, e razão nenhuma para se ter medo da noite. Aqui um vizinho grita por água, enquanto outro corre tentando salvar seus poucos pertences. O terceiro piso – sua residência – está pegando fogo, mas ele nem se deu conta disso. Caso alguém soe o alarme do segundo piso, você será o último a se queimar, lá em cima onde o telhado o protege da chuva, e onde as gentis pombas chocam seus ovos" (Juvenal, em Sátiro 3.193-203).

Os mais abastados tinham casas maiores com água encanada, banheiros e salas de jantares como mostra o NT e escavações recentes o confirmam; casas assim requeriam um grande número de servos (Mc 13.34).

3) As Portas

Em sua maior parte as portas eram estreitas e pequenas; não tinham dobradiças e eram presas num encaixe de pedras onde giravam com facilidade. Os judeus costumavam fixar na porta da casa o *mezuzá,* que era um tubo de metal ou uma caixinha de madeira, dentro do qual era colocado um pergaminho com o *shema* o "ouve ó Israel" de Dt 6.4-9.

"O pergaminho era enrolado de forma a que, colocado no estojo, o termo hebraico que significa "Todo-Poderoso" ficasse à vista, através de um orifício que havia na caixa" (Willian Colleman).

Costume que permanece até hoje na casa dos judeus mais ortodoxos. Portas maiores requeriam uma chave, geralmente feita de madeira ou de ferro.

4) O Assoalho

Geralmente o assoalho era de chão batido, como as casas antigas do interior do Brasil. Mas, era possível encontrar casas com pisos de ladrilhos, ou uma argamassa feita de calcário, produto abundante nos arredores de Jerusalém. O piso era firmado sobre terrenos sólidos e resistentes a cheias e inundações (Mt 7.24-27).

5) Janelas

Não havia janelas amplas como nos dias de hoje. Eram pequenas e ficavam no alto para facilitar a ventilação nos meses de calor. No inverno um tampão era usado para vedar a entrada do frio, uma espécie de persiana.

Nas casas construídas sobre os muros as janelas podiam ser usadas como rota de fuga, como aconteceu com os espias em Jericó (Js 2.15); com a fuga de Saulo em Damasco (2 Co 11.32-33). Êutico, ao que parece estava numa janela, uma espécie de abertura do parapeito de uma grande sala superior (At 20.9).

6) Iluminação

As casas eram muito escuras devido as poucas janelas e portas. Toda iluminação era feita à base de azeite ou através do fogo do fogão que permanecia sempre aceso. As lâmpadas antigas eram muito simples, como um tigelinha rasa, semelhante a um pires onde se depositava o azeite e em cuja borda se colocava um pavio. Sempre que alguém estivesse em casa, uma lâmpada estava acesa.

Ao contar a parábola da moeda perdida, as pessoas entendiam o que Jesus queria dizer, porque uma moeda poderia se perder por entre as frestas dos ladrilhos, das pedras e a mulher iluminou cada cantinho da casa à procura da dracma que perdera. Entre os deveres de uma dona de casa, estava o de sempre manter uma lâmpada acesa (Pv 31.18).

7) O Mobiliário

Imagine uma casa com pouca mobília, apenas o estritamente necessário para se viver; não como hoje em que as famílias costumam ter várias salas, algumas sem nunca serem usadas.

Para as refeições, os antigos apenas estendiam uma esteira no chão ou sobre peles de animais. Mesas e cadeiras eram objetos de luxo e só as famílias abastadas as possuíam. Geralmente um tamborete de três pés era usado como banquinho pra se sentar.

O quadro "Última Ceia" de Leonardo Da Vinci não retrata com fidelidade a ceia de Jesus com seus discípulos, pois não se usavam mesas altas, e sim mesas baixinhas; e as pessoas se assentavam sobre almofadas. Nem ficavam de um só lado da mesa, como mostra a pintura do passado.

8) Camas, Colchões E Travesseiros

As camas, geralmente, consistiam de um colchão ou esteira que eram enrolados todos os dias e depois encostados na parede para liberar espaço. Não se utilizavam cobertores, pois as pessoas costumavam dormir com a mesma roupa que andavam durante o dia. Quando esfriava muito, usavam uma capa.

A capa servia de proteção contra o frio, e como cobertor à noite. Por isso, se alguém penhorasse sua capa, no fim do dia lhe seria devolvida (Dt 24.1-13).

Nos dias de Jesus camas de madeira começaram a ser usadas. Os travesseiros eram feitos de pêlos de cabras ou de penas. Certamente num destes Jesus dormiu profundamente no barco (Mc 4.38).

9) Pátios, Quintais E Muros

Os pobres raramente possuíam uma casa com pátio grande, mas, inda que os pátios fossem pequenos sempre cultivavam nele vasos com plantas medicinais. Os mais abastados faziam um pátio em forma de "U" em que a construção se dava nas divisas e um pátio era acessível de todos os cômodos da casa. Por ser privativo cultivavam hortas, e às vezes uma cisterna para coletar água da chuva, porque poucas casas possuíam água canalizada de fontes. Em Jerusalém e Cesaréia os romanos desenvolveram sistemas de canalização de água.

No AT temos o registro de canais subterrâneos que levavam água de forma natural para dentro da cidade de Jerusalém. Por um desses canais Joabe entrou e saiu no poço interno conquistando aquela parte da cidade que era dominada pelos Jebuseus (2 Sm 5.6-10), nos dias de Ezequias (2 Rs 18.17; 20.20).

O cultivo de hortas era feito nos arredores da cidade, em áreas rurais. O atual monte das Oliveiras era antigamente um local rural em que se cultivavam olivais e hortaliças.

10) Habitação Em Tendas

As tendas surgiram como uma alternativa às habitações que costumavam ser em cavernas cavadas em rochas. O inventor das tendas, Jabal viveu em tempos remotos, e, certamente descobriu que usando tendas podia ter maior mobilidade mudando de local, acompanhando o gado e montando sua "casa" sempre que fosse necessário. Descobriu que podia fazer tendas a partir do couro de animais e de tecidos (Gn 4.20). Com sua descoberta, os povos deixaram a residência fixa em cavernas e mudavam de área juntamente com o gado e o rebanho de ovelhas. Abraão era nômade, e mudava constantemente suas tendas conforme Deus lhe orientava e a necessidade de pasto verde para o rebanho (Gn 12; 13.2-12). Abraão estava sentado ao meio-dia à porta de sua tenda quando avistou três peregrinos. Hospedou-os sem saber que eram anjos (Gn 18.1).

Preparar material para tendas tornou-se na antiguidade uma profissão e os profissionais em fazer tenda existem até o dia de hoje. Paulo, Áquila e Priscila se tornaram sócios na arte de fabricar tendas (At 18.3). Na realidade o apóstolo trabalhava com couro.

Paulo era natural da Cilícia, região em que se produzia *cilicium* tecido feito com pelos de cabra. Possivelmente Paulo não era um curtidor de couro, como o Simão de Atos 10.6 e sim um artesão que utilizava esses materiais.

Muitas pessoas usavam as tendas ou barracas em sua vida de nômade. Ao que parece Agar, a escrava que Sara expulsou de casa, fixou residência no deserto, junto a uma fonte. Ali teria criado Ismael que viveu no deserto.

Para sobreviver certamente Agar negociava água com os caravaneiros que faziam sua rota pelo deserto. Em troca de água, negociava alimentos (Gn 21.19-21).

O Tabernáculo

A ideia de tabernáculo nasceu da palavra tenda. A tenda do deserto que era armada no meio das tribos de Israel no deserto era também chamada de tabernáculo, ou habitação. Por isso criou-se um neologismo, uma nova palavra a partir daí quando se afirma que Cristo "tabernaculou" entre nós, ou adquiriu a forma de uma habitação entre os homens. O tabernáculo representava no AT a moradia temporária de Deus entre os homens, uma figura da igreja, a habitação permanente de Deus entre nós.

Um guia judeu em Israel comentou com o autor, o seguinte. Nos dias bíblicos o peregrino era recebido pela parte da frente da tenda que estava sempre com suas lonas levantadas e firmadas sobre estacas. Nunca se devia chegar pelos fundos. O peregrino entendia que era bem-vindo à tenda quando o hospedeiro lhe alcançava uma xícara de chá com pouquíssimo chá. Isso queria dizer que eles teriam todo o tempo do mundo para conversar e tomar chá. Caso a xícara estivesse bem cheia, a senha era: Tome seu chá e dê o fora!

Uma das regras da boa hospitalidade era lavar os pés dos forasteiros. Nas famílias mais abastadas essa tarefa era exercida pelos escravos; entre os mais simples, o dono da tenda, ele mesmo, lavava os pés de seu hóspede.

Nos dias de Jesus os judeus viam a existência terrena como uma peregrinação. Paulo fala do corpo como um tabernáculo (2 Co 5.1-2), isto é, uma habitação temporária, e que com a morte o crente passa a habitar um edifício eterno. Pedro compara sua existência à de um tabernáculo (2 Pe 1.13-14).

Tenda fala de mobilidade, isto é, o povo de Deus acompanha a Deus que o conduz em sua jornada terreal.

11) Habitantes De Cavernas

Era comum usar cavernas como lugar de refúgio, de esconderijo (Jz 6.2; 1 Sm 13.6), no entanto alguns povos contemporâneos de Israel, como os descendentes de Esaú – os

edomitas – e os moabitas viviam nas cavernas nas regiões montanhosas. A partir de seus esconderijos saíam para cometer roubos e saques contra as nações ao redor.

12) Cidades

A construção de cidades muradas e fortificadas também é de tempos mui remotos. Os muros que cercavam a cidade protegiam seus habitantes do ataque de animais noturnos, de assaltantes e da invasão de tribos guerreiras. Sobre os muros havia sempre uma guarita onde atalaias mantinham-se alertas contra os invasores, ou avisavam da chegada de algum habitante da cidade que precisava entrar em sua casa, havendo-se retardado no campo.

Caim é o primeiro ser humano que a Bíblia registra como construtor de uma cidade, a quem deu o nome de Enoque (Gn 4.17). A partir desse texto bíblico as Escrituras fornecem detalhes sobre vários tipos de cidades, pequenas e grandes, bem muradas e protegidas, ou cidades tranquilas onde o povo vivia em paz.

Abraão conheceu muitas cidades em sua jornada pela terra de Canaã, pelo Egito e pela terra dos filisteus. Jerusalém já existia em seus dias com o nome de Salém, mas Abraão, profeticamente decidiu peregrinar e viver em tendas porque almejava a cidade que tem fundamentos "da qual Deus é o arquiteto e edificador" (Hb 11.10).

A cidade que Abraão viu profeticamente e que é edificada por Deus é a igreja. João viu essa cidade descendo do céu (Ap 21.9-10), é a única cidade "edificada sobre o fundamento dos apóstolos e profetas (Ef 2.20; 3.5).

Algumas cidades antigas se destacavam pela quantidade de habitantes. Nínive, na Síria, era tão grande que Jonas demorou a percorrê-la três dias. "Ora, Nínive era cidade mui importante diante de Deus e de três dias para percorrê-la" (Jn 3.3). Observe a frase, "importante diante de Deus", o que significa que Deus presta atenção ao que acontece nas cidades.

Sodoma e Gomorra eram tão importantes que notícias a respeito da maldade do povo chegaram aos ouvidos de Deus (Gn 18.20-21).

Babilônia se tornou famosa por seus jardins suspensos e muros largos por cima dos quais podiam passar duas carruagens uma ao lado da outra. Plantas ornamentais, palmeiras e árvores foram plantadas sobre os muros.

II. Vestuários, Penteados E Ornamentação Ou Uso De Jóias

A) A Túnica Ou Manto

Primeiramente faz-se necessário examinar os costumes do AT e depois expor a maneira como as pessoas se vestiam na sociedade Greco-romana no NT.

No AT as vestes eram bem simples. Os homens não usavam roupa de baixo ou cuecas como hoje. Vale lembrar que o uso da cueca para homens começou a partir da revolução francesa. Nem tampouco as mulheres usavam proteção interior.

Uma das orientações de Deus a Moisés é que os sacerdotes não podiam mostrar sua nudez (Ex 20.26). Os sacerdotes foram orientados a usarem um calção por baixo da roupa, para não mostrar as partes íntimas quando subiam as escadas do altar ou se abaixavam para realizar as tarefas diárias (Ex 28.42-43).

No tempo do NT já se usava um calção de linho ou lã, precursor da cueca e da calcinha. Os judeus eram mais pudicos na maneira de se vestir e não gostavam de mostrar as partes íntimas do corpo, como os gregos e romanos, que não se importavam com a nudez em seus banhos públicos.

Aliás, nos dois primeiros séculos antes de Cristo, a helenização ou cultura grega causou grande impacto em Israel, porque os gregos trouxeram para Jerusalém os banhos públicos em que os homens tomavam banhos nus na mesma piscina e também as mulheres em piscinas separadas.

R6 – O manto ou túnica era peça fundamental na antiguidade, e Deus orientou o povo de Israel que se alguém empenhasse sua túnica como penhor num negócio, deveria tê-la de volta antes do anoitecer (Dt 24.11-13). Esta era a lei para ricos e pobres, porque a túnica era usada a noite como cobertor.

No AT a vestimenta consistia de um camisolão, tanto para homem quanto para mulher, e de uma túnica ou capa que era jogado sobre o corpo. Saul teve que tirar o manto e encostou na parede da caverna enquanto defecava (1 Sm 24.3-4). Os mantos ou túnicas eram vestimentas necessárias.

Tanto pobres quanto ricos a usavam. Os ricos usavam túnicas ou mantos coloridos como sinal de poder e de riqueza. Assim era o manto de José (Gn 37.3). A tintura carmesim ou roxa era obtida a partir de caracóis e de pequenos insetos, umas cochinilhas que esmagadas deixavam uma coloração vermelha. As cochinilhas eram usadas pelos mexicanos para colorir as roupas, enquanto os índios brasileiros usavam a semente do urucum ou o conhecido colorau.

Tanto no AT quanto no NT a diferença das roupas das mulheres para as dos homens era no comprimento e nas cores. Homens e mulheres se vestiam praticamente iguais; mas, as mulheres usavam roupas mais coloridas, logo, as roupas masculinas e femininas da época se diferenciavam em alguns detalhes.

Não se tem ideia de como eram as capas, mas o certo é que havia a capa ou túnica exterior e a capa ou camisolão interior. Era-lhes permitido fazer franjas ou borlas decoradas, para lembrar os mandamentos da lei (Nm 15.38-39; Dt 22.12). Alguns, entretanto exageravam na decoração. No NT alguns fariseus usavam franjas bem compridas nas capas para que todos vissem que eles eram devotos dos mandamentos. Jesus os condenou como hipócritas que só queriam ser vistos (Mt 23.5).


Borla



Para muitos judeus as roupas eram símbolos de status, por isso o que João Batista lhes falou deve tê-los deixado bem chateados. O profeta disse que quem tivesse duas túnicas devia dar uma para quem não tivesse nenhuma (Lc 3.11). Na parábola do rico e do Lázaro Jesus ressaltou que o rico se vestia de roupas finíssimas (Lc 16.19).

A túnica no período Greco-romano, época do NT era uma capa que consistia de uma peça única, geralmente com um buraco por onde se enfiava a cabeça, como os palas usados na região sul do Brasil, na Argentina e Uruguai.

São raras as referências às vestimentas no NT talvez porque os autores não se preocupassem com este tópico. Certamente que o Espírito Santo não permitiu certos registros de costumes para que as futuras gerações não fossem influenciadas por costumes antigos. Costumes são coisas culturais que mudam a cada década e a cada geração.

A santidade deve ser medida pela vida de comunhão com Deus e pelo caráter interior de cada pessoa. Quem tem vida de intimidade com Deus, por certo, se vestirá de maneira decente, conforme a cultura de sua geração. Hoje ninguém anda vestido como nos dias do NT, nem como cinquenta anos atrás.

Sabe-se, no entanto, que as mulheres usavam uma roupa de baixo durante o período menstrual e uma tira para segurar os seios. Ambos os sexos usavam um cinto ao redor da túnica. As vestimentas das mulheres eram coloridas, com bordados ou desenhos tanto na bainha quanto na gola.

Podem-se obter noções de como se vestiam as pessoas no período Greco-romano através dos registros históricos da época. Os romanos tinham dois tipos de roupas. As *togas* que consistiam de tecidos enrolados no corpo e a *pallia* ou pala. A toga romana era maior e tecida de forma mais elaborada que o manto feminino.

Os que apedrejaram Estêvão deixaram suas vestes (himatia) – o mesmo que capa – aos pés de um jovem chamado Saulo (At 7.58). O jovem misterioso de Marcos 14.51 deixou a capa deslizar do corpo e fugiu nu, assim como José no AT.

Os mantos eram caros, e quando os homens tinham que comparecer a lugares públicos, como os banhos ou em execuções públicas deixavam seus mantos aos cuidados de alguém. Era comum que capas fossem roubadas, afirma Petrônio em Satiricón. Paulo sentia falta da capa que deixara em Trôade (2 Tm 4.13). Marcial (5:79) critica um anfitrião que chegava a trocar de roupas, às vezes mais de doze vezes durante o jantar sob pretexto de que estavam suadas.

Os discípulos foram orientados a não levarem duas capas (Mt 10.10). O princípio aqui é que os pregadores não devem ostentar riquezas nem enriquecer no exercício do ministério. Uma raridade nos dias de hoje!

B) CALÇADOS

Sandálias e sapatos eram os únicos tipos de calçados existentes na antiguidade. As sandálias eram simples, feitas de tiras de couro como as usadas nos dias de hoje.

O solado era de casca de palmeira ou feita de caniços entrelaçados. Alguns calçados se pareciam com as botas que se usam hoje em dia; usadas para longas jornadas, e era proibido calçá-las no sábado, para não ser tentado a fazer longas caminhadas.

O costume oriental de se tirar os calçados permanece até hoje em países do Oriente. Nos tempos bíblicos tiravam-se os calçados nas festas religiosas, ou lugares sagrados.

Hoje quando se visita a mesquita em Jerusalém os sapatos ficam do lado de fora. Moisés tirou as sandálias dos pés na presença de Deus (Ex 3.5; At 7.33) e Josué também (Js 5.15).

Os discípulos foram orientados a não levarem sandálias extras na missão de proclamação do reino de Deus. Era necessário evitar bagagem extra (Mt 10.10; Lc 10.4).

C) Cintos

Consistiam os cintos de uma faixa de pano usada para prender a roupa, geralmente sobre os lombos. Ambos os sexos usavam o cinto ao redor da túnica. O cinto era quase sempre feito de tecido. O cinto de couro usado por João Batista parece ter escandalizado as pessoas porque não tinha valor algum (Mc 1.6).

A expressão cingir os lombos se deve a crença de que os rins produziam os espermas que geravam vida; assim, protegia-se a fonte de vida. Cingiam-se os lombos com o cinto ou a cinta quando a pessoa tinha de correr, como Elias (1 Rs 18.46), ou mesmo para andar, para que as vestimentas não ficassem soltas.

Por isso Pedro fala em "cingir" ou prender os lombos do entendimento (1 Pe 1.13), e Paulo fala de cingir-se com a verdade, isto é, prender a verdade no corpo (Ef 6.14).

Não existem dados sobre o tamanho dos cintos, mas o de Paulo era grande o suficiente, porque Ágabo com ele prendeu as mãos e os pés do apóstolo (At 21.11).

D) Chapéus E Adornos Na Cabeça

Pouca informação èxiste nos registros bíblicos sobre chapéus ou adornos na cabeça. Os véus ou lenços quadrados eram comuns. Era uma espécie de xale que cobria a cabeça, e era usado nos momentos de oração, cobrindo-se a cabeça.

O turbante e a corda trançada com que se prendiam os véus costumavam ser coloridos. No NT são poucas as referências a adornos da cabeça (1 Co 11.15; 1 Tm 2.9; 1 Pe 3.3).

Uma pista de como eram os adornos de cabeça é encontrada na oração de Ana onde usa a palavra "chifre" uma expressão hebraica para força. Felizmente o texto em português (1 Sm 2.1 – a minha força, ou o meu poder) não é traduzido como chifre em português por ser pejorativo, como aparece em versões de outros idiomas.

Os tradutores convenientemente traduziram chifre por força, poder. Felizmente as novas versões em inglês e em espanhol passaram a traduzir como força.

Quando Ana fala em "chifre" afirmam Jamieson, Brown e Faucet em seus comentários referem-se à forma peculiar das mulheres do Líbano que se consideravam superiores às mulheres israelitas e usavam um fino chifre de prata na testa que levantava o véu sobre a cabeça.

Mulheres sem filhos usavam este chifre projetando o véu na direção vertical, para cima, enquanto as que eram mães erguiam-no alguns centímetros mais alto, inclinado mais para frente, e esta pequena modificação na maneira de vestir mostrava que essa mulher tinha filhos.

O chifre mantinha o véu erguido para frente, para cima ou ainda para baixo, como aqueles adornos das freiras em algumas ordens católicas. Ana andava depressiva com a situação em que vivia, como se diz entre o povo, "de crista baixa", mas agora Deus a exalta sobre as demais mulheres!

E) Jóias E Ornamentos

Tanto homens como mulheres usavam adereços e jóias. As mulheres, especificamente se adornavam com muito ouro e embelezavam as tranças com fios dourados, o que se depreende do texto de 1 Timóteo 2.9.

Adereços de ouro indicavam prosperidade e riqueza, bem como bênçãos espirituais. Rebeca ganhou de presente de Eliezer, o mordomo de Abraão um pendente de ouro e duas pulseiras de ouro, que pesavam mais de cem gramas (Gn 24.22-30).

Era costume o uso de adereços como jóias. O povo de Israel possuía tantas jóias que homens e mulheres as doaram para construir e prover o material para o tabernáculo.

Em Êxodo 33.4-6 o povo deixou de usar as jóias por causa do pecado, por ordem de Deus:

"Tira, pois, de ti os atavios, para que eu saiba o que te hei de fazer. Então, os filhos de Israel tiraram de si os seus atavios desde o monte Horebe em diante".

O costume de se usar jóias aparece em textos como Isaías 3.17-24. Devido ao pecado e a rebelião do povo, o Senhor diz que tirará as jóias do povo, ...

"o enfeite dos anéis dos tornozelos, e as toucas, e os ornamentos em forma de meia-lua; os pendentes, e os braceletes, e os véus esvoaçantes; os turbantes, as cadeiazinhas para os passos, as cintas, as caixinhas de perfumes e os sinetes e as jóias pendentes do nariz; os vestidos de festa, os mantos, os xales e as bolsas".

Em Ezequiel Deus conta uma parábola sobre Israel, e compara a nação a uma menina recém-nascida, que cresce, é bem alimentada e ornamentada com jóias. "Também te adornei com enfeites e te pus braceletes nas mãos e colar à roda do teu pescoço. Coloquei-te um pendente no nariz, arrecadas nas orelhas e linda coroa na cabeça" (Veja Ez 16.1 e ss.).

No NT era ainda costume das mulheres se ornarem com muitas jóias, por isso Paulo e Pedro rogam que da mesma forma como se ornamentam no exterior com jóias e frisados nos cabelos que se ornem em seu interior (1 Pe 3.3).

Pintar os olhos era também costume entre as mulheres. Foi o que fez Jezabel (2 Rs 9.30). Parece ser um costume, agora criticado por Jesus, como em Jeremias 4.30:

"Agora, pois, ó assolada, por que fazes assim, e te vestes de escarlata, e te adornas com enfeites de ouro, e alargas os olhos com pinturas, se debalde te fazes bela? Os amantes te desprezam e procuram tirar-te a vida".

O uso de ornamentos, como jóias é cultural, variando de povo para povo e de nação para nação. As mulheres africanas

costumam usar roupas bem chamativas e coloridas, o mesmo acontece com os habitantes do Havaí. Os homens de lá usam camisas floreadas, diferentemente de outros países.

III) A Vida Do Lar - A Família

Nesta lição o estudante examinará como as famílias viviam nos tempos do AT e também do NT.

Primeiramente faz-se necessário explicar o termo família que tanto no hebraico, grego ou latim tem um amplo sentido, porque define uma casa ou todos os que fazem parte da família ou da genealogia daquele grupo.

Em muitos textos, família tem o sentido de *casa*, como em 1 Crônicas 17 onde Deus fala a Davi que lhe constituirá "casa" ou família: "... te fiz saber que o Senhor te edificaria uma casa" (v.10 e ss.). Obviamente que não se trata de uma casa de alvenaria ou de madeira, mas de uma genealogia ou família. Assim, quando a Bíblia fala da família de Davi, refere-se à genealogia ou de seus descendentes.

Quando Abraão fala em "casa de meu pai e minha família" refere-se aos seus parentes (Gn 24.38). Quando Josué afirma que ele e toda a sua casa servirão ao Senhor refere-se a todos os membros da família, escravos, servas e à sua própria tribo (Js 24.15).

No NT pode se ler expressões como "casa de Estéfanas" (1 Co 1.16); casa de Aristóbulo (Rm 16.10), etc. Mas, quando se refere a casa de Deus, o sentido é outro.

O estudante deve ter em mente que os termos casa e família são quase sempre aplicados como sinônimo. Por isso a casa de Deus ou família de Deus são a mesma coisa. A casa de Deus na Bíblia nunca é um templo fixo, como o templo de Salomão. O próprio Salomão testificou que aquela casa que ele construíra era muito pequena para conter a Deus (1 Rs 8.27). E quando a Bíblia fala que "a minha casa será chamada casa de oração", não se refere ao que é material, mas ao que é espiritual (Is 56.7-8).

Nos dias de Jeremias o povo criticava o profeta por desacreditar que o templo fosse destruído, como profetizara Jeremias. Eles achavam que Deus morava no templo, que aquela casa era dele e que, portanto, ele não a destruiria, por isso diziam: "Estamos salvos" (Veja Jr 7.1 e ss. Veja o v 10). No entanto, Deus estava conduzindo o exército da Babilônia para destruir aquela casa que se tornara um "covil de salteadores" (v 11).

Quando Jesus cita os textos de Isaías 56.7 e de Jeremias 7.11 simultaneamente tinha em mente a casa espiritual (Jo 2.17; Mt 24.2).

A casa espiritual nos dias de hoje é a igreja. O escritor da epístola aos Hebreus aborda este tema no capítulo 3 em que menciona Moisés como sendo fiel sobre a casa de Deus – aquela multidão de quase três milhões de pessoas no deserto – e a "Cristo, porém, como Filho, em sua casa; a qual casa somos nós..." (Hb 3.6). A igreja é a casa ou família de Deus. Este não habita nos suntuosos templos e se faz presente onde sua casa ou família está. Podem ser dois ou três que ele está ali no meio deles (Mt 18.20).

Por isso o estudante encontra textos em que se lê a "família da fé" (Gl 6.10); a "família de Deus" (Ef 2.19) "... de quem toma o nome toda família, tanto no céu como sobre a terra" (Ef 3.15).

E sempre que se refere a templo espiritual, a casa de Deus, à Jerusalém celestial refere-se a igreja.

Depois de abordar resumidamente o sentido de casa ou de família hoje, o estudante estudará como se constituía uma família ou o conceito de família nos tempos bíblicos, nos tempos do NT e na sociedade Greco-romana.

A) Os Relacionamentos Familiares

Não se pode colocar a família dos tempos bíblicos sobre um pedestal sagrado, como se não houvesse problemas familiares. As Escrituras em momento algum escondem os problemas das famílias da Bíblia. Abraão, Isaque, Jacó, Davi e tantos outros são lembrados no NT pela fé e nunca pelos problemas

familiares que tiveram. Um estudo minucioso pode desvestir os patriarcas, desnudando seus problemas familiares. Os problemas familiares foram registrados nas Escrituras como exemplo de que não existe família perfeita (1 Co 10.6).

A família, no entanto era constituída do pai e marido; da mãe e esposa; dos filhos, dos servos ou escravos; dos demais familiares e das viúvas.

1) O Marido E Pai

Na estrutura familiar o pai era autoridade máxima, e responsável também pela condução espiritual da família. Hoje, lamentavelmente, parece que o pai das famílias foi substituído pelo pastor da igreja que se vê às voltas com as famílias, aconselhando e ajudando; mas não era assim na sociedade antiga. O pai conduzia seus filhos à fé. Isto era mandamento de Deus. O texto a seguir mostra como a responsabilidade foi colocada por Deus sobre os ombros do pai:

"Estas palavras que, hoje, te ordeno estarão no teu coração; tu as inculcarás a teus filhos, e delas falarás assentado em tua casa, e andando pelo caminho, e ao deitar-te, e ao levantar-te. Também as atarás como sinal na tua mão, e te serão por frontal entre os olhos. E as escreverás nos umbrais de tua casa e nas tuas portas" (Dt 6.6-9).

Não havia nos tempos bíblicos cultos semanais ou diários para onde toda a família acorresse para cultuar a Deus. O chefe da casa conduzia toda a família na devoção a Deus. Os judeus eram orientados por Deus a comparecerem três vezes ao ano às festas no local indicado por Deus, na páscoa ou Festa dos Pães Asmos, na Festa das Semanas ou festa das primícias, Pentecostes e na Festa dos Tabernáculos.

Portanto, compareciam em meados de março/abril; depois em meados de maio/junho cinquenta dias após a Páscoa e em meados de setembro/outubro quando terminava a colheita e celebravam a festa de Sucote, ou Festa das Palmeiras.

E como os filhos aprendiam as leis de Deus? O pai era o sacerdote do lar conduzindo sua família na devoção a Deus.

Apesar de ter uma posição privilegiada, o marido não devia agir como um tirano. Não importa como era o comportamento de um pai, a lei orientava:

> *"Honra teu pai e tua mãe, para que se prolonguem os teus dias na terra que o Senhor, teu Deus, te dá" (Ex 20.12).*

O conceito judaico de pai estava associado a conceito de Deus que era visto como uma pessoa firme, justa e compassiva. O termo *Abba* de Marcos 14.36 que corresponde ao nosso termo *papai* é uma das primeiras palavras que uma criancinha balbuciava.

Na expressão *Abba* está contida a ideia de intimidade, respeito, afeição e confiança e Paulo ensina que a adoção de filhos dá ao crente o direito de chamar a Deus de *Abba* (Rm 8.15; Gl 4.6).

Este é conceito de paternidade no primeiro século da era cristã. Assim como um membro da família toma o nome do pai, os cristãos tomam o nome de Deus e participam da família do Pai, como disse Paulo:

> *"de quem toma o nome toda família, tanto no céu como sobre a terra" (Ef 3.15).*

Os apóstolos estabeleceram que o chefe da família devesse dar bom testemunho, governando ...

> *"bem a própria casa, criando os filhos sob disciplina, com todo o respeito (pois, se alguém não sabe governar a própria casa, como cuidará da igreja de Deus?)" (1 Tm 3.4-5).*

Ao que parece muitos pais têm delegado sua autoridade ao pastor da igreja, como se este fosse o pai dos filhos dos membros da igreja, como se sacerdote fossem, e os pastores se vêem às voltas agindo como chefe, pai, esposo e profeta dos filhos dos crentes. No entanto, no AT o pai era responsável pela vida espiritual e pelo ensinamento das leis de Deus aos seus filhos.

2) O Pai Na Sociedade Greco-Romana

Com o domínio grego, muitos judeus mudaram seu comportamento e passaram a admitir as práticas pagãs existentes na sociedade Greco-romana.

Os atuais conceitos de moralidade da sociedade Ocidental estão baseados na tradição cristã, mas quando o evangelho começou a ser pregado no primeiro século, os apóstolos tiveram que criar regras sociais de convivência e de comportamento para os membros da nova sociedade.

Por exemplo, a mulher era tratada como objeto no primeiro século; às vezes nem nome tinha, e uma filha sempre seguia o nome do pai. Assim, se o pai se chamava João a filha passava a ser Joana, ou filha do João. Caso uma segunda filha nascesse passaria a se chamar Secunda, a próxima Tércia, Quarta e assim por diante.

Os apóstolos estabeleceram, então, que a mulher não podia ser mero objeto sexual e elevaram-na à uma posição de dignidade.

Por isso estabeleceram princípios em que o marido deveria amar sua esposa – o conceito de amar não existia naquele tempo – e que deveria ser tratada com dignidade; que não poderia ser ofendida, etc. (Ef 5.22-29; 1 Pe 3.1-7).

Os gregos e romanos tinham um conceito de moral bem diferente dos judeus e posteriormente os cristãos tiveram outro conceito. Para os gregos e romanos a moralidade nada tinha a ver com a religião, por isso não tinham problema nenhum em seduzir a mulher de seu melhor amigo a caminho do templo onde iam adorar; podiam enganar seu amigo ao fazer um negócio e sentiam que, mesmo assim, eram aceitos pelas divindades. Qualquer homem romano tentaria dormir com mulheres, desde que os castigos impostos por seu marido não fossem severos.

Na sociedade romana cada família era uma unidade religiosa, com seus deuses do lar e rituais, e todas as famílias da cidade adoravam certos deuses tribais, como Júpiter e Juno. – Daí

vem os nomes dos dias da semana que, em espanhol e em inglês são oferecidos a uma divindade: Lunes (segunda), lua; martes (terça-feira) e assim sucessivamente.

Dentro de cada família o pai funcionava como um sacerdote, conduzindo a vida espiritual da família; era um patriarca porque possuía pátrio-poder, e se via no direito de controlar os negócios de sua esposa e de seus filhos. A lei lhes permitia vender seus filhos como escravos, o que raramente acontecia. Era o pai que arrumava casamento para seus filhos e planejava suas profissões. Tudo o que os filhos conseguissem pertenceria ao pai.

A mulher cuidava dos empregados, das lides domésticas e deveria se comportar com sobriedade. A lei antiga de Roma autorizava o marido a matar a mulher caso fosse flagrada em adultério ou poderia dela se divorciar por qualquer motivo. E essa lei dura produziu uma sociedade estável na qual o adultério, o divórcio e a delinquência juvenil praticamente inexistiam.

3) Mãe E Esposa

A mulher no contexto familiar do AT era totalmente submissa ao homem, e dependia dele para sobreviver. As leis que regulavam o relacionamento homem/mulher em poucos aspectos favoreciam as mulheres, e quase sempre ao homem.

A começar pelo divórcio em que o homem podia se divorciar por quaisquer motivos, e enquanto não desse à mulher carta de divórcio esta ficava presa a ele sem poder contrair novo casamento. Por isso Deus odeia o repúdio, isto é, a instância em que o homem se recusa a dar a carta de divórcio.

O termo usado pelo profeta em Malaquias (Ml 2.16) é *"shalach"* - repúdio, mas às vezes traduzida erroneamente como divórcio em algumas versões. O Senhor odeia o repúdio, pois o homem mandava sua mulher embora e não lhe dava carta de divórcio, liberando-a para casar de novo. São duas as palavras usadas, uma para divórcio e outra para repúdio. A versão brasileira traduz este texto como divórcio.

Divórcio é uma coisa, repúdio é outra. Um homem repudiava a esposa e a mandava embora da casa sem lhe dar a carta de divórcio, o que a mantinha presa a ele por toda a vida. O divórcio a liberava para casar-se de novo. É nesse sentido que Moisés permitiu dar o termo de divórcio à mulher, diferente do repúdio (Dt 24.1).

A palavra divórcio aqui é *kariythuwth*. Portanto, o repúdio Deus odeia, porque o homem mantém a mulher presa a ele sem lhe dar o direito a novo casamento; divórcio é quando a mulher é liberada para casar de novo.

Submissa, a mulher cuidava da casa e dos filhos; buscava água na fonte e preparava os alimentos. Na realidade, o desenvolvimento da mulher no AT era limitado pelo marido. Se este lhe concedesse liberdade ela poderia desenvolver suas qualidades, como é o caso da mulher de Provérbios 31, uma administradora eficiente do lar.

Uma mulher que chegava a lidar com a compra e venda de imóveis, recebia do marido plena liberdade de ação. Uma mulher oprimida pelo marido, sob leis e regras rígidas da sociedade jamais desenvolveria as habilidades da protagonista de Provérbios 31.

Se a mulher cometesse adultério, o marido poderia apresentar uma acusação formal contra ela, mas, se o marido fosse o adúltero ela não seria ouvida em instância alguma (Nm 5.12 e ss.). Nesses textos o marido é tomado de ciúmes, e, mesmo não tendo provas a submeterá a juízo e a vexame público.

4) A Mulher No Contexto Do NT

A mulher foi resgatada à dignidade de ser humano por Jesus e os apóstolos no NT. Ao insistir que os maridos amem suas esposas, os apóstolos elevam a mulher a uma posição de honra; deixam de serem objetos, para serem amadas, cuidadas e protegidas. Uma mulher que se sente amada não terá problema algum em se submeter ao esposo.

É preciso entender que no NT a sociedade havia sido influenciada pela cultura Greco-romana. Os gregos trouxeram a

cultura e Roma estabeleceu as leis. Dois séculos antes de Cristo os gregos passaram a influenciar a cultura dos judeus, quando implantaram as escolas de artes, as ágoras, praças públicas e os banhos públicos. Inicialmente houve muita resistência por parte dos judeus, mas a cultura grega paulatinamente ocupou seu espaço em Israel sob o domínio das leis romanas. Apesar dos avanços sociais da época a mulher ainda era tratada como um objeto.

Na sociedade romana o casamento era um contrato, geralmente arranjado pelos pais do noivo, conforme Plínio (Cartas 1:14). A noiva trazia para o casamento duas coisas: seu dote e a virgindade. Os esposos tomavam conta dos investimentos que, porventura a esposa trouxesse para o casamento, mas, em caso de divórcio a lei romana estipulava que o valor que ela trouxe para o casamento lhe fosse devolvida – um avanço para a época.

O divórcio era algo comum nos casamentos da época, com a diferença de que a mulher poderia iniciar o processo do divórcio, o que não acontecia na sociedade judaica. O divórcio, depois de aceito pela sociedade romana, tornou-se vulgar e comum. A menor suspeita era motivo de separação.

Conta-se que Julio César ficou sabendo que sua esposa comparecera a um rito religioso que incluía orgia sexual e se divorciou afirmando que "a esposa de César deve viver acima da censura" (Plutarco, César, 10.6). Júlio César tinha a reputação de ser "marido de todas as mulheres e esposa de todos os homens" (Suetônio, César 52). Quer dizer, o imperador era suspeito de ser bissexual.

Demóstenes, o orador grego resumiu bem a cultura Greco-romana, prescrevendo que os homens devem "ter amantes por prazer, concubinas que os sirvam e esposas para que lhes dêem filhos legítimos (Oração, 59. 118-122).

Na sociedade romana dos dias de Jesus a prostituição era comum entre os senhores e escravos.

No contexto da igreja do NT Jesus estabeleceu dignidade e honra às mulheres. Estas passaram a ser ativas

ajudando a Jesus e os apóstolos em sua tarefa evangelizadora. Lucas 8.1-3 comprova que as mulheres libertas e curadas por Jesus, inclusive algumas da alta sociedade, como a esposa de Cuza procurador de Herodes acompanhavam a Jesus no ministério.

A mulher de Zebedeu, mãe de João e de Tiago também acompanhava a Jesus (Mt 20.20). Na crucifixão de Jesus lá estavam as mulheres (Mt 27.56). E na ressurreição as mulheres foram as primeiras a fazer a proclamação (Mt 28.1-10).

5) A Mulher E A Parceria Ministerial

Ao que parece as esposas de alguns apóstolos os acompanharam na missão evangelizadora, porque Paulo defende seu direito e o de Barnabé de levarem consigo esposa, ou uma irmã (1 Co 9.5).

No texto percebe-se a indicação de que os demais apóstolos levavam suas esposas consigo e também a esposa de Pedro o acompanhava: "... como fazem os demais apóstolos, e os irmãos do Senhor, e Cefas?".

Que as mulheres se tornaram ativas na igreja pode ser visto nas cartas de Paulo quando elogia e enaltece o trabalho daquelas mulheres na igreja. Priscila, esposa de Áquila merece destaque de mulher trabalhadora e ensinadora, porque ela é quem expõe a Apolo os fundamentos da Fé em Cristo (Veja os textos de (At 18.2,18, 24-28; Rm 16.3; 1 Co 16.19).

Os historiadores acenam com a possibilidade de haver sido Lidia, a vendedora de púrpura de Atos 16.14-15 a fundadora da igreja de Tiatira, porque era daquela cidade e vendia púrpura (Ap 2.18 e ss.).

6) Amor - Um Novo Conceito

O amor de marido para mulher é um conceito novo estabelecido pelos apóstolos de Jesus Cristo, porque as mulheres eram tratadas como pessoas de segunda categoria, que nem sempre tinham nomes. Como já foi mencionado, uma mulher ao nascer recebia o nome do pai. Assim, se o pai se chamava João a

primeira filha era Joana, a segunda, Secunda, a terceira Tércia e assim sucessivamente.

As mulheres nem eram contadas nos censos do governo, e nem mesmo os escritores do NT as mencionam com frequência porque este era o padrão da época. Basta ver o registro de Mateus 14.21: "Os que comeram foram cerca de cinco mil homens, além de mulheres e crianças". Elas não eram contadas.

Cícero dizia: "*Nossos ancestrais decretaram que as mulheres, por serem intelectualmente mais pobres, deveriam ter guardiães que as protegessem*" (Pró Murena 12.27).

Deve-se levar em conta nesta análise que os esposos eram sempre bem mais velhos que as esposas, porque estas se casavam a partir dos 12 anos de idade e seus esposos eram para elas como pais ou protetores.

Os apóstolos inovaram instruindo aos homens a que amassem suas esposas e o amor por elas deveria seguir um padrão elevadíssimo:

> *"Maridos, amai vossa mulher, como também Cristo amou a igreja e a si mesmo se entregou por ela" (Veja o texto de Efésios 5.22-33).*

Amar, para os homens do primeiro século da igreja cristã era um novo conceito, e o padrão do amor igualando-se ao amor de Cristo pela igreja é elevadíssimo! A submissão da mulher ao esposo é automática quando esta se sente amada pelo marido. Pedro, apóstolo que costumava viajar com sua mulher – de quem nem sabemos o nome – estabelece princípios de igualdade no matrimônio ao solicitar que os maridos vivam de maneira igualitária a vida comum do lar, isto é, que participe de tudo o que diz respeito à casa.

Estabelece ainda Pedro que a mulher deve ser tratada com respeito e dignidade, isto é, tratada como herdeira da mesma graça de Jesus Cristo, portanto, deveriam esposo e esposa serem "fraternalmente amigos, misericordiosos, humildes, não pagando mal por mal ou injúria por injúria..." (Veja 1 Pe 3.7-12).

Numa sociedade machista, o amor estabelecia dignidade e respeito entre homem e mulher.

Atividades – Lição I

- Marque "C" para Certo e "E" para Errado:

1) [E] No NT Deus deixou regras e princípios claros a respeito da terra, sua divisão, herança e venda da terra.

2) [C] O que caracteriza a legislação em Levítico é o fato que, depois da invasão de Canaã por Israel, a divisão da terra por lotes foi enfatizada como uma herança do Senhor a ser passada de geração em geração.

3) [C] Sob condições normais da lei, quando um pedaço de terra é vendida (alugada), o vendedor tem o direito de redimir a terra a qualquer momento indenizando o restante do aluguel.

4) [C] O cenáculo, geralmente era um cômodo amplo construído no telhado ou na parte de cima da casa.

5) [C] O quadro "Última Ceia" de Leonardo Da Vinci não retrata com fidelidade a ceia de Jesus com seus discípulos, pois não se usavam mesas altas, e sim mesas baixinhas.

6) [C] O manto ou túnica era peça fundamental na antiguidade, e Deus orientou o povo de Israel que se alguém empenhasse sua túnica como penhor num negócio, deveria tê-la de volta antes do anoitecer (Dt 24.11-13). Esta era a lei para ricos e pobres, porque a túnica era usada a noite como cobertor.

Lição II

A Vida em Família e na Sociedade

A VIDA DO LAR - A FAMÍLIA

(Continuação)

III) A VIDA DO LAR - A FAMÍLIA

A) OS RELACIONAMENTOS FAMILIARES (Continuação)

7) OS FILHOS

Enquanto na sociedade hebraica os filhos eram ensinados e treinados desde cedo a temer a Deus e a obedecer as leis, como visto na aplicação das leis e dos mandamentos de Deuteronômio 6, quando desde pequeninos aprendiam as palavras da lei e memorizavam os principais mandamentos, na sociedade romana dos dias de Cristo era diferente.

Educar corretamente os filhos era obedecer aos mandamentos divinos. Um filho homem era mais valorizado que filhas mulheres.

O direito a herança teve que ser modificado ainda no AT quando as mulheres não tinham direito a herança da terra de seus pais. O caso das filhas de Zelofeade permitiu que Moisés sancionasse uma nova lei quanto a herança de terras. Este homem teve cinco filhas, e pelas leis vigentes elas não teriam direito a distribuição de terras. Elas reivindicaram seus direitos a Moisés, que consultou o Senhor e este lhe disse: "As filhas de Zelofeade falam o que é justo" (Nm 27.1-11). Deus, então, lhes deu direito a distribuição de terras.

As crianças tinham também seus momentos de divertimento, e não apenas estudo. A história registra que havia na ocasião chocalhos, apitos, tipos de bolas com as quais improvisavam

jogos, balanços fixados em galhos de árvores, e bonecos tipos marionetes, em que as crianças brincavam de fantoches.

Algumas crianças tinham um tipo de bolinha de gude feita de argila, e, ao que parece brincavam de amarelinha, pois foram descobertos calçamentos semelhantes aos usados nesta brincadeira. Muitas famílias tinham tabuleiros de jogos, e o xadrez já existia na época, bem como o jogo de dados.

O grande desejo dos casais era o de ter muitos filhos, e um sinal evidente de que eram abençoados por Deus era o tamanho da prole. Quanto mais filhos, mais abençoados (Sl 127.3-5).

Na sociedade do NT o ambiente sócio-familiar dos gregos e romanos era diferente. As escravas eram forçadas a manterem relação sexual com seus senhores, e os filhos ilegítimos eram criados escondidos em seus domínios.

Como a mulher da casa não podia se vingar do marido, vingava-se da escrava, diz Ovídio em *Amores* 2.7; 2.8.

Vale destacar que, entre os hebreus quanto entre os Greco-romanos não havia a figura do adolescente. Assim que entravam na puberdade os meninos e meninas eram preparados para o casamento.

As moças se casavam muito cedo, e os rapazes ao redor dos 16 anos de idade. Plínio conta que aos 17 anos assumiu os negócios da família e aos 18 anos de idade fez seu primeiro discurso. Os filhos eram levados à maturidade o quanto antes.

Na sociedade romana os meninos e meninas eram criados juntos até os sete anos de idade. Nesta idade, os meninos iam para a escola e as meninas começavam a aprender as lides doméstica. As escravas ou as mães se encarregavam de ensiná-las a ler e a escrever, dando-lhes o ensino fundamental.

Quando as mulheres eram ensinadas no mesmo nível dos homens causavam ciúmes. Juvenal comentou que algumas mulheres dominavam os temas à mesa do jantar (Sátiro 6.434), e a Júlia, filha de Júlio César conversava sobre filosofia com muita desenvoltura, afirma Macróbrio (Saturnália 2.5).

O menino ia pra escola ao alvorecer e ficava até o anoitecer e precisava memorizar grandes volumes da Ilíada e da Odisséia de Homero. Os professores, escravos ou não reclamavam do baixo salário que recebiam. Juvenal afirmava que alguns músicos que apenas divertiam platéias ganhavam mais num dia do que um professor durante um ano – nada mudou desde então (Sátiro 7.175).

a) *Infanticídio*

Abandonar os filhos e sujeitá-los à morte fazia parte do sistema romano. E o exemplo vinha de cima, dos imperadores. Cláudio foi o único imperador a ter dois filhos. Seu enteado Nero que o sucedeu no império assassinou os dois filhos de Cláudio, e nenhum imperador do segundo século teve um filho que crescesse e se tornasse adulto. Isso só aconteceu no tempo de Marco Aurélio (161-180 d.C).

Um pai podia recusar-se reconhecer a paternidade de uma criança, e isto acontecia com frequência se a criança nascesse deformada. A aristocracia romana costumava abandonar seus filhos num canto da cidade e deixá-los ali para morrer. Quando isto acontecia, as crianças eram resgatadas por famílias que não podiam ter filhos ou por mercadores de escravos que os criavam para mais tarde negociá-los no mercado.

Um documento antigo do primeiro século, relata o que um marido escreveu à sua esposa: "*Se a criança for uma menina, abandone-a*".

Uma história registrada por Apuleio no *Burro de Ouro* 10.23, relata a história de uma mulher que se recusou a obedecer este tipo de ordem e entregou sua filha recém-nascida a uma vizinha para que a criasse.

Clemente de Alexandria criticava os ricos do terceiro século por abandonarem seus filhos, e manterem em casa animais de estimação. Plínio, o jovem governador da Bitínia, não sabia o que fazer com os enjeitados que alcançavam a maioridade (Cartas 10.65) e Tertuliano fala da crueldade que havia na época de jogar

fora os bebês deixando-os morrer de frio, de fome e comido pelos cães (Apologética 9.7).

Existem registros na história da igreja de que os cristãos se comoveram com a maneira como a sociedade romana tratava as crianças, os doentes e os leprosos e a igreja cuidava dessa gente dando-lhes abrigo, alimento e amor.

A igreja se destacou na sociedade romana não apenas pelos milagres que realizava, mas pelas boas obras que praticava. "Nenhum necessitado havia entre eles" (At 4.32-35), característica que marcou a igreja não apenas em Jerusalém, mas em todo o império romano.

Em vez de suntuosos templos, abrigos para os pobres; em vez de riqueza pessoal, distribuição de bens.

8) Os Familiares

O estudante deve analisar, a seguir, como a sociedade do AT e também a sociedade do primeiro século tratava de seus familiares, órfãos e viúvas.

Na nova sociedade que Deus implantou através da nação de Israel, as leis de proteção à família eram bem claras. O que a sociedade brasileira está fazendo hoje em relação a crianças e velhos os judeus estabeleceram com mais propriedade milênios atrás.

No AT Deus estabeleceu leis a respeito das viúvas, dos pobres e dos órfãos.

Vejamos como eram essas leis.

a) As Viúvas E Órfãos

Uma das preocupações era com as viúvas e órfãos, que devido a guerras e disputas tribais existiam em grande quantidade por toda parte.

Uma mulher viúva no AT, ao que parece, ficava desprotegida e seu único amparo era dos filhos e dos parentes mais

próximos. Deus afirma que se a viúva for oprimida socialmente, ele sairá em defesa dela e também do órfão (Ex 22.22-24).

Deus se apresenta como o protetor das viúvas, dos órfãos e dos peregrinos e estrangeiros: "que faz justiça ao órfão e à viúva e ama o estrangeiro, dando-lhe pão e vestes" (Dt 10.18; Sl 146.9).

O dízimo do terceiro ano, isto é, a cada sete anos, no ano terceiro, o cidadão distribuía seu dízimo com os levitas, pobres, e necessitados em sua cidade (Dt 14.29; 26.12-13).

A viúva era lembrada em cada celebração ou festa (Dt 14.29; 16.11,14). E de nenhuma viúva se podia tomar as vestes como penhor de algum empréstimo (Dt 24.17). As leis sempre se lembram da viúva e do órfão porque os dois estão interligados. Morria o chefe da família na guerra, a viúva tinha que cuidar dos seus filhinhos órfãos.

Na época da colheita o proprietário não podia apanhar do chão os ramos de trigo e da cevada que deixara cair, tinham que deixar na árvore as bagas da azeitona que ficavam nos galhos depois que a árvore era sacudida, nem podia colher pelos cantos da propriedade que era deixado para os pobres e para as viúvas. As uvas que ficavam no pé eram deixadas para os necessitados (Dt 24.19-21).

A maldição foi proferida contra os que pervertiam os direitos da viúva, do órfão e do estrangeiro (Dt 27.19).

Esta lei permitiu que Rute catasse os ramos de trigo que Boaz deixava cair pelo campo. Depois que notou que uma bela jovem saía à cata de comida pediu aos seus empregados que propositadamente deixassem cair os raminhos pelo campo (Rt 2.1 ss.).

Jó afirma que cuidava dos necessitados e das viúvas (Jó 29.11-12).

Uma viúva foi acudida por Eliseu que multiplicou o azeite de sua botija. Vê-se nesse caso como as viúvas e os órfãos ficavam desprotegidos quando o chefe da casa falecia.

Neste caso, a viúva teria que pagar as dívidas deixadas por seu marido, e como não tinha dinheiro seus filhos teriam que ser vendidos como escravos (2 Rs 4).

Uma das razões porque o juízo de Deus veio sobre Jerusalém e a cidade foi destruída é porque não cuidou de seus órfãos, viúvas e pobres. O profeta lembrou ao povo que essa era uma das razões do juízo de Deus (Jr 7.6-7; 22.3).

b) Peregrinos

No AT os estrangeiros e peregrinos deveriam obedecer as mesmas leis que os hebreus. A lei era para o judeu e para o peregrino e estrangeiro (veja Lv 17.8-13; Nm 15.30).

Mas, os hebreus deveriam ter um cuidado especial com os forasteiros e peregrinos, e Deus sempre lembrava aos seus filhos, os israelitas que eles também foram pobres e peregrinos em terra estranha, e que, portanto, deveriam ter sempre isto em mente (Lv 19.36; Dt 10.19).

E, nos dias de hoje como a igreja trata os peregrinos e estrangeiros? Aqueles que migram para outros países perseguidos por sua fé, ou por necessidade de sustento?

c) Os Pobres

Estes eram protegidos pelas leis de Moisés. O estudante pôde ver que a cada sete anos, no terceiro ano, o dízimo era deixado nas cidades e distribuído entre os pobres (Dt 14.28-29).

1) A cada sete anos os pobres tinham suas dívidas perdoadas para que pudessem recomeçar a vida (Dt 15.1-4).

2) Se um israelita se tornasse escravo, por alguma circunstância, no sétimo ano deveria ser alforriado e indenizado devidamente (Dt 15.12-18).

3) Era a previdência social daqueles dias estabelecida por Deus. Se alguém emprestasse dinheiro a um pobre judeu necessitado, não podia exigir juros dele; poderia fazê-lo dos que não eram judeus (Ex 22.25).

d) O Cuidado Dos Pobres, Órfãos E Peregrinos No Novo Testamento

Vê-se pelos registros do NT que a igreja cuidava dos órfãos, dos pobres e das viúvas. A primeira crise na igreja surgiu pela murmuração dos gregos de que as viúvas gregas e seus órfãos não recebiam o mesmo cuidado que as viúvas dos hebreus (At 6.1-2).

Paulo estabeleceu algumas regras quanto o cuidado e comportamento das viúvas. Viúvas jovens, diz ele, devem se casar novamente (1 Tm 5.14).

Ele estabeleceu uma diferença entre a verdadeira viúva, aquela que não tinha parente algum pra cuidar dela, da que tinha filhos ou parentesco (1 Tm 5.4-5). Só deveria ser considerada viúva verdadeira a mulher que não tinha onde se amparar. Esta deveria depender de Deus (1 Tm 5.5). Os parentes devem cuidar das viúvas de seu parentesco (1 Tm 5.8).

As viúvas inscritas para receber provimento dos irmãos da igreja deveriam preencher certos requisitos que hoje seriam difíceis de serem preenchidos. Deveriam ter mais que sessenta anos de idade. Ora, chegar a essa idade era bem difícil e deveriam ter sido esposa de um único marido e deveriam ser "recomendada pelo testemunho de boas obras, tenha criado filhos, exercitado hospitalidade, lavado os pés aos santos, socorrido a atribulados, se viveu na prática zelosa de toda boa obra" (1 Tm 5.10).

Alguns comentaristas acreditam tratar-se da primeira ordem de caridade da igreja. As verdadeiramente viúvas eram ajudadas financeiramente e se envolviam na tarefa de socorrer os necessitados, uma espécie de ordem diaconal composta por viúvas.

Luciano, na obra *Morte de um Peregrino* compõe uma sátira a respeito de um charlatão de nome Proteu Peregrino que se deixou passar por um prisioneiro e se fez de cristão para saber como estes se comportavam diante dos problemas das pessoas. "Os cristãos removiam todos os obstáculos na tentativa de libertá-lo. Quando não conseguiram, trataram de suprir suas necessidades na

prisão. Desde a madrugada algumas mulheres, viúvas e órfãos punham-se às portas da prisão... tentando levar comida e ajuda aos presos, nem que para isto tivessem que subornar os guardas da prisão" (Bruce, em Spreading Flame, p 190).

É sabido pela história e pelo comportamento da igreja que os órfãos, as viúvas e os peregrinos recebiam um cuidado especial dos irmãos da igreja. Nenhuma viúva ou órfão ficava desamparado. Na reunião ágape (mais tarde transformada em "Ceia do Senhor"), toda a igreja se reunia para comer uma refeição comum. Paulo corrige os excessos que havia nessas refeições (1 Co 11.20-22).

Na igreja do NT havia um senso de ajuda mútua entre as igrejas, afirma F.F. Bruce: "As igrejas eram independentes administrativamente, cada uma delas governada por seus bispos ou anciãos, mas um senso de ajuda mútua existia entre elas que as unia em Cristo" (BRUCE, *The Spreading Flame*, Eerdmans, p 189).

9) Os Escravos

Os escravos merecem atenção especial neste estudo. Hoje é difícil entender a situação dos escravos nos tempos bíblicos, no império romano e até meados do século dezenove, porque várias gerações cresceram sob o signo da liberdade sem experimentar a escravidão total. Já imaginou uma pessoa ser adotada como escrava desde o nascimento, crescendo apenas para ser subserviente do patrão? Sem direito algum?

Antigamente todas as sociedades sobreviviam com a prática iníqua da escravidão. Era natural na cultura antiga que os vencidos se tornassem escravos dos vencedores. Isto pode ser visto na história antiga e também na história bíblica. Dificilmente a mente do estudante moderno consegue entender esta prática social dos povos antigos, porque todos estão acostumados à liberdade e têm a seu dispor uma legislação que os incita à liberdade.

Obviamente que existe ainda hoje um tipo de escravidão social velado, isto é, governos e empresas que mantêm um sistema quase escravagista que oprime pessoas indefesas. Sem

entrar aqui no mérito dessa questão, o estudante deve conhecer, então, como funcionava a escravatura nos dias do AT.

Na época dos patriarcas, José foi despido de sua capa e vendido aos ismaelitas como escravo, e depois revendido aos egípcios. Certamente seus pés e mãos foram atados com grilhões, conforme diz o Salmo 105.18: "... cujos pés apertaram com grilhões e a quem puseram em ferros".

Por ter experimentado a escravidão no Egito os judeus aprenderam que deviam diferenciar o escravo hebreu dos escravos comprados de outros povos, ou feito escravos em época de guerra.

Em Israel, por exemplo, o escravo tinha que obedecer às mesmas leis dos hebreus, no tocante aos sacrifícios, ofertas etc.

a) O escravo comprado por dinheiro e que se submetesse ao ritual da circuncisão poderia comer da Páscoa dos hebreus (Ex 12.44).

b) Se um escravo levasse uma surra e perdesse um olho ou ficasse severamente ferido, tinha de ser alforriado (Ex 21.26-27).

c) Havia punição para o senhor que matasse seu escravo (Ex 21.20). Caso o escravo sobrevivesse por alguns dias, seu dono não seria punido.

d) Um judeu que empobrecesse poderia servir de escravo apenas durante seis anos. No sétimo ano tinha que ser alforriado ou liberto (Ex 21.2). Caso se tornasse escravo sozinho, sozinho sairia da casa do patrão; e se era casado, sairia com sua mulher (Ex 21.3). Agora, caso se tornasse escravo ainda solteiro e seu senhor lhe desse mulher, ao sair tinha que deixar a mulher e os filhos com seu senhor, por isso, muitos deles decidiam voluntariamente furar a orelha – nem tanto por amor ao seu dono, mas por amor à sua família (Ex 21.5-6).

e) Uma escrava hebréia que fosse vendida por seu pai à escravidão (isso geralmente acontecia quando a dívida do pai era muito grande), e ela não gostasse do homem que queria desposá-la como esposa, tinha direito a liberdade através de resgate e em hipótese alguma poderia ser vendida como escrava a outros povos (Ex 21.8).

f) No caso de casar-se com o filho do seu senhor, deveria ser tratada como filha (Ex 21.9). E mesmo que seu patrãozinho se casasse com outra mulher, teria que ser sustentada mantendo seus direitos conjugais, "se não fizer estas três coisas, ela sairá sem retribuição, nem pagamento em dinheiro" (Ex 21.10-11).

g) O escravo fugitivo que se refugiasse noutra casa, não podia ser devolvido ao seu senhor "Não entregarás ao seu senhor o escravo que, tendo fugido dele, se acolher a ti" (Dt 23.15).

Os hebreus deveriam sempre se lembrar de que foram escravos na terra do Egito, por isso era seu dever tratar bem os escravos que estavam em seu poder (Dt 24.18,22).

Israel mantinha o tráfico de escravos de outras nações, e os escravos vindos de outros povos não tinham a mesma garantia de que poderiam ser algum dia libertos novamente, como o eram os escravos hebreus.

A Escritura relata o caso de uma menina que foi aprisionada e levada como escrava para a Síria, onde servia na casa do comandante Naamã (2 Rs 5.2-4). Mas, os judeus também faziam escravos de outras nações, como afirma o texto de Nm 31.11-12. Não apenas os despojos da guerra foram trazidos a Moisés e Arão, mas também os prisioneiros, tanto de homens como de mulheres.

Houve um episódio em que os judeus fizeram prisioneiros a seus irmãos judeus quando o exército de Israel derrotou o exército de Jerusalém (2 Cr 28.7-10), mas um profeta de nome Obede não permitiu que isto acontecesse em Israel. Eram cerca de 200 mil pessoas.

10) A Marcação Dos Escravos

O escravo hebreu, nos primeiros seis anos não podia ser marcado ou ter a orelha furada, apenas se o quisesse a partir do ano sétimo. Neste caso o hebreu era levado aos anciãos da cidade e na presença destes a orelha era furada com uma sovela (Ex 21.6; Dt 15.17). Outras formas de se marcar um escravo eram as tatuagens no corpo (Ez 9.4).

Quinhentos anos antes de Cristo, os escravos do povo de Israel eram marcados com o nome do seu senhor gravados no pulso. Durante a Segunda Grande Guerra os judeus eram também marcados pelos nazistas alemães com tatuagem no corpo que os identificava como judeus.

a) O Escravo Em Israel

Em Israel um escravo hebreu poderia ajuntar riquezas e até comprar terras. Ou poderia ser resgatado por algum parente mais rico (Lv 25.49). Isto é tão-verdade que o escravo que acompanhava a Saul afirmou possuir o quarto de um siclo de prata (1 Sm 9.8), e Ziba, o escravo de Saul, possuía também vinte escravos (2 Sm 9.10).

Veja agora como era a escravatura no NT. Nos dias dos apóstolos a escravidão fazia parte do sistema sócio-político da época. Em certo sentido os hebreus eram escravos dos romanos e a liberdade deles era cerceada e limitada pelas leis romanas. Roma dominava as nações da terra e controlava o povo e a economia.

Um cidadão romano podia viajar por todo o império com segurança e liberdade, porque seu passaporte romano o permitia. Mas, os que não eram cidadãos romanos precisavam pedir permissão ou conseguir um salvo-conduto para poder se deslocar pelo império.

As traduções do NT não permitem ao estudante ter uma idéia clara do que era ser escravo naqueles dias, porque na maioria das traduções é usada a palavra servo, quando o certo seria usar a palavra escravo. O termo *doulos* é escravo, enquanto servo é a tradução do substantivo *diakoneo*, ou diácono, um servo. Ora, servir e ser servo à luz da palavra diácono é uma coisa; mas quando Paulo usa *doulos* sempre tem outro sentido, que é o de escravo, sem nome e sem direito algum. "Paulo, servo de Jesus Cristo" (Rm 1.1). Aqui é escravo de Jesus Cristo.

Ainda que a palavra *doulos* fosse traduzida como *escravo* em nossas versões bíblicas, o estudante não teria compreensão correta do sentido desta palavra, como os irmãos

possuíam naquele tempo. Assim, quando Paulo afirma que era um *doulos* de Cristo todos compreendiam que ele não tinha direito civil algum; que não era dono de si mesmo; que tinha um senhor sobre ele e que fora marcado como escravo para sempre.

b) O Escravo Na Sociedade Greco-Romana

Os escravos eram a base da pirâmide social do império. Em Roma escravos e senhores provinham da mesma etnia. Sêneca escreveu que uma proposta foi apresentada no senado para que todos os escravos usassem o mesmo tipo de roupa, e alguém lembrou que se isto acontecesse os escravos se dariam conta de que eram maioria em comparação com a população livre (De Clementia 1.24).

Quando o escravo era liberto tinha direito à cidadania, um documento cobiçado por todos no império romano. Alguns escravos libertos continuavam a servir seus antigos senhores, agora como seus patrões. Um dono de escravos investia grandes somas de dinheiro neles, e zelava para que não lhes faltassem alimento e cuidados médicos. Um liberto nem sempre tinha essas regalias e precisava cuidar de si mesmo.

Plínio comenta que nunca acorrentava seus escravos e chegou a enviar um deles para a Riviera Francesa para que se recuperasse de uma enfermidade. Mas, nem todos os romanos cuidavam bem de seus escravos. Alguns eram cruéis e insensíveis com eles e Sêneca faz a estes severas críticas (Cartas, 47). Marcial descreve uma mulher que espanca uma menina porque esta não havia penteado corretamente sua dona, e cita outro senhor que cortara a língua de seu escravo e o crucificara.

O mau-trato aos escravos era tão comum que a cidade de Atenas separou um local de refúgio para onde os escravos fugiam quando eram espancados. Sêneca afirma que não via diferença entre uma pessoa livre e uma escrava, a não ser pelo fato de haver nascido nesta condição por acidente ou por algum infortúnio político.

Paulo conhecia tão bem essa situação que escreveu: "Dessarte, não pode haver judeu nem grego; nem escravo nem liberto; nem homem nem mulher; porque todos vós sois um em Cristo Jesus" (Gl 3.28).

Assim, formou-se outra classe social, a dos libertos. Estes antigos escravos tinham a oportunidade de ascender socialmente, como Macedo, amigo de Plínio, de origem pobre e humilde que conseguiu galgar altos postos na sociedade romana, adquirindo status e riqueza.

Os libertos, que antes haviam sido escravos, não podiam exercer cargos públicos, poderiam adquirir riquezas, como Horácio, filho de um liberto que se tornou amigo do imperador Augusto.

c) Como Os Apóstolos Trataram A Questão Da Escravatura

Vale observar que os apóstolos não se insurgiram contra o sistema social da época, ao contrário exigiam dos membros das igrejas total submissão aos senhores, aos reis e imperadores. Ele solicita aos cristãos que intercedam pelas autoridades, inda que estas naqueles dias perseguissem e matassem os cristãos (1 Tm 2.1-3).

Exemplo claro está na carta que ele envia a Filemom a respeito de Onésimo, um escravo a quem Paulo conheceu na prisão. Por uma casualidade, ao conversar com Onésimo, Paulo lhe fala que conhecia seu patrão, Filemom, e envia ao senhor de Onésimo uma carta pedindo que aceite de volta seu antigo escravo e que o trate com benevolência. E pede que o receba para sempre, não como escravo; antes, muito acima de escravo, como irmão caríssimo (Fm 15-16).

Em suas epístolas Paulo recomenda que o escravo – traduzido como servo – sirva seu senhor como se estivesse servindo a Cristo (Ef 6.5 – aqui também servo é a tradução de *doulos*, escravo). Quando Paulo roga, "servos, obedecei em tudo ao vosso senhor segundo a carne" (Cl 3.22) refere-se aos escravos. O escravo

não tinha direitos e dependia inteiramente da benesse e dos cuidados do seu senhor. Paulo e os demais apóstolos nunca se insurgiram contra o sistema social da época, e desconhecemos a razão deste posicionamento. Diferentemente de João Wesley que pregava aos mineiros e exigia o fim do trabalho escravo na Inglaterra.

Nos dias atuais, com a visão democrática globalizada imediatamente as pessoas se insurgiriam contra o sistema escravagista.

B) Aspectos Sociais De Família

1) Filhos

a) O Direito De Primogenitura

Uma questão que os povos de hoje não conseguem entender é quanto ao direito que tinha o filho primogênito. O caso da disputa entre Jacó e Esaú revela o costume daqueles dias. O primogênito recebia, em primeiro lugar, a bênção paterna, que era de grande importância. Ao que parece era um procedimento dado por Deus, ainda que não se tenha uma lei específica a respeito. A rejeição ao direito à primogenitura é citado em Hebreus como um desprezo a Deus ao afirmar que Esaú "separou-se da graça de Deus" (Hb 12.14-17).

Jacó poderia ter dito ao seu pai que o abençoasse em primeiro lugar, porque ele havia comprado o direito que pertencia a Esaú, só que Jacó não quis revelar ao pai a negociata.

Alguns comentaristas afirmam que o direito à primogenitura dava direito à posse de toda a herança, e outros de que o primogênito recebia herança dobrada, mas nenhuma dessas suposições tem base bíblico-histórica total.

b) Os Cuidados

É preciso analisar a família a partir do nascimento. Nas famílias mais abastadas, os filhos, ao nascerem eram geralmente

entregues às escravas para serem criados, costume que continuou por milênios e que até bem pouco tempo atrás era comum na Europa e aqui no Brasil. Isso pode ser visto nas famílias patriarcais de Abraão, Isaque e de Jacó e ainda que a Bíblia não deixe claro essa cultura, este era o costume dos povos. Pode-se ter um vislumbre de como isto acontecia quando Salomão nasceu.

Davi o entregou para ser criado pelo profeta Natã (2 Sm 12.25). Felizmente Salomão teve melhor sorte porque foi criado por um profeta temente a Deus, o que raramente acontecia com os filhos que eram criados por escravos.

Paulo usa este costume para falar da lei e da graça. Ele afirma que o filho enquanto é menor em nada difere de escravo, ainda que seja senhor de tudo (Gl 4.1). E a criança fica sob a tutela dos curadores e tutores até certa idade, o tempo determinado pelo pai (Gl 4.2).

As palavras gregas indicam um guardião (epitropos) – para tutores – e mordomo (oikonomos) para curadores, a mesma palavra grega usada para mordomo de uma casa (oikós – casa).

Paulo compara os novos crentes a crianças que estavam debaixo de tutores e mordomos até que veio Cristo e os resgatou à posição de filhos, por isso afirma que este filho já não é mais escravo, porém filho, sendo filho, herdeiro de Deus.

Era costume nos dias do NT, entre os judeus, o pai levar seu filho aos anciãos que se reuniam à porta da cidade, ou no pátio do templo (no caso de Jerusalém) e publicamente declarar que aquele filho deixava sua posição de criança e assumia como filho toda responsabilidade como herdeiro do pai. E Deus fez isto com seu Filho declarando publicamente: "*Este é meu Filho*" (Mt 3.17). Ali o Pai declarava o Filho como herdeiro.

Era nessa condição que o filho se casava e trazia sua mulher para a casa do pai, porque ainda não era herdeiro totalmente de tudo, e submetia-se a autoridade paterna até que o pai viesse a falecer ou ficasse muito velho.

2) Circuncisão

Ao oitavo dia o menino era levado ao sacerdote de sua vila ou da cidade para ser circuncidado. Assim Deus deu ordens a Abraão (Gn 17.10 e ss.).

Afirmam alguns que era uma prática comum entre os egípcios, mas não existem provas de que isto seja verdadeiro. A raiz da circuncisão vem, isto sim, dos dias de Abraão. A circuncisão tornou-se um requisito obrigatório na Lei dada a Moisés (Lv 12.3). Isto era tão importante que, se o 8º dia caísse no dia de sábado, assim mesmo a circuncisão seria realizada.

Anos depois a circuncisão passou a ser uma figura da verdadeira circuncisão que deve ser feita no coração (Dt 10.16; 30.6; Jr 4.4; 9.25).

A prática, contudo, continua entre os judeus até hoje. A circuncisão tem benefícios para a saúde sexual do homem e da mulher.

3) Nomes

No AT os nomes eram dados para homenagear os parentes ou alguma entidade espiritual ou a algum deus que era adorado pelos povos. Poucos foram os nomes dados antes da pessoa nascer, como Isaque "riso" dado por Deus a Abraão, mas, cada nome era colocado numa criança conforme o caráter dela, ou numa alusão profética do que aquela criança seria no futuro.

Moisés (tirado das águas) mudou o nome de Oséias (salvação) para Josué (Javé é a salvação), porque Josué haveria de levar o povo para a Terra Prometida.

É fácil identificar a ocorrência desses nomes nas Escrituras, como o de Gideão que passou a ser Jerubaal (Deixe Baal contender), um deus adorado pelos povos que habitavam Canaã (Jz 6.32). Essas ocorrências eram comuns nos tempos do AT, cada família homenageando um parente, um deus ou algum evento.

Os judeus levados ao cativeiro receberam nomes de deuses adorados na Babilônia (Dn 1.6-7). Daniel, que no hebraico

quer dizer Deus é meu juiz, foi trocado para "senhor do tesouro confinado" ou Bel é senhor. Hananias, que quer dizer Deus tem favorecido foi trocado para "o grande escriba", e assim cada nome com novo significado.

No NT geralmente a criança recebia seu nome no oitavo dia quando era circuncidada, como João Batista, que os parentes queriam que fosse outro nome, mas Zacarias, seu pai recebera ordens do anjo de que o menino seria chamado João (Lc 1.12, 59) e Jesus, cujo nome foi dado pelo anjo a Maria (Lc 2.21).

Havia exceções, como no caso de Tomé que no aramaico quer dizer gêmeo. Ainda na época do NT permanecia a tradição de dar nomes que falassem de Deus, como Natanael (Deus deu) e Zacarias (Lembrado por Jeová). Lembre-se que os nomes de pessoas e de cidades no AT que tem *El* no nome, fazem referência a Deus, como Eliel, Otoniel, Jaaziel, etc. Betel (casa de Deus), etc.

No NT também se acrescentava um sobrenome quando era necessário para diferenciar aquela pessoa de outra na mesma cidade, como Simão Barjonas (Bar-Jonas) (Mt 16.17) indicando que era filho de Jonas. Bartolomeu (Bar) significando que era filho de Tolmai; e Barrabás – filho de um pai.

A forma grega comumente traz "Simão, filho de João" (Jo 21.17) ou ainda Simão, filho de Jonas (Jo 1.42). Algumas versões falam em João outras em Jonas.

Como o povo da época do NT falava dois idiomas ou mais, era comum colocar dois nomes numa criança. O nome Tomé (gêmeo no Gr), era também Dídimo (Jo 11.16); Cefas, pedra, era também Pedro (Jo 1.42). Outros eram nomes gregos, como Filipe (Jo 1.45) e André (Mt 4.18). Mas também recebia-se um sobrenome que indicava a pessoa com a cidade em que vivia. Judas Iscariotes (Mc 3.19); Maria Madalena, ou Maria de Magdala, uma cidade da Palestina, ou ligado ao partido que pertencia, como Simão, o Zelote (Lc 6.15).

Quanto a questão de como se procedia para entrar na idade adulta, o estudante viu no tema sobre a família.

4) Os Casamentos

O nascimento, casamento e morte eram eventos familiares que deixavam marcas na família.

Tanto no AT quanto no período do NT os casamentos eram arranjados pelos pais e não havia muita opção ao rapaz. A escolha do genro ou da nora tinha a ver com o futuro financeiro da família.

No caso da moça, se o casamento não desse certo, a mulher deveria voltar pra casa de seu pai, e isso causaria um problema de relacionamento entre as famílias, às vezes insolúveis.

Outra expectativa era de que a moça passaria a residir na casa dos sogros, e ficaria sob os cuidados atentos da sogra, por isso, todas essas questões eram levadas em conta pelos pais antes de firmarem contrato com seus filhos.

Se alguém soubesse da reputação de uma esposa, não permitiria que sua filha se submetesse aos cuidados de uma sogra servil, ou de um sogro ruim. No casamento a mulher passava a ser possessão do esposo tornando-se seu *beulá* e ela passaria a lhe chamar de baal, senhor mestre.

Além dessa cultura dos pais prometerem e arranjarem o casamento dos filhos – veja o caso de Abraão que manda buscar esposa para Isaque – os reis e imperadores detinham o poder de decidir com quem uma pessoa devia se casar. Adonias solicitou a Salomão que Abisague – a moça que esquentava o corpo envelhecido de Davi – lhe fosse dado por esposa (1 Rs 2.16-18). Veja 1 Sm 18.27; 1 Rs 11.19.

A forma como aconteciam os casamentos no período Greco-romano foi visto nas páginas anteriores.

5) Noivado

Tanto no antigo quanto no NT o noivado era um contrato feito entre os pais dos noivos. Consistia de um contrato

com os termos e as condições de ambas as partes. Ainda que os casamentos fossem arranjados quando as crianças eram pequenas, o contrato só era assinado quando surgisse uma perspectiva de casamento.

Por outro lado, nenhum dos pais queria fazer os pagamentos ou dar os dotes, por exemplo, se um dos lados estivesse prestes a morrer, e deixar viúvo ou viúva. Mesmo antes de se casar, um homem poderia passar a viver noutra terra, e, neste caso, como havia feito um contrato de casamento teria que dar carta de divórcio liberando a pessoa, mesmo sem haver se casado com ela.

O noivado era feito na presença de testemunhas, e, geralmente o noivo necessitava de certo tempo, para poder se preparar e arranjar o dinheiro do dote que seria dado aos pais da noiva. E isto requeria um prazo de um ou dois anos.

Neste sentido, Maria e José estavam prometidos um ao outro, mas não estavam casados. Ela estava desposada com José, mas não casada (Mt 1.18).

6) As Bodas

As bodas eram um tempo de muita festa e de alegria. Na antiguidade a festa, ocasionalmente era na casa da noiva, mas como a noiva teria que deixar a casa dos pais, o noivo passou a exigir que o casamento fosse na casa dele, assim, a noiva se mudava com tudo o que lhe pertencia para a casa do noivo. Se a noiva fosse uma campesina de alguma vila próxima, vestia-se de noiva e montada num cavalo ou jumenta, acompanhada por uma procissão de amigos, que dançavam a dança da espada e levavam consigo tudo o que era dela para a casa do noivo.

Em cidades maiores como Belém e Jerusalém o vestido da noiva era mais sofisticado e alguns convidados, amigos da noiva ajudavam a segurar o vestido até que ela chegasse à casa do noivo. Nesse dia, o noivo em vez de receber a noiva, ausentava-se indo pra casa de parentes até que tudo estivesse pronto.

Geralmente as bodas ocorriam a noite, para que os amigos de longe chegassem a tempo, e os que estivessem ocupados durante o dia pudessem comparecer. À noite, sentado entre os amigos, o noivo tinha que fazer o primeiro movimento em direção à noiva, e saía ao encontro dela, seguido pelos amigos que levavam tochas e lanternas para iluminar as ruas escuras da cidade.

Os que se posicionavam para ver a procissão passar davam gritos próprios de uma festa de casamento, e o som dos gritos de festa chegava até a casa dele, dando a conhecer que o noivo estava chegando. Só então os que estavam nas ruas felicitando o noivo voltavam para suas casas, enquanto os parentes e os convidados entravam na casa onde a festa começaria.

Esses costumes foram mencionados por Jesus aos seus discípulos quando lhes ensinava alguma lição. Eles entendiam o que Jesus queria dizer, enquanto nos dias de hoje as pessoas têm dificuldade de entender o sentido daquelas ilustrações. Por isso, o noivo podia se escusar de não comparecer a uma festa ou casamento (Lc 14.20). Era uma honra e privilégio ser convidado para uma festa, e uma afronta a quem o convidou se o convidado não pudesse comparecer (Mt 22.3,9).

Tarde da noite o convidado conseguia voltar pra casa (Lc 12.36). O noivo decidia a que horas compareceria nas bodas (Mt 24.42; 25.6, 13). O noivo deixava as pessoas esperando próximas a casa, com suas lâmpadas acesas, e quando ele chegava, abriam-se as portas e os convidados especiais entravam. É sobre isso que trata a parábola das virgens prudentes e das néscias.

Quando Jesus se refere aos dias de Noé em que as pessoas casavam e davam-se em casamento estava se referindo à preocupação das pessoas com as coisas do mundo, quando as pessoas esquecem a transitoriedade da vida, de que tudo passa rápido. Uma das marcas do novo Reino era que as demandas poderiam causar problemas na família (Mt 10.35-37; 12.46-49). Baseado nesta tradição Jesus apoiou o casamento comparecendo a um deles, e mencionou sua origem divina e a temporalidade de tal ato (Jo 2.2; Mt 19.4-6; 22.30).

Por fim, o relacionamento marido e mulher foi mencionado pelos apóstolos como tipo da intimidade de Cristo com a igreja (Ef 5.22-33). Em Ap 21.2 a nova Jerusalém é comparada a uma noiva do Oriente adornada para seu esposo.

7) Os Amigos Do Noivo

O que Jesus queria dizer que "o amigo do noivo... se regozija"? (Jo 3.29). Noutra parte ele fala em "convidados para o casamento" (Mt 9.15). São duas coisas diferentes. Na época de Jesus havia os "amigos" que ajudavam o noivo e a noiva.

Eram pessoas que faziam os preparativos da festa, tratavam dos dotes, cuidavam dos presentes que eram trazidos pelos convidados e arrumavam a câmara nupcial. Eram também responsáveis pela documentação necessária, e eram os que davam garantia de que a noiva era virgem.

Ouviam o que o noivo conversava com a noiva e isto lhes assegurava de que o trabalho que realizaram estava perfeito. No entanto, quem tem a noiva, disse Jesus é o noivo, os amigos do noivo, ao verem isso se alegram!

Havia ainda a câmara de dormir, e em alguns casos a suíte nupcial (Jz 15.1). Joel 2.16 usa uma palavra diferente, porque se trata de uma decoração, uma espécie de tenda, onde os noivos ficam fazendo juras de amor e confirmando o ato do casamento diante dos convidados. Trata-se da *huppah* que os judeus ainda usam como parte de sua tradição, nas terras por onde vivem dispersos. Não se trata de uma câmara nupcial onde o casal se recolhe a sós para as núpcias, e sim uma tenda bem ornamentada sob a qual ficam os noivos e o oficiante.

8) Poligamia

A prática de ter várias esposas era costume dos povos do Oriente e ainda existe em países de cultura não-cristã, como entre os muçulmanos. Jacó, um dos patriarcas era polígamo, sustentando duas esposas e várias concubinas.

Ainda nos dias de Davi, também polígamo e de Salomão, que mantinha um harém, a prática da poligamia era permitida, desde que o marido pudesse sustentar as esposas e os filhos sob a mesma condição, nada faltando pra elas. A lei de Moisés regulamentou a questão (Dt 21.15-17; Ex 21.10). Em alguns casos, como no levirato, em que a mulher viúva tinha o direito de se casar com o cunhado solteiro, e assim sucessivamente (Dt 25.5-10).

A poligamia existia por várias razões. Primeiro, a necessidade de ter um filho homem, como no caso de Abraão que tomou como mulher a Agar (Gn 16.3). Podia ser uma necessidade de amor, como Jacó que amava a Raquel, mas lhe foi dada Lia (Gn 29.18). Uma terceira situação era quando havia a necessidade de se fazer alianças políticas com outros reinos e entrava no contrato a filha de algum soberano (2 Sm 5.13-16; 1 Rs 11.1,3).

Por ser uma prática comum ainda nos dias do NT – apesar do protesto dos judeus conservadores – os apóstolos determinaram que na igreja o homem deveria ser marido de uma só mulher (1 Tm 3.2).

9) Morte E Sepultamento

Os gregos e romanos cremavam seus mortos, prática comum em certos países, e mais recentemente privilégio dos mais ricos no Brasil, porque é um processo caro. No entanto, os judeus reverenciam seus mortos, o que pode ser vista em várias passagens do AT e do NT.

Pode se ler o relato de Abraão que comprou um pedaço de terra para sepultar Sara, sua esposa (Gn 23.3-20). A cova onde Abraão sepultou a Sara existe até hoje em Hebrom, e está sob uma mesquita.

O Talmude fala que uma pessoa deve ser enterrada por duas razões: Por expiação e para que o corpo não seja desprezado, porque o corpo constitui a morada da alma, ainda que provisória. A alma não quer ver seu corpo desprezado, lançado num lugar qualquer, porque a alma é uma coisa sagrada, e o corpo que a

albergou tem também certa santidade igual a caixa ou a capa que cobre o rolo da Lei, por isso deve ser guardado com santidade. Além de que os judeus ao sepultar um morto demonstravam sua confiança e crença na ressurreição dos mortos. Jacó desejou ser sepultado ao lado de seus pais, porque confiava na ressurreição dos mortos e desejava ressuscitar ao lado deles (Torá, *Sêfer,* p 58).

Os mausoléus de família de cristãos e judeus nos cemitérios das cidades devem-se a crença de que todos ressuscitarão juntos no mesmo dia.

Logo que morria a pessoa era lavada (At 9.37), e enrolada em lençóis finos e perfumados com unguentos e óleos aromáticos (Jo 19.39-40). O rosto era envolto numa faixa de pano, e os braços e pés presos com ataduras feitas de panos e próprias para o sepultamento (Jo 11.44; 20.7). Neste momento chegavam as carpideiras contratadas pela família para prantearem o morto (Mt 9.23 cf. 2 Cr 35.25; Jr 9.17). Jeremias compôs uma lamentação que, certamente era cantada pelas carpideiras, mulheres profissionais do choro.

Uma das razões para que o sepultamento ocorresse imediatamente após a morte eram os problemas de ordem sanitária, porque o corpo logo entrava em estado de putrefação (At 5.6,10; 8.2), inda que retardassem o sepultamento, como no caso de Dorcas, porque mandaram chamar a Pedro (At 9.37 ss.). Geralmente o corpo era colocado numa padiola ou leito até ser posto no sepulcro (Lc 7.14; cf. 2 Sm 3.31; 2 Rs 13.21).

Foi por estar numa maca que o filho de uma viúva de Naim, quando Jesus deu ordem que se levantasse, assentou-se sobre a maca (Lc 7.15). Conforme o costume o morto era colocado na sepultura por amigos mais chegados, inda que existam casos de mortos que foram sepultados por várias pessoas do povo (At 5.6,10, cf. Ez 39.12-16).

Na frente do féretro[1] vinham as mulheres; depois as carpideiras contratadas, e os parentes e amigos seguiam mais atrás.

[1] s.m. Tumba; caixão mortuário; ataúde.

Ir a um funeral era uma demonstração de piedade, e o povo da cidade acorria ao evento. Entre os orientais modernos isto se chama "participação de mérito", um ato de que se espera recompensa divina (G.M. Mackie, *Bible Manners and Customs*, p 127).

Sepultavam-se os mortos nos tempos do NT fora dos muros da cidade (Lc 7.12; Jo 11.30; Mt 27.52,53) e comumente o morto era colocado numa cova comum ou numa rocha, geralmente num paredão rochoso. Os sepulcros em rochas eram tão grandes que cabiam até 13 corpos, mas geralmente sepultavam-se apenas oito corpos, três a cada lado da entrada e dois mais ao fundo.

A entrada da sepultura consistia de uma abertura pequena que era fechada por uma porta ou uma grande pedra – o *golel* – que era rolada até a boca da sepultura (Mt 27.66; Mc 15.46; Jo 11.38-39). Parece que o endemoninhado de Gadara costumava viver numa dessas sepulturas, ou numa sepultura escavada na terra, que eram comuns na Galileia (Wilson, *Recovering of Jerusalém,* p 369).

Os sepulcros eram pintados de branco, uma vez ao ano, depois da época das chuvas, e antes da páscoa, o que alertava as pessoas de que ali haviam sido enterrados mortos, e assim não se contaminavam (Mt 23.27 cf. Nm 19.16). E ainda que não tivessem o costume como o de nossos dias de colocar uma lápide sobre a sepultura com homenagens, os judeus consideravam um dever religioso cuidar da sepultura dos profetas (Mt 23.29).

C) HOSPITALIDADE

A prática da hospitalidade fazia parte das sociedades antigas, da mesma forma que aqui no Brasil décadas atrás era comum as famílias brasileiras serem conhecidas como boas hospedeiras. Uma das razões da hospitalidade nos tempos do AT e depois na época do NT era a ausência de hospedarias e de hotéis como hoje são conhecidos.

Os viajantes não tinham muitas opções quando chegavam numa cidade, a não ser a de esperar que alguém de bom coração os convidasse para passar a noite ou alguns dias em sua casa.

Mas, até a prática da hospitalidade era difícil nas cidades devido ao tamanho das casas. Era mais fácil achar alguém que acolhesse um viajante ou peregrino entre os nômades porque sempre havia uma lona disponível que servia de abrigo.

Não se tem muitos exemplos bíblicos de hospitalidade no AT, e no NT os apóstolos falam dela como uma das virtudes cristãs. No entanto, a hospitalidade de Abraão permitiu que ele hospedasse em sua casa anjos sem saber que eram anjos chegados do céu. Três anjos apareceram diante de Abraão com aparência de que chegavam de uma longa jornada, e Abraão seguindo o comportamento oriental os saudou e os convidou a descansar e se alimentar em sua casa. A sugestão de Abraão é de que os viajantes deveriam repousar, e depois de fortalecidos fisicamente poderiam seguir viagem (Gn 18.1-8).

Depois que os peregrinos seguiram viagem – só então Abraão percebeu que eram seres enviados por Deus – dois desses anjos-peregrinos foram acolhidos em Sodoma por Ló, sobrinho de Abraão. A cordialidade e a disposição de Ló ao ver dois peregrinos entrando na cidade salvou sua vida. Os dois se revelaram serem anjos do Senhor que vieram salvar a família de Ló da destruição de Sodoma. A mesma orientação os anjos-peregrinos ouviram de Ló: De madrugada vocês podem seguir viagem (Gn 19.1-2). Ló os convidou a passarem a noite em sua casa, e a comer com ele, sem saber que eram anjos.

Esses dois clássicos exemplos de hospitalidade indicam que a hospitalidade era vista como uma virtude por algumas pessoas – nem tanto pelos habitantes de Sodoma que não convidaram os dois peregrinos.

Na antiguidade receber em casa um peregrino deixava o dono da casa a par das notícias mundiais. Geralmente o viajante contava as novidades e falava dos costumes dos outros povos, dos acontecimentos ocorridos na nação, nascimentos, mortes, etc.

Em Juízes 19 temos o relato de um marido apaixonado que foi até a casa do sogro buscar a esposa que o havia abandonado. Chegando a Gibeá de Benjamim o homem, sua esposa

e seu servo ficaram na praça da cidade esperando que uma alma bondosa os hospedasse. Gibeá não era uma cidade muito acolhedora, "porque não houve quem os recolhesse em casa" e decidiram passar a noite ali mesmo na praça (Jz 19.15).

Era já noite quando um morador da cidade, que não era originalmente dali, mas de outra região passou pela praça e viu aquelas pessoas ali sentadas, e levou os viajantes para sua casa, "deu pasto aos jumentos; e tendo eles lavado os pés, comeram e beberam" (v 21).

A prova de que os habitantes de Gibeá não eram bons hospedeiros veio a seguir quando eles chegaram à casa em que estavam hospedados o casal, e pediram ao morador que lhes entregasse o homem para abusar sexualmente dele. Não podendo resistir a turba, entregou-lhes a mulher do levita, que veio a falecer como consequência do abuso sexual.

Este caso assemelha-se aos habitantes de Sodoma onde Ló estava vivendo: Os homens gostavam de manter relação sexual com outros homens.

Estudando-se alguns exemplos do AT percebe-se que a pessoa que ficava hospedada numa casa não gostava de ser um peso e colaborava com seu hospedeiro no que pudesse. É o caso de Eliezer que explicou a Rebeca que ele e seus homens tinham "palha, e muito pasto, e lugar para passar a noite" (Gn 24.25). Labão os recebeu e providenciou lugar para os peregrinos (vv. 31-33).

Anos mais tarde Jacó não quis ser pesado a Labão e se ofereceu para ajudar nas tarefas da casa e do campo (Gn 29.13-15).

Peregrinos eram bem recebidos em outros países, como Abraão no Egito e depois entre os filisteus (Gn 12.10 e ss.; 20.1-18).

Quando Deus deu as leis a Israel orientou o povo a respeito da hospitalidade (Lv 25.35). Este texto dá a entender que o peregrino era bem recebido pelos israelitas. Os peregrinos deveriam ser bem acolhidos (Ex 12.49 e Lv 19.33).

Uma das razões porque o povo judeu era um povo que acolhia o peregrino, era porque tinha noção da brevidade de sua vida e de que era peregrino na terra, como afirma o escrito no Salmo 119.19.

No NT os apóstolos recomendaram aos cristãos que fossem hospitaleiros. Três textos falam diretamente sobre hospitalidade (Rm 12.13; 1 Tm 5.10 e Hb 13.2) este último, talvez uma referência à experiência de Abraão e de Ló que acolheram anjos sem o saber.

Os apóstolos encontravam grande dificuldade em encontrar hospedarias, por isso dependiam da hospitalidade dos judeus e dos cristãos que os acolhiam em suas casas. Geralmente, entre os cristãos, os irmãos que viajavam a serviço do reino de Deus levavam consigo uma carta que os recomendava a alguma família ou aos santos de uma cidade. Paulo pediu aos irmãos de Roma que acolhessem a irmã Febe (Rm 16.1), e aos crentes de Filipo recomendou a Epafrodito pedindo-lhes encarecidamente que o recebessem, no Senhor, com toda a alegria e "honrem sempre a homens como este" (Fp 2.25-29).

Uma das qualidades que deveriam ter os líderes da igreja era que deveriam ser hospitaleiros (1 Tm 3.2; Tt 1.8). E não somente os líderes, mas os demais cristãos (1 Pe 4.9).

Nos dias Jesus a hospitalidade continuava a ser uma marca dos povos do Oriente. Havia poucas hospedarias – nem mesmo Maria e José encontraram lugar para se hospedar, e Jesus nasceu numa estrebaria.

Algumas casas dispunham de espaço, mas sem móvel algum. Os viajantes levavam consigo seus pertences. Até mesmo nos navios não havia camarotes como hoje, e as pessoas levavam seu equipamento para dormir e seu próprio alimento.

O dono da hospedaria, geralmente era pago para realizar trabalhos extras, como foi o caso do bom samaritano que prometeu pagar pelos cuidados que o hospedeiro teria com o homem que havia sido assaltado na descida para Jericó (Lc 10.35). Como Jesus não tinha sequer um lugar para reclinar a cabeça (Mt

8.20), dependia muito da hospitalidade de amigos, como André e Pedro em Cafarnaum (Mt 8,14) e dos três irmãos de Betânia, Marta, Maria e Lázaro (Jo 11.1-5).

Também aceitava ficar na casa de outras pessoas, como a de Simão, o leproso (Mt 26.6), na casa de Levi (Lc 5.29), ou na casa de um fariseu (Lc 7.36 ss.), e na casa de Zaqueu (Lc 19.5).

Por ocasião das grandes festas, aposentos eram colocados à disposição dos que subiam para adorar em Jerusalém (Mc 14.14). Quando Jesus enviou os setenta a pregar o evangelho, estes foram orientados a não levarem carteira com dinheiro, mas a se hospedarem onde fossem acolhidos (Lc 10.4 ss.). Eles deveriam abençoar os que os acolhiam e amaldiçoar os que não os hospedavam (v 5, 10-12).

Jesus deixou claro que os que recebessem os discípulos, estariam recebendo o próprio Jesus (Jo 13.20). O espírito de hospitalidade incluía não apenas comida e dormida, mas água para lavar os pés (Lc 7.44 cf. Jo 13.5).

D) Comodidades Nas Viagens

As pessoas caminhavam a pé e cobriam uma média de 30 quilômetros por dia, por isso tinham que planejar sua jornada, imaginando onde poderiam passar a noite. No NT algumas hospedarias dispunham de um mínimo de conforto, como alimento, forragem para os animais e mecânicos que consertavam as carroças.

As descobertas arqueológicas indicam que as hospedarias ficavam sempre próximas uma das outras, como uma região hoteleira, é claro que isso tem a ver com as hospedarias na época do império romano, um avanço para a época. Quando se encontrava uma boa hospedaria, por certo o império a havia requisitado, e mesmo que estivesse vazia ficava reservada a serviço dos funcionários do governo de Roma.

Paulo, como cidadão romano, certamente fez muitas de suas viagens por terra em ágeis carroças, transporte comum naqueles dias. E até mesmo Maria, a mãe de Jesus deve ter ido para

o Egito em uma carroça. A tradição pintou a viagem feita em lombo de mulo, mas a Bíblia nada diz a respeito.

E) Os Anjos Disfarçados

Os apóstolos incentivaram a virtude da hospitalidade usando como ilustração a experiência de Abraão e de Ló que hospedaram anjos, sem o saber (Hb 13.2). A capacidade que os anjos possuem de se manifestarem em figura humana, de se parecerem com os humanos, inclusive vestindo-se com as roupas da época é impressionante.

A princípio Abraão não percebeu que eram anjos, do contrário não se ofereceria para lhes lavar os pés e lhes dar comida. Não se sabe em que momento Abraão percebeu que anjos o visitavam, e o que impressiona neste episódio é a capacidade que os anjos têm de se alimentar e de se comportar como os humanos. Ló também não percebeu que eram anjos, e os homens de Sodoma viram que os hóspedes de Ló eram lindos, certamente fortes e de corpos esbeltos e queriam possuí-los. Aqueles anjos falavam em nome dos céus, porque disseram a Ló "pois vamos destruir este lugar" (Gn 19.13).

Outros episódios nas Escrituras indicam que as pessoas não se davam conta de que eram anjos que falavam com elas. O diálogo de Gideão com o visitante dá a entender que ele não sabia tratar-se do anjo do Senhor, porque não se assustou e contestou o que aquela pessoa lhe dizia.

Gideão procedeu com o anjo como se fazia a visitantes ilustres. Afinal, o anjo, parecia uma pessoa comum, pois tinha na mão um cajado. Correu e preparou uma refeição, matando um cabrito, e só a partir daí é que percebeu que o ser que conversava com ele era celestial (Jz 6.21). Só depois Gideão se deu conta do que lhe acontecera e gritou: "Ai de mim, Senhor Deus! Pois vi o Anjo do Senhor face a face".

Ora, na antiguidade os anjos visitavam as pessoas vestidas como pessoas comuns, um viajante, um ancião, etc. A mãe de Sansão – a quem a Bíblia não menciona o nome – falou para seu

esposo Manoá que ela teria um filho. A mulher não falou que um anjo aparecera pra ela, mas que "um homem de Deus veio a mim" (Jz 13.6).

Manoá orou pedindo que aquele homem voltasse, porque queria saber detalhes de como deveria criar a criança que deveria nascer, e quando o anjo apareceu a sua esposa novamente, ela correu e chamou seu esposo. Novamente aqui, sem imaginar que se tratava de um anjo, o casal preparou uma refeição e a trouxe ao ancião, "porque não sabia Manoá que era o anjo do Senhor" (Jz 13.16).

Se isso acontecesse com frequência nos dias de hoje, muitos anjos ficariam do lado de fora, felizmente, existem hotéis, pousadas e muitos lugares disponíveis em nossas cidades, facilitando a vida dos cristãos, mas, não se sabe se anjos ficam hospedados em hotéis ou ainda preferem as casas!

Atividades – Lição II

- Marque "C" para Certo e "E" para Errado:

1) ❑ Na sociedade hebraica os filhos eram ensinados e treinados desde cedo a temer a Deus e a obedecer as leis.

2) ❑ Educar corretamente os filhos era obedecer aos mandamentos divinos. Uma filha mulher era mais valorizada que filhos homens.

3) ❑ O direito a herança teve que ser modificado ainda no AT quando as mulheres não tinham direito a herança da terra de seus pais.

4) ❑ Clemente de Alexandria criticava os ricos do terceiro século por abandonarem seus filhos, e manterem em casa animais de estimação.

5) ❑ Ao oitavo dia o menino era levado ao sacerdote de sua vila ou da cidade para ser Batizado.

6) ❑ Na antiguidade receber em casa um peregrino deixava o dono da casa a par das notícias mundiais. Geralmente o viajante contava as novidades e falava dos costumes dos outros povos, dos acontecimentos ocorridos na nação, nascimentos, mortes, etc.

Anotações:

Lição III

Alimentação, Refeições, Agricultura e os Hábitos Comuns do Povo

ALIMENTAÇÃO, REFEIÇÕES E AGRICULTURA

IV. ALIMENTOS, REFEIÇÕES E AGRICULTURA

Nesta parte do curso o aluno verá como eram os costumes das famílias quanto a alimentação, refeições e a agricultura. Primeiramente o aluno aprenderá sobre os costumes do AT e depois como eram os costumes nos tempos apostólicos ou no NT.

Na realidade, pouca coisa mudara do período do AT para o NT. A forma de se cozer os alimentos, de se preparar o grão para a moagem e para fazer o pão e o avanço "tecnológico" dos arados não haviam evoluído. Os povos evoluíram na arte da guerra inventando toda sorte de instrumentos, aliás, até hoje as maiores invenções descambaram para o lado da guerra, mas na arte de sobrevivência poucas descobertas foram feitas neste período.

No AT Deus fez restrições a alguns tipos de alimentos, certamente visando o bem-estar do povo que tanto amava. As restrições daquele tempo não se aplicam, em alguns casos, aos dias de hoje. Para ver a restrição de alimentos permitidos e proibidos veja o texto de Lv 11.2-46.

Indiscutivelmente os cristãos gentílicos, isto é, os cristãos não-judeus aboliram essas leis e se alimentavam de todo tipo de animal. Havia ocasiões em que os novos cristãos respeitavam os judeus nas cidades onde moravam e restringiam sua forma de se alimentar. A igreja primitiva teve que convocar um concílio, o primeiro da história para tratar deste tema; e Paulo orientou os crentes a respeito da comida e da bebida (At 11.28-29; Rm 14.1-12; 1 Co 10.23-33). Tema que será tratado nesta lição.

A) Alimentos Diários

Em qualquer sociedade a base alimentar era sempre a mesma, consistindo de pães feitos a partir do trigo e da cevada, do leite tirado de vários animais, da carne, do peixe, de vegetais, das frutas da estação e frutas secas, do mel e do sal. Neste estudo trataremos desses alimentos aleatoriamente, isto é, sem uma ordem precisa.

1) Pães

Para preparar o pão, o grão tinha de ser moído, e a moenda consistia de duas pedras, uma que era a base fixa e outra móvel que ficava encima. Um hebreu nunca podia tomar uma das partes da mó como penhor; era proibido. "Não se tomarão em penhor as duas mós, nem apenas a de cima, pois se penhoraria, assim, a vida" (Dt 24.6). Sem a mó qualquer cidadão se privava de moer os grãos de que precisava para cozer seu alimento.

Os pães eram feitos com fermento natural. O fermento consistia de um pouco de farinha e água misturados e deixados de um dia para outro. A massa levedava com as bactérias e depois era acrescentada à massa do pão, para deixá-lo macio. Apenas na época da Páscoa não se podia ter nada levedado em casa, nem mesmo o levedo que era feito a partir de outros produtos.

O pão sempre foi a base da alimentação da antiguidade. Com o miolo do pão limpavam-se as mãos, por isso o mendigo Lázaro catava as migalhas que caíam da mesa do rico. Este limpava as mãos com o miolo do pão e o lançava aos cães.

Na época do NT o pão era feito de fina flor de farinha, especialmente a farinha feita do trigo da Síria, de excelente qualidade. Em Israel, além de trigo, o pão era feito também da farinha de cevada, e às vezes do grão de milho importado da Índia.

O pão era assado diretamente sobre a brasa, num pequeno buraco cavado na terra onde se acendia o fogo, ou se colocavam brasas, e nem sempre numa chapa de ferro ou em fornos, como os de hoje (Gn 18.6 cf. Os 7.8). Foi neste sentido que a viúva de Sarepta falou a Elias (1 Rs 17.12-13). Acredita-se que era

este tipo de pão assado sobre brasas que Jesus repartiu na multiplicação dos pães (Jo 6.9,13).

Ezequiel recusou obedecer quando Deus lhe solicitou que deveria cozer seu alimento – certamente o pão – sobre fezes humanas (Ez 4.12 ss.). Porque este era o método comum: o pão era assado sobre brasas. Pães assados em fôrmas de barro eram raros. Quando eram assados em forno, o método era o mesmo: Esquentava-se o forno com brasas; depois retiravam-se as brasas e colocava-se o pão sobre as cinzas.

O pão passou a ser nas Escrituras uma figura de fartura. Quando se fala que "faltou o pão" é porque naquele ano a colheita de grãos não foi suficiente, nem houve boa colheita de uvas, azeitonas e de figos. Quando Jetro pede às filhas que chame o varão que as ajudou para comer pão (Ex 2.20), refere-se a alimentação em geral, que incluía o pão. Em Êxodo 16.15 quando o maná foi colhido pelo povo no deserto, Moisés disse: "Isto é o pão que o Senhor vos dá para vosso alimento". O maná não caía em forma de pão, mas a figura aqui é de um alimento. Anos mais tarde Moisés disse ao povo: "*Pão não comestes e não bebestes vinho nem bebida forte, para que soubésseis que eu sou o Senhor, vosso Deus*" (Dt 29.6). E se referia ao maná que era chamado de pão.

O maná se tornou um antítipo ou figura do verdadeiro pão do céu. Assim como o povo se alimentou do pão que veio do céu, o maná, Jesus fala ao povo que ele é o verdadeiro pão que desceu do céu, o pão da vida e "o que vem a mim jamais terá fome" (Veja Jo 6.30-59).

E o pão que a igreja passou a repartir depois da morte de Cristo era tido como um símbolo da presença de Cristo nas reuniões da igreja (1 Co 10.16-17). Sempre que um chefe de família abençoava o pão e o partia tinha em mente a Pessoa de Jesus Cristo, o pão da vida (1 Co 11.23-24).

2) Sal

Numa época em que não havia refrigeração o sal tinha muita importância na vida dos povos antigos. O sal preserva e

tempera. Se hoje os médicos recomendam que se evite o sal em excesso é porque os alimentos que se compram prontos contêm sal em demasia na forma de sódio.

Se o estudante observar atentamente na fórmula dos alimentos descobrirá que ingere sal em excesso o que prejudica o organismo. Naquela época todos os alimentos naturais eram preservados com sal, e as pessoas não tinham a vida sedentária de nossos tempos. Elas se alimentavam com bastante sal, mas caminhavam e se exercitavam o dia todo em tarefas que exigiam esforço e mantinham o equilíbrio biológico necessário.

O sal era usado para temperar as ofertas (Lv 2.13; Ez 43.24). O sal era esfregado nos recém-nascidos (Ez 16.4). O sal era um bom anti-séptico evitando infecções.

Na antiguidade o sal era usado na carne e no pão para temperá-los, além, é claro de temperos como a mostrada, a hortelã, o cominho, o anis e o coentro. A pimenta não é mencionada nas Escrituras, mas, se alguém as usasse teria que ser importada da Índia. Os israelitas possuíam uma fonte de sal em seu território que era o mar Morto. Jesus ilustrou algumas verdades ao povo com o sal (Mt 5.13; Mc 9.50; Lc 14.34-35).

Não se sabe, até hoje, o que Jesus queria realmente afirmar com a frase "se o sal se tornar insípido", a menos que fosse misturado com gesso, mas, alguns comentaristas dizem que Jesus estava dizendo, "que valor teria o sal se perdesse o sabor?".

O fato é que se perdesse o sabor não havia jeito de restaurar o sal para que salgasse. Acredita-se que Jesus estivesse usando uma figura de linguagem profeticamente para os dias de hoje. Tanto sal (tantos cristãos) num país como o Brasil parece não fazer diferença alguma. Cristãos que não preservam nem temperam o ambiente em que vivem! Na realidade o sal ruim não servia sequer para colocar no monte de estrume, como faziam os egípcios para retardar o processo de fermentação (Lc 14.35).

3) Carne

Na ordem alimentar, a carne, tanto de gado quanto de peixe vinha logo após o pão. Se no Éden nenhuma recomendação

foi dada quanto a comer carne, após o dilúvio Deus falou que os animais seriam também para alimento (Gn 9).

Os israelitas podiam, sim, comer carne; prática que vinha desde os tempos antigos de Noé. Mas, sempre que matavam um animal, primeiramente o consagravam e o ofereciam ao Senhor. A prática de oferecer um animal a algum deus era comum na antiguidade. E os israelitas ao matar um animal primeiramente o consagravam ao Senhor e depois o comiam. Esta era uma prática que se deduz de várias passagens bíblicas (Dt 12.20-23). Deus estabeleceu o tipo de carne que poderiam comer (Dt 14.3-20).

Mas, a carne não era a base alimentar do povo e sim o trigo, a cevada, as frutas secas, amêndoas e frutas da estação.

4) Peixe

Os israelitas, ao que parece, se alimentavam do peixe, que deveria ser abundante no mar da Galiléia e no rio Jordão. Como o mar Mediterrâneo, fonte de peixes não fazia fronteira com Israel, os peixes eram trazidos e vendidos nas cidades dos judeus e especialmente em Jerusalém. O comércio de alimentos pode ser visto no texto de Neemias 13.15-21.

Os comerciantes de Tiro traziam o peixe (Nm 13.16). O comércio de peixes era tão forte que uma das portas de Jerusalém passou a se chamar de Porta do Peixe, certamente por dar acesso ao mercado onde se vendiam os peixes (2 Cr 33.14; Ne 3.3; 12.39; Sf 1.10).

No futuro, Israel terá abundância de peixes quando o mar Morto se tornar saudável com as águas que brotarão da cidade de Jerusalém (Ez 47.9-10).

O peixe pode ser usado como sinal ou figura do chamamento ao discipulado. Os discípulos seguiram a Jesus – e parece que sete dos discípulos eram pescadores: Pedro, André, Filipe, Tiago, João, Tomé e Natanael – logo depois do milagre da pesca (Lc 5) e especialmente o versículo 11: "... deixando tudo, o seguiram".

Logo após a ressurreição, novamente veio a confirmação do chamado durante outra frustrada pescaria, quando diante da pescaria de cento e cinquenta e três grandes peixes, comeram com o Jesus ressuscitado à beira-mar e decidiram atender ao chamado (Jo 21.1-14). Noutra ocasião Jesus comeu peixe na presença dos discípulos (Lc 24.42-43).

A forma mais comum de preparar o peixe era assá-lo sobre brasas como fez Jesus (Jo 21.9). E um peixe comum assemelhava-se a uma sardinha, um tipo abundante no mar da Galiléia e muito comercializado no país (Mt 14.17; 15.36). Os peixes usados na multiplicação deveriam ser bem pequenos, porque um menino os levava como lanche (Jo 6.9).

Hoje, quando os turistas visitam Israel, podem solicitar nos restaurantes o peixe de São Pedro que serão logo atendidos.

5) Mel

A terra de Canaã foi prometida aos filhos de Israel como a terra que mana leite e mel (Ex 3.8), isto é, uma terra de fartura. E foi isto que os espias observaram: Uma terra próspera (Nm 13.27) e apresentaram a Moisés os frutos de Canaã.

Para que houvesse produção de mel, era preciso ter abelhas; e as abelhas usam o néctar das flores e o açúcar das frutas maduras para produzir o mel em suas colméias, indicando que toda a cadeia alimentar teria que estar em ordem. Flores e frutas; árvores silvestres em floração; pomares que exalam o perfume das flores e frutas que eram o alimento das abelhas.

Parece que os israelitas descobriram a técnica de ter colméias domesticadas, pois quando Ezequias restabeleceu a ordem levítica, os israelitas obedeceram e trouxeram, entre as contribuições, o mel: "Os filhos de Israel trouxeram em abundância as primícias do cereal, do vinho, do azeite, do mel e de todo produto do campo; também os dízimos de tudo trouxeram em abundância" (2 Cr 31.5).

Hoje se sabe que o mel previne o organismo de muitas enfermidades como doenças gastrointestinais, febres, dores de

garganta etc. Os escritores do AT usaram do mel para falar da palavra de Deus que "são mais doces do que o mel e o destilar dos favos" (Sl 19.10) ou como a expressão de Salomão: "Palavras agradáveis são como favo de mel: doces para a alma e medicina para o corpo" (Pv 16.24). Veja a expressão "medicina" ou remédio para o corpo (Pv 24.13).

O mel era usado como ingrediente de bolos, porque os israelitas identificaram desta forma o sabor do maná (Ex 16.31).

Era tão abundante o mel – e certamente as abelhas – que dias depois de haver matado um leão, Sansão encontrou na carcaça do animal morto uma colméia (Jz 14.8-9).

Os israelitas encontraram mel com abundância escorrendo pelo campo, mas, com medo da maldição que Saul proferiu contra os que se alimentassem naquele dia, não o comeram, mas Jônatas que não ouvira as palavras de Saul, estava desmaiando de fome e comeu do mel (1 Sm 14.24 e ss, especialmente o v 25). O exército de Davi, perseguido por seu filho Absalão, na fuga de Jerusalém, recebeu dádivas do povo da terra, e havia mel com abundância (2 Sm 17.28-29).

Jeroboão incluiu em sua oferta ao profeta Aias uma botija de mel (1 Rs 14.3). E o mel silvestre era um dos alimentos da dieta do profeta João, o Batista (Mt 3.4 e Mc 1.6).

6) Figos

Os habitantes do sul do Brasil costumam confundir a figueira de Israel com as figueiras frondosas que costumam ser árvores centenárias, mas, a figueira de que a Bíblia trata eram árvores que chegavam a ter dez metros de altura e produziam os figos, graúdos e suculentos.

Os povos do Oriente aprenderam a técnica de preservar o figo secando-o, em forma de passas ou como uma geléia grossa que era usada o ano inteiro. O figo era usado como complemento alimentar, uma sobremesa. Um tipo de vinho era preparado com os figos.

Os povos, ao longo dos séculos aprenderam a técnica de extrair bebidas fermentadas de frutas. Além do vinho, sabiam destilar o suco e fazer bebidas alcoólicas de várias frutas, como os japoneses que desenvolveram a arte de preparar bebida fermentada a partir do arroz, e os brasileiros a partir da cana de açúcar.

Era importante o cultivo do figo, porque podia ser secado servindo de alimento o ano todo. Parece que tinha um poder curador, porque Isaías fez um emplastro de figos e colocou na ferida de Ezequias (Is 38.21).

As figueiras na Palestina começam a brotar logo após o inverno com a chegada da primavera (meados de março/abril) e em maio/junho os frutos estão maduros. Geralmente uma segunda safra podia ser colhida em pleno verão (agosto e setembro).

Quando Jesus buscou frutos na figueira (Mc 11.12-14) era porque ela estava com folhas; e sempre que uma figueira tinha folhas é porque deveria ter frutos. A figueira que Jesus amaldiçoou era uma figueira enganosa e Jesus aproveitou para dar uma lição aos discípulos. Como não era tempo de figos, não deveria ter folhas, ou era uma figueira estéril.

7) Leite

A expressão, "terra que mana leite e mel" (Ex 3.8), indica que Canaã era uma terra com boas pastagens para o gado. O leite sempre fez parte da dieta alimentar do povo de Israel. A partir do leite fabricavam manteiga, coalhada e queijos. A coalhada era semelhante ao moderno iogurte que dispensava a refrigeração e fermentava com as bactérias.

Alguns acreditam ser este o alimento que Abraão ofereceu aos visitantes celestiais (Gn 18.8) e o leite que Jael deu de beber ao comandante Sísera, antes de matá-lo (Jz 4.19). Quando Davi foi enviado à frente da batalha com queijos para o comandante do exército poderia se tratar de coalhada, porque às vezes palavras diferentes são traduzidas como queijo coalhada, como em 1 Sm

17.18 e 2 Sm 17.29. Poucos são os textos bíblicos que tratam especificamente dessas duas palavras.

Os israelitas utilizavam o leite de vacas, ovelhas, cabras e de camelas.

8) Azeitonas E Azeite

Falaremos sobre a azeitona e seu fruto, o azeite ou óleo neste mesmo tópico.

O fruto da oliveira é conhecido hoje por azeitona. As oliveiras são comuns no Oriente médio e são cultivadas até nas calçadas das grandes cidades. Este autor observou como existem oliveiras ornamentando praças e ruas de Amam na Jordânia e em Israel, da mesma forma como as mangueiras crescem vigorosamente no norte do Brasil, os cajueiros no nordeste e as laranjeiras no sul, em plena rua.

As árvores de oliveiras crescem lentamente e começam a frutificar depois de quinze anos, mas depois não param mais de produzir, como as que existem no monte das Oliveiras, onde Jesus pregou, e que devem ter mais de dois mil anos (Mt 24.3). Por não precisar de muita água a oliveira cresce em terras áridas e calcárias comuns no oriente médio.

As oliveiras existiam na Palestina e Dt 8.7-8 menciona que a terra de Canaã era também terra de oliveiras: "Porque o Senhor, teu Deus, te faz entrar numa boa terra, terra de ribeiros de águas, de fontes, de mananciais profundos, que saem dos vales e das montanhas; terra de trigo e cevada, de vides, figueiras e romeiras; terra de oliveiras, de azeite e mel". Neste texto o estudante se depara com várias plantas alimentícias como trigo, cevada, parreirais de uvas, figueiras, romeiras, oliveiras e mel.

O azeite de oliva é saudável e serve para aumentar o bom colesterol no sangue, que limpa as artérias que irrigam o coração. Talvez esteja aí uma das razões do por que a incidência de infartos é pequena em países que adotam o azeite de oliva na alimentação. As azeitonas faziam parte da cultura alimentar do povo judeu.

Obtinha-se o azeite através de prensas feitas de madeira ou de pedra de onde se extraía o óleo. Do óleo de oliveira os israelitas obtinham azeite para as lamparinas, óleo para preparar seus alimentos, para ungir e também para ser usado como hidratante da pele, especialmente no verão em que o clima é muito seco.

A palavra Getsêmani vem do termo hebraico *gat-shemen* que quer dizer "prensa do azeite". Existem ainda no jardim das oliveiras oito pés de oliveiras antigos que se acredita estão ali desde os tempos de Cristo.

Os judeus usavam o azeite para iluminar (Mt 25.3); como fonte de suprimento para a dona de casa (1 Rs 17.12); e era usado como remédio medicinal (Is 1.6; Lc 10.34). O azeite era obtido prensando-se as bagas com os pés, alusão a isto é feita em Miquéias 6.15 e possivelmente é a isto o que se refere o texto de Deuteronômio 33.24.

Não se sabe quando este primitivo método foi abandonado passando-se a usar as prensas manuais. Os textos de Jó 24.11 e 29.6 são vagos e não mencionam o método de se obter o óleo.

Algumas referências no *Mishná* indicam que o processo de se obter o azeite era através da prensa da oliva. O melhor óleo era o que se extraía da azeitona quando batida antes dela ficar preta, o que ocorre quando ficam bem maduras. Este azeite batido é mencionado em Êxodo 27.20; 29.40; Levítico 24.2; Números 28.5.

O óleo de melhor qualidade era obtido quando se colocava a polpa num cesto de vime deixando-se correr o precioso líquido para uma vasilha à parte. Depois, ainda se prensava a mesma baga mais três vezes na prensa até se extrair dela a última gota. Nada era desperdiçado.

Não se tem muitas referências à maneira como se fazia o óleo nos dias do NT, mas é possível, através do NT saber o uso que se tinha do azeite ou óleo de oliveira:

a) Era usado como combustível para as lâmpadas (Mt 25.3-4,8).

b) Era usado como remédio (Lc 10.34; Mc 6.13 cf. Tg 4.14), para aliviar os ferimentos (Is 1.6), aliviar a dor e acelerar o processo de cicatrização, como na parábola do bom samaritano (Lc 10.34). Juntamente com o vinho tinha um grande valor medicinal como anti-séptico, conforme afirmou Plínio. Josefo menciona que Herodes, o Grande tomava banho com óleo de oliva (Josefo, Antologia XVII.vi.5).

c) Usado como óleo de unção (Mt 6.17; Lc 7.46). Era costume nos tempos antigos ungir a pessoa da cabeça aos pés, prática usada pelos egípcios e por gregos. Plínio o historiador romano fala sobre isto também. Entre os judeus ungir a cabeça com óleo, ao que parece, era uma prática de ablução ou purificação (Mt 6.17 cf. Rute 3.3 e 2 Sm 12.20). A pessoa enlutada não se purificava com azeite (2 Sm 14.2 e Dn 10.3).

Era costume honrar os visitantes purificando-os com azeite (Lc 7.46 cf. Sl 23.5). E os mortos eram ungidos com azeite em sinal de respeito (Mc 16.1; Lc 23.56; 24.1 cf. Jo 12.3,7).

d) Era um importante produto comercial (Mt 25.9; Lc 16.6). O óleo era largamente comercializado no oriente médio, pois a viúva do profeta vendeu o azeite que Deus multiplicou e pagou suas dívidas (2 Rs 4.7). Ezequiel 27.17 menciona que o óleo era produto de comércio de Tiro que possivelmente era levado para o Egito (Os 12.1).

9) Gafanhotos

Sempre que as Escrituras falam do gafanhoto os associa ao poder de destruição, porque eles comiam as folhas de uma árvore em minutos. Joel, o profeta fala sobre eles e da impiedosa destruição que fazem por onde passam (Jl 1.1-12).

Mas, ao que parece serviam também de alimentos, porque João, o Batista se alimentava deles (Mt 3.4) e é uma prática comê-los na Palestina até hoje.

Aqui no Brasil comem-se as tanajuras ou formigas graúdas que se põem a voar logo após as chuvas de outubro em certas regiões do país. Este autor já experimentou o sabor de tais formigas.

Assim, acontecia também com os gafanhotos que eram colocados numa vasilha, sem as patas, as asas e a cabeça. Era preparado refogado, fervido ou assado ou ainda podia ser comido depois de seco, com um pouco de mel, que certamente era a dieta de Batista.

Quando se cozia em água sua aparência e seu sabor lembram ao do camarão. Também podia ser triturado e misturado à massa do pão para melhorar seu sabor.

10) Ovos

Não se tem muitas menções sobre ovos nas Escrituras, mas sabe-se que era um alimento comum e apreciado. Na antiguidade recolhiam-se ovos de ninhos de aves silvestres, mas a partir do ano 500 a.C. os povos começaram a criar aves para a produção de ovos.

No tempo de Cristo os israelitas criavam galinhas (Mt 23.27; Mc 13.35). Jesus menciona o ovo ao falar da generosidade de nosso Pai celestial (Lc 11.12).

11) Tâmaras

As tâmaras eram frutos da tamareira, um tipo de palmeira bastante comum no oriente médio. Jericó foi chamada de cidade das palmeiras devido a abundância das tamareiras.

A partir do coco da tamareira produziam-se tâmaras secas feitas unicamente da polpa, vinho, mel e xarope em pasta. No entanto, a tâmara não é mencionada na Bíblia.

Alguns acreditam que as tamargueiras que Abraão plantou em Berseba tratavam-se de tamareiras (Gn 21.33).

12) Vinhos

Este é um tema bastante polêmico entre os evangélicos, especialmente entre os pentecostais, mas é preciso se defrontar com a realidade de que o vinho que a Bíblia menciona era vinho mesmo.

Alguns comentaristas e seus comentários são emitidos sem que tenham qualquer base histórica ou científica, porque afirmam que o vinho dos israelitas era suco de uva ou uma espécie de geléia que era dissolvida em água.

Ora, quaisquer produtos da uva fermentavam e se tornavam vinho ou vinagre. Noé não se embriagou com suco de uva, e o vinho usado pelos israelitas era vinho de verdade. O mestre de cerimônias do casamento em Caná da Galiléia provou o vinho e comentou que era de melhor qualidade que o primeiro servido.

A escritura, no entanto, adverte sobre os perigos da falta de domínio próprio e de equilíbrio quando trata do vinho.

O suco de uva como conhecemos hoje só foi possível depois que Pasteur inventou o processo da "pasteurização". É um processo em que o suco da uva é fervido e depois colocado a uma baixa temperatura para matar as bactérias próprias da fermentação.

Engarrafado o produto é conservado. Mas, não era assim antigamente. Qualquer suco de uva depois de alguns dias fermentava, por isso era preservado em barris ou em odres onde fermentava e virava vinho.

O álcool é próprio da uva. Cada tipo de uva possui uma quantidade especial de álcool quando é fermentado. É o resultado natural da uva.

As Escrituras não escondem seus aspectos positivos e negativos. Ignorá-los é desconhecer a história, os costumes dos povos e a Bíblia.

Deus fala a respeito dessas bebidas fermentadas nas festas dos israelitas (Dt 14.26; Ne 8.10). Sempre que as Escrituras falam em bebida forte referem-se a bebidas fermentadas a partir de frutas (uva, romãs, figos) e grãos.

Veja a diferença entre vinho e bebidas fortes em Lv 10.9; Nm 6.3; 28.7; Jz 13.14; Pv 31.4; Is 28.7. Deus promete aos judeus uma festa com vinhos da melhor qualidade (Is 25.6).

Quando a Bíblia fala de mosto refere-se ao vinho novo, que está ainda num processo de fermentação completa, portanto muito doce e forte (Gn 27.28,37; Dt 32.14 etc.).

O vinho da Palestina era muito bom devido a qualidade das uvas. No AT o vinho fala de alegria, contentamento e prosperidade (Pv 31.6; Sl 104.15).

As Escrituras sempre alertam quanto ao perigo da embriaguês, e, ao que parece, Nadabe e Abiú, sacerdotes filhos de Arão estavam bêbados quando entraram no santo dos santos e por isso o Senhor os matou, advertindo a Arão que o sumo sacerdote não poderia beber vinho quando fosse entrar no santo dos santos (Lv 10.1,9). A pessoa que fizesse voto de nazireu, homem ou mulher não poderia comer nada da videira, quer fosse a uva, passas de uva ou beber vinho (Nm 6.2-3). A embriaguês é considerada pecado (Pv 23.29-35; Is 28.7 e ss.).

Jeremias fala a respeito dos recabitas e do voto de abstinência que fizeram. Agora, o ponto de vista dos recabitas a respeito do vinho (Jr 35.12-18) deve-se à visão nômade de que o vinho aponta para a vida citadina, para uma vida estabilizada, e não que haja objeção ao uso do vinho, afirma W.R. Smith (*Prophets*, 84, 389).

Nos evangelhos o vinho aparece juntamente com o pão, alimento normal dos judeus (Lc 7.33-34). Era sorvido em festas, como no casamento de Caná da Galiléia (Jo 2.3) e nas festas religiosas (Mt 26.29, etc.).

Na época da colheita as uvas eram deixadas alguns dias num grande lagar, e expostas ao sol aumentavam a dosagem do açúcar (que dava origem ao álcool). Depois as uvas eram pisadas. Geralmente as pessoas que pisavam as uvas seguravam-se em cordas esticadas sobre suas cabeças enquanto entoavam cânticos populares.

O processo de fermentação logo começava. O primeiro estágio era o mosto, uma fermentação que ocorria até o quarto dia. É desse vinho que a Bíblia fala como "mosto". Depois o vinho era

depositado em jarras ou barris, ou ainda em odres e, ao fim de três meses o vinho estava pronto para ser bebido.

Nada no Oriente médio indica que havia vinho que não fosse fermentado.

No NT o vinho era a bebida comum; uma alimentação diária, por isso os apóstolos se preocuparam em recomendar que fosse bebido com cuidado para evitar a embriaguês.

Que era medicinal depreende-se da recomendação de Paulo a Timóteo para beber um pouco de vinho e não apenas água (1 Tm 5.23).

Não sabemos donde vem a idéia de que Paulo recomendava misturar vinho com água. Os perigos da embriaguês estão sempre presentes quando se abusa do vinho (veja Ef 5.18; 1 Tm 3.8; Tt 2.3). Não existe argumento para se falar de total abstinência quando se lê o termo "vinho" nas Escrituras.

Como o vinho era parte da alimentação diária dos judeus, Jesus o menciona para ilustrar seus ensinamentos (Mt 9.17).

Quando se colocava vinho novo num odre velho, este se rompia devido a fermentação que estufava a bolsa de couro, por isso, para vinho novo, odres novos. A lição de Jesus deve ser levada a sério ainda hoje.

Em nossos dias desaconselha-se a utilização do vinho (por ser alcoólico) por questões ligadas à consciência cristã e ao testemunho pessoal de cada crente, em especial quando se trata de evangelização, o que pode gerar escândalo entre os descrentes, ou ainda, enfraquecer a fé de algum irmão.

13) Verduras

A cultura dos povos bíblicos incluía o cultivo de legumes de toda espécie, como alface, pepino, vagens, lentilhas, alho porro e também cebolas, alhos, beterrabas etc. Que eram cultivados no Egito sabemos pela reclamação dos judeus no deserto (Nm 11.5).

As palavras comida e alimento são usadas nas Escrituras para falar de refeições, coisas que se podem comer. São palavras para uso geral, como em João 4.32 que não especifica o tipo de comida (Jo 6.27,55). Não conta a informação se trata-se de carne, feijão, trigo ou verduras. O texto de James Hastings (Dictionary of Christ and the Gospels, ano de 1907 p 604) esclarece um pouco este tópico:

O alimento comum nos dias de Jesus consistia basicamente de carnes, cereais, frutas e ervas.

As carnes eram de ovelha, novilho, cordeiro e de aves (Mt 12.12; 25.32; Lc 13.15; Mt 10.29), bem como de peixes (Mt 7.10; Lc 24.42; Jo 6.9 e 21.3) que eram usados por todos.

Quanto às ervas ou verduras a Bíblia fala de menta, anis e cominho (Mt 23.23; Lc 11.42).

Quanto a frutas lemos sobre os figos (Lc 13.7; Mt 21.18-19) e uvas (Mt 7.16; Mc 12.2).

Sobre os cereais o trigo e a cevada são os mais citados (Mt 3.12; Mc 2.23-25; Lc 3.17; Jo 6.9; 21.13).

V. Hábitos Comuns Do Povo

A) O Lavar As Mãos

Lavar as mãos era quase um cerimonial na vida dos israelitas. Aliás, Deus se preocupou com a possibilidade de contaminação do povo e deu leis específicas a respeito da purificação do corpo. Tal cuidado era porque não se usavam talheres como hoje, e comia-se com as mãos, usando-se o pão como auxiliar para pegar os alimentos. Por isso era necessário lavar as mãos antes de comer, e depois, para retirar a gordura.

1) Produtos De Limpeza

Para lavar usava-se a potassa, uma espécie de sal misturado a outros produtos que limpavam a sujeira. "E quem

poderá subsistir quando ele aparecer? Porque ele é como o fogo do ourives e como a potassa dos lavandeiros" (Ml 3.2). A NTLH traduz potassa como sabão, seguindo fielmente a antiga tradução do rei Tiago de 1611.

Tratando deste texto E.B. Pusey nos comentários de Baxter (Baker Book House reedição de 1987, p 488) diz: "Dois elementos ou materiais de limpeza são aqui mencionados, o primeiro, mais forte, para purificar o ouro de suas impurezas; o segundo para limpar a sujeira que não está tão impregnada. O Senhor é mencionado como fogo purificador que limpa o ouro, a prata, as pedras preciosas, que consome a madeira, o feno e a palha (1 Co 3.11), mas também é sabão. Este é um nome genérico para material de limpeza. Plantas variadas com poder alcalino cresciam na Palestina, e "*kall*" é ainda um dos produtos de exportação. Misturada com "salitre" (Jr 2.22), tinha poder de purificação".

Não esqueça que os produtos de limpeza hoje são químicos, enquanto naqueles dias eram feitos de ervas e plantas.

B) O Assentar-Se À Mesa

É necessário abordar com este tema a questão das refeições, já que não se pode falar de refeições isoladamente do costume de assentar-se à mesa.

Muitos povos do Oriente até hoje não usam mesas altas como nós, o mesmo ocorrendo com os povos dos tempos bíblicos. E quando a Bíblia fala de "mesa" refere-se a uma mesa baixinha, como aquelas mesinhas de centro de sala que se usam hoje. Também não havia cadeiras altas, e sim almofadas que as pessoas usavam para se assentar e comer à mesa.

Numa sociedade em que se comem alimentos preparados rapidamente, e em que se é limitado pelo relógio devido ao próximo compromisso, não se tem ideia de como os povos bíblicos faziam suas refeições. Não se tinha pressa. A vida era mansa. O relógio, como os que se usam hoje não haviam sido inventados.

1) As Refeições

Primeiramente é necessário tratar das refeições. O calendário era seguido de maneira natural, levantando-se com o nascer do sol, descansando-se nas primeiras horas da tarde e terminando as atividades do dia logo ao anoitecer.

O jantar era a principal refeição em todo mundo ao redor do Mediterrâneo, inclusive em Israel. Era assim nos tempos do AT e também na época de Jesus e dos apóstolos.

O "café" da manhã – sem café, é claro – consistia de pão e água e sobras do jantar anterior. O povo se alimentava de grãos, e os mais pobres alimentavam-se da cevada. No império romano havia tabernas onde as pessoas podiam comprar alimentos.

O jantar era servido no fim da tarde. Para os gregos, o jantar era o *simposium* ocasião em que os músicos divertiam os hóspedes enquanto os convidados conversavam assuntos propostos pelo mestre de cerimônias. Para os romanos o momento do jantar era uma arte, quase um evento social.

Havia muita expectativa em ser convidado para jantar em alguma casa, pois os ricos convidavam seus amigos, seus clientes e até parasitas da sociedade. Exemplo disso é citado por Jesus em Mateus 22.1-14, e admite-se que alguns desses convites eram lidos em voz alta em frente da casa do convidado. Jesus foi convidado para um jantar na casa de Simão, fariseu (Lc 7.36-50).

O jantar também era usado com o objetivo de se alcançar algum favor, por isso os convidados eram escolhidos a dedo. Jesus condenou aqueles que faziam jantares interesseiros (Lc 14.12-14).

A peça de Petrônio, *Jantar de Trimalcião* – uma parte que sobrou de *Satiricón* aborda como eram alguns jantares. Os convidados tomavam banhos (como as festas com piscinas dos dias de hoje) faziam exercícios (assim também os jogos de futebol em chácaras hoje), e os convidados ocupavam seus assentos na sala de jantar de Trimalcião. Os escravos lavavam-lhes as mãos, cortavam-

lhes as unhas e depois os convidados sorviam um prato após outro, e tudo era preparado para impressionar os convidados. No caso de Roma, era aceitável que o hóspede fosse ao banheiro provocar vômitos, para continuar a comer do jantar. Pelo menos é o que se ouve da tradição romana.

Nem todo jantar romano era cheio de orgias, e havia pessoas que não gostavam de excessos. Suetônio escreveu que os jantares oferecidos por Tito, o imperador "eram agradáveis e não extravagantes".

2) As "Cadeiras" Ou Poltronas

Os gregos aprenderam este estilo de se assentar em poltronas com os asiáticos, era costume também entre os hebreus, porque Amós, o profeta condena os que "se inclinam em sofás", "Ai de vocês que gostam de banquetes, em que se deitam em sofás luxuosos e comem carne de ovelhas e de bezerros gordos!" (Am 6.4). Não havia cadeiras altas como hoje, porque as mesas eram baixinhas. Assim, os convidados comiam com as mãos – o garfo não havia sido inventado – e os escravos colocavam sobre as mesas pedaços de carne pequenos e mastigáveis.


Triclinium

Em Roma o *triclinium* era uma sala de jantar com três sofás ou poltronas em uma mesa de centro. As pessoas assentavam-se nas poltronas e o chefe da casa ficava na posição melhor, em que era visto por todos. Cada pessoa sabia de antemão o lugar que deveria ocupar. Os ouvintes de Jesus, certamente estavam acostumados ao jeito romano de se alimentar, pois Jesus lhes contou a respeito de não se ocupar o primeiro lugar, quando se fosse convidado a uma festa (Lc 14.7-14).

Na passagem do jantar na casa de Simão (Lc 7.36-50) uma mulher chegou por trás de Jesus e lavou seus pés. Jesus estava reclinado num sofá, com os pés para trás, e isso facilitou o trabalho da mulher. A NVI diz: "... e se colocou atrás de Jesus, a seus pés". Isto foi possível porque era grande a quantidade de servos circulando pela casa, e estes, geralmente, ficavam atrás de seus senhores para lhes assistir.

Conforme Marcial, alguns escravos, a serviço de seus senhores, aproveitavam e enchiam suas vasilhas de comida para levarem para suas casas. Mas os convidados também podiam levar para casa as sobras do jantar, e Marcial reclama de um convidado seu que pegou tudo o que sobrara do jantar e o entregou ao seu servo.

C) HORÁRIOS

Os antigos não eram regidos pela rigidez de horários que nós. O uso do relógio determina os horários que temos de obedecer. Hoje se calcula o tempo em milésimos de segundos, isto é, um segundo dividido em mil partes!

Não era assim antigamente. Tudo era impreciso, desde as horas do dia, à contagem dos meses e anos. Eles possuíam pequena noção de distância que era medido pela distância de uma cidade a outra. A jornada de um dia variava da energia e capacidade de uma pessoa caminhar. As pessoas observavam as horas olhando o movimento do sol, da lua e das estrelas. Começavam suas atividades com os primeiros raios do sol e encerravam as atividades quando o sol se punha no horizonte.

Assim, quando saíam a fazer uma viagem os habitantes dos tempos bíblicos levantavam-se com os primeiros albores da madrugada e caminhavam até um pouco antes do sol desaparecer no horizonte. Veja Juízes 19.3-11 o caso do marido que saiu para buscar a esposa. Observe que eles se levantaram de madrugada e se recolheram ao pôr-do-sol. Observe também os dois homens hospedados na casa de Ló (Gn 19.2,27). Se o estudante usar uma chave bíblica e pesquisar o registro da palavra madrugada notará que, quase sempre diz respeito ao levantar-se bem cedinho.

1) Relógio

O primeiro relógio que se tem registro na Bíblia é o de Acaz que retrocedeu dez graus para comprovar a cura de Ezequias. Ao que parece o pai de Ezequias, Acaz tinha esse relógio que marcava as horas do dia pela sombra que o sol lançava sobre ele.

2) Contando As Horas Do Dia

Os antigos sabiam que quando o sol estava a pino no verão, era meio-dia. E sabiam que era meio-dia no inverno quando sol fazia seu curso seguindo pelo norte, observando a sombra de uma árvore ou de uma torre.

O dia para os hebreus era contado do anoitecer de um dia ao anoitecer de outro, e não mudavam o calendário à meia-noite como os egípcios. Assim, o dia 13 começava ao anoitecer e terminava ao anoitecer do dia seguinte. Por isso, conforme o calendário hebreu os israelitas saíram do Egito na noite do dia 14, enquanto para os egípcios era ainda o dia 13.

Plínio, o velho descreveu como os povos observavam as horas do dia: "As horas do dia são guardadas de formas diferentes pelas pessoas: os babilônios contam o período de um amanhecer ao outro; os atenienses entre dois pores-do-sol; os da Úmbria do meio-dia ao meio-dia; as pessoas comuns de todos os lugares do amanhecer ao anoitecer; os sacerdotes romanos e as autoridades fixam oficialmente o dia, e também os egípcios, da meia-noite à meia-noite."

Os gregos e os judeus reconheciam os dias do pôr-do-sol ao anoitecer, e os romanos contavam a partir da meia-noite, mas para outros povos mais antigos o dia normal começava ao alvorecer.

3) Os Dias E Meses

Os judeus contavam o início do ano no primeiro dia do mês de Nisã ou Abib que começava na primeira lua. Foi Deus quem estabeleceu o calendário judaico (Ex 12.2). Nisã ou Abib era o primeiro mês do ano. O tabernáculo foi erguido no primeiro dia do

ano (Ex 40.2,17). Assim, Deus estabeleceu que o ano tinha seu início na primavera, que é o começo de tudo. A páscoa era celebrada no dia 14 de Nisã, o que indica que os filhos de Israel saíram do Egito neste mesmo dia. Assim, celebravam sua libertação e o começo de um novo tempo em que a terra floria e frutificava novamente.

No AT vê-se com frequência a anotação do tempo como, "no quinto dia, do segundo mês, do oitavo ano do rei...". Ou então, a data era conforme o ano do reinado de determinado rei. Os escritores do AT registravam o tempo do reinado de um rei comparando com o ano de reinado do outro rei. (Veja como exemplo esses textos de 1 Rs 15.1,9,25,33).

Os romanos tinham um sistema complicado para marcar os dias do mês, diferentemente dos hebreus que apenas falavam sobre "o quinto dia do mês tal".

Os romanos baseavam seu tempo do mês usando três referenciais: As calendas, as nonas e os idos. As calendas caíam sempre no primeiro dia do mês, enquanto as nonas e os idos variavam conforme o mês. As nonas geralmente caíam entre o quinto e o sétimo dia do mês, e os idos ao redor do décimo terceiro ao décimo quinto dia. E os dias eram contados para trás a partir de um desses pontos referenciais. O que implica que qualquer dia depois do ido de um mês era contado como tantos dias das calendas do próximo mês.

D) As Subdivisões Do Dia

Cada cultura tinha seu método de subdividir as horas do dia. Gregos e judeus não tinham horas formais, e apelidaram as frações de horário como "cantar do galo", "hora do mercado", "hora de acender a lamparina". Não se encontra a palavra hora na Bíblia a não ser no texto de Daniel (Dn 9.21) que alguns julgam tratar-se de algo colocado na época dos Macabeus (164 a.C.). Sempre que aparece a palavra "hora" no AT não tem conotação com algum horário, mas com tempo.

Foram os gregos que criaram o sistema de doze horas do dia ainda na época de Alexandre, o Grande (323 a.C). Uma torre

chamada de *A Torre dos Ventos* foi construída em Atenas e servia como um relógio público.

Jesus usou o sistema Greco-romano de tempo ao perguntar: "*Não são doze as horas do dia?*" (Jo 11.9). Os romanos, então, dividiam o dia em doze horas, um costume herdado dos gregos.

Os astrólogos contavam um siclo de sete dias e deram o nome de um astro a cada dia, como nos nomes dos dias em inglês e espanhol, lunes, martes, miércoles, jueves, viernes, sábado e domingo.

De forma comum os romanos falavam em horas da noite, como terceira vigília, ou quarta vigília cada uma com três horas de duração (Mc 6.48; Lc 12.38). A maioria dos fatos que ocorriam à noite eram descritos como "*à meia noite*" (At 16.25; 20. 7-12). Em Atos 23.23 fala em "*terceira hora da noite*". Cerca de três horas da madrugada!

Quanto ao dia, a primeira hora do dia era as seis da manhã; a terceira hora (At 2.15), nove horas; e a hora nona (At 3.1), três horas da tarde. Atos 10 fala de Cornélio orando à hora nona, e no dia seguinte Paulo estava orando à hora sexta ou meio-dia.

1) Meses E Anos

Os meses eram conhecidos pelas fases da lua. Os povos antigos inseriam meses extras periodicamente para cobrir a diferença entre o ano lunar e o solar. Os israelitas dividiam a noite em 3 vigílias, sendo cada uma de 4 horas (Jz 7.19); os romanos a dividiam em 4 vigílias, com 3 horas cada uma (Mt 14.25). A noite começava no pôr-do-sol e ia até o alvorecer (Gn 7.4). A semana era de sete dias e terminava com o sábado (Ex 20.10).

O mês tinha de 29 a 30 dias, iniciando com a lua nova (Nm 28.14). Já o ano era de 12 meses lunares (354 dias – 1 Cr 27.1-15). De três em três anos acrescentava-se um mês (pela repetição do último mês) para tirar a diferença entre os 12 meses lunares e o ano solar.

2) Conhecendo Os Calendários

Sete séculos antes de Cristo, mais ou menos na época do rei Uzias (Is 6.1), Numa Pompilio, o segundo rei de Roma, (714-671 a.C.) acrescentou dias e meses ao calendário primitivo de 10 meses usado até então, baseado nas fases da lua e na gestação das mulheres e do gado. Todas as reformas de calendário ocorridas depois de Numa Pompilio tinham como objetivo harmonizar os dois ritmos que ditam o nosso tempo, o dos movimentos da terra em relação aos movimentos da lua, e dos movimentos da terra em relação ao sol.

Foi ele quem estipulou que o primeiro dia do ano deveria ser no primeiro de Janeiro, enquanto no calendário judaico se dava com a primavera, em meados de março/abril.

Já em 150 a.C. os romanos inventaram um mês de 23 dias chamado Mercedonius que deveria ser inserido depois do dia 23 de fevereiro em anos intercalados, ou sempre que fosse preciso.

No velho calendário romano, 23 de fevereiro era o último dia do Festival da Terminalia, quando se faziam sacrifícios a Terminus, deus dos limites. E sabe quem determinava a mudança do calendário? Os antigos pontífices de Roma que cuidavam dos cultos do Estado. Eles tinham lá suas regras de mudança do calendário. Com isto podiam determinar o tempo que seus amigos ficavam no poder.

Somente mais tarde, Júlio César mudou o costume.

3) O Calendário Juliano

O calendário de Júlio César, ou Juliano, começou no ano 46 a.C. e foi usado até 1580, durando cerca de 1.600 anos quando Sosigenes, um tecnocrata do Império determinou que três meses inteiros fossem acrescentados ao ano 46 antes de Cristo a fim de estabelecer o tempo certo a partir do equinócio[2] da

[2] A palavra equinócio vem do Latim, aequus (igual) e nox (noite), e significa "noites iguais", ocasiões em que o dia e a noite duram o mesmo tempo.

primavera... Assim, aquele ano teve 445 dias e foi conhecido como "o ano da grande confusão".

Julio César foi quem criou o sistema de meses com 30 e 31 dias com um ano bisexto e um dia extra a cada quatro anos, e o calendário juliano ainda é usado com algumas alterações feitas em 1582 pelo papa Gregório XIII. A atualização se fez necessária, pois os astrônomos de César calcularam o ano solar em 365 ¼ de dias, quando na realidade ele é de 11 minutos e 14 segundos mais curto.

Pelo calendário juliano, Cristo teria nascido no ano 4 a.C., isto é, antes do calendário cristão, e não no ano 1 como alguns pensam. Leve-se em conta que não existia nas mudanças de calendários o ano zero!

4) O Calendário Gregoriano

Em 1582 Gregório XIII fez uma reforma no calendário Juliano, usado até então. Este é o calendário observado pelos cristãos e pelo ocidente até o dia de hoje. A reforma do calendário foi feita tendo como base a fixação da data da Páscoa. Neste calendário, Gregório, por conselho do astrônomo Luiz Lilio eliminou dez dias do ano e, através de um decreto papal determinou que depois de 4 de outubro viesse 15 de outubro de 1582.

Gregório estabeleceu a época das estações do ano que ocorrem sempre na mesma época, "mas não acontece o mesmo com as *festas móveis* separadas do dia da Páscoa por intervalos fixos". Como o equinócio da primavera (início da primavera) foi fixado em 21 de março, a páscoa sempre ocorrerá entre 22 de março e 25 de abril. E mais: Mudou também a regra para os anos bissextos. Os anos que encerram os séculos só têm um dia a mais em fevereiro se não forem divisíveis por 4.

Uma boa parte do globo segue o calendário gregoriano enquanto alguns povos do oriente continuam seguindo o calendário Juliano estabelecido em 46 antes de Cristo. Apesar de ser um calendário de origem pagã, os cristãos seguiram o mesmo calendário de Julio César até que foi modificado por Gregório no século XVI.

Os árabes, judeus e chineses seguem tanto o calendário atual como o calendário Juliano. Seguindo o calendário atual, o gregoriano, eles conseguem integrar-se ao sistema comercial e social do ocidente, mas guardam, contudo, suas festas e datas principais dentro de seu próprio calendário.

Alguns, entretanto, dirão que o calendário dos judeus é o que mantém a contagem mais regular dos tempos. Não necessariamente. O atual calendário judeu que regula as datas das festas judaicas remonta ao século quarto de nossa era. Ele também teria passado por revisões. No calendário atual dos judeus, o ano começa em meados de setembro, enquanto no calendário dos dias do Antigo Testamento começava na primavera, mais ou menos entre 15 de março e 15 de abril, no mês de Nisã. É um calendário lunar e solar em que os anos são calculados pelo sol e os meses pela lua.

E) A Sesta[3]

Os romanos observavam atentamente a hora do descanso na parte da tarde. Por exemplo, Paulo alugou a escola de Tirano (At 19.9), porque até cerca de onze horas da manhã a escola era usada normalmente, mas, nas horas da tarde ficava vazia, por isso Paulo teria alugado o período da tarde que ninguém queria usar.

Está comprovado cientificamente que as pessoas têm uma queda de produção nas primeiras horas da tarde, entre 13 e 16 h. Os romanos se estruturavam dessa forma, descansando nesta hora do dia e voltando ao trabalho depois das 4 da tarde, especialmente no verão quando o calor era intenso.

Os romanos usavam a parte da manhã para seus negócios, e os tribunais e as atividades públicas funcionavam apenas no turno da manhã, e qualquer negócio que não fosse apresentado antes da quinta hora, ou seja, 11 da manhã teria que esperar até o dia seguinte. A *Revised Standard Version* em inglês

[3] Hora de repouso, não confundir com sexta, dia da semana, nem com cesta, uma vasilha.

fala do horário de Atos 19.9 como "na casa de Tirano das 11 da manhã às 4 da tarde". É quase certo que Paulo trabalhasse em sua profissão nas primeiras horas da manhã e que usasse o horário do almoço e as primeiras horas da tarde para o ensino. Para Tirano foi um bom negócio, pois a casa ficava vazia na parte da tarde.

Ao meio dia todos queriam almoçar e, depois tirar uma soneca. Lá pelas três da tarde as pessoas se preparavam para receber seus convidados, ou saíam para casa de amigos, porque não era seguro andar pelas ruas de Roma depois que escurecesse.

A propósito, quando anoitecia a cidade de Roma ficava entregue aos vândalos e ladrões, por isso todos se preocupavam em regressar para suas casas o mais rápido possível.

F) HIGIENE E DOENÇAS

Os povos antigos, ao que parece, não tinham uma noção clara dos perigos da falta de higiene. Eles defecavam nas matas, campos e cavernas. Não havia sistema de esgoto, e as pessoas da cidade abriam um buraco na terra, faziam uma choupana e usavam o local para fazer suas necessidades, ou recorriam a locais próprios nas matas e campos. Saul usou uma caverna na montanha para aliviar seu ventre (1 Sm 24.3).

Devido a isso uma praga, como a cólera, que é uma disenteria quase mortal se alastrava rapidamente pelos acampamentos e cidades. As grandes pragas da Idade Média atestam esta verdade. Milhares de pessoas morriam pela falta de esgotos e devido as péssimas condições sanitárias.

Na Europa medieval as grandes pragas chegavam a Constantinopla ou nos portos europeus trazidas pelos navios chineses. Os ratos rapidamente se espalhavam pelas cidades e contaminavam as pessoas.

A Peste Negra, conhecida também como Peste Bubônica surgiu no extremo Oriente, provavelmente na China e se alastrou na Europa entre os anos de 1347 a 1350. A doença era provocada por pulgas de ratos, e chegou a Europa Medieval através de navios que vinham com muitos ratos no meio das mercadorias.

Como os europeus não tinham noção de higiene os ratos encontraram o local ideal para se proliferar. O doente morria geralmente em três dias com o corpo coberto de manchas azuis ou negras. Essa peste despertou a Europa para começar a cuidar da higiene e a criar hospitais para zelar por seus enfermos.

Quando o povo de Israel vagava pelo deserto Deus orientou as pessoas a andarem sempre com um cajado na mão, com o qual deveriam cobrir as fezes para que o acampamento não ficasse contaminado (Dt 23.12-14). O israelita defecava e cobria as fezes com areia, evitando assim a proliferação da praga da cólera.

As leis de limpeza enfatizavam a lavagem com água, seja depois de polução noturna (ejaculação involuntária) – porque os espermatozóides permanecem vivos por algum tempo; seja por contato com algum cadáver (Lv 11.8 e ss.; Nm 9.6,7; etc.). Deus orientou seu povo a se lavar depois das relações sexuais e orientou as mulheres em como se lavar no período de sua menstruação (Lv 15.1-33). Os sacerdotes se purificavam, isto é, se lavavam e trocavam de vestes para ministrarem diante de Deus. A pia ou tanque com água ficava no pátio do Tabernáculo para sua purificação (Ex 30.18-21).

Talvez a primeira grande peste bubônica seja a praga que veio sobre os filisteus quando estes tomaram dos hebreus a arca do Senhor e foram castigados. "Porém a mão do Senhor castigou duramente os de Asdode, e os assolou, e os feriu de tumores, tanto em Asdode como no seu território (1 Sm 5.6). Decidiram, então, devolver a arca, com a oferta de 5 ratos de ouro e 5 hemorróidas ou tumores de ouro. "Fazei, pois, umas imagens das vossas hemorróidas e as imagens dos vossos ratos, que andam destruindo a terra, e dai glória ao Deus de Israel" (1 Sm 6.5 – versão corrigida). O fato de haverem feito imitações dos tumores, que algumas versões traduzem como hemorróidas – e dos ratos indicam que os filisteus sabiam que os ratos podiam infectar uma comunidade inteira.

E os hebreus também foram feridos pela peste após receberem a arca de volta. A versão corrigida fala em cinquenta mil

e setenta homens, enquanto a atualizada menciona apenas setenta homens. Bem, é difícil imaginar cinquenta mil pessoas olhando pra dentro da arca! (1 Sm 6.19 – confira as duas versões em sua Bíblia).

Ao que parece os povos daquela época estabeleceram uma ligação entre os ratos e a peste; do contrário, a oferta de expiação não seria constituída de hemorróidas ou tumores e de ratos. A infecção se dava junto as genitálias, pois a palavra *Epholim* do texto original hebraico tem o sentido de inchação, tumefação, e poderia referir-se aos gânglios enfartados (bubões na região inguinal) e não a uma afecção benigna como as hemorróidas. Os gânglios inflamados ou bubões deram origem ao que mais tarde se conheceu com o nome peste bubônica.

Muitas foram as epidemias registradas pelos historiadores, como a peste de Atenas, a de Siracusa, a peste Antonina, a peste do século III, a peste Justiniana e a Peste Negra do século XIV. Mas, havia pestes de proporções menores que atingiam apenas uma vila ou cidade pequena e não todo um continente.

1) Os Banhos E Perfumes

Ainda na antiguidade bíblica os povos do oriente aprenderam a preparar os unguentos, perfumes e óleos perfumados que embelezavam a pele e a deixavam macia e hidratada. Ao que parece o rei Ezequias tinha um bom estoque de perfumes que mostrou aos babilônios quando estes vieram lhe felicitar pelo milagre da cura (2 Rs 20.13; Is 39.2 – a versão atualizada fala em óleos finos, enquanto a corrigida em unguentos). Jó, patriarca antigo que se acredita ter vivido na época de Abraão já mencionava o unguento para perfumar e hidratar a pele (Jó 41.31).

Em Cantares, Salomão fala da suavidade dos unguentos, traduzida em outras versões por perfumes: "Suave é o aroma dos teus unguentos, como unguento derramado é o teu nome; por isso, as donzelas te amam" (Ct 1.3).

Nos tempos bíblicos os banhos de embelezamento demoravam até doze meses, como foi o caso da futura rainha Ester cujos mordomos se preocupavam em deixá-la bela para Assuero.

"Porque assim se cumpriam os dias de seu embelezamento, seis meses com óleo de mirra e seis meses com especiarias e com os perfumes e unguentos em uso entre as mulheres" (Et 2.12). O corpo de uma pessoa fica impregnado de perfumes, e mesmo os banhos seguidos não conseguem eliminar os odores que penetram a pele.

Quando o rei Asa foi sepultado, o leito de seu sepulcro foi banhado de "perfumes e de várias especiarias, preparados segundo a arte dos perfumistas", e, tudo indica que alguns desses perfumes eram queimados como se fazem com os incensos, porque "foi mui grande a queima que lhe fizeram destas coisas" (2 Cr 16.14).

Nos dias do profeta Isaías era costume as mulheres carregarem pequenos frascos com perfumes presos ao corpo (Is 3.20). Os melhores perfumes eram oferecidos a deuses e autoridades, por isso Nabucodonosor se prostrou diante de Daniel e lhe ofereceu perfumes (Dn 4.26); e as pessoas costumavam se embelezar e se perfumar quando compareciam perante as autoridades (Is 57.9).

Na época do NT a indústria dos cosméticos e a prática de se banhar eram comuns. Os gregos inventaram as piscinas ou tanques para banhos públicos, não porque estavam preocupados com a higiene e o controle de doenças, mas como devoção aos prazeres da carne e ao embelezamento do corpo. E esse costume grego alcançou Jerusalém ainda dois séculos antes de Cristo. Os judeus mais ortodoxos reclamavam dos banhos públicos em que os homens se banhavam nus juntamente.

E os arqueólogos descobriram que até mesmo os zelotes que se refugiaram na fortaleza de Massada levaram consigo pentes, espelhos e material para maquiagem!

Os banhos entre os gregos e romanos surgiram, a princípio como uma necessidade, mas depois se tornaram o centro de vida do império. *Satiricón 27* afirma que as pessoas acorriam para os banhos no início da tarde para fazer exercícios e Marcial (1.23) diz que era ali que começavam as iniciações sexuais, ocasião

em que as pessoas esperavam ser convidadas para os jantares, ou apenas para ouvir bisbilhotices e poesias.

Plínio afirma que era caro manter uma casa de banho particular com água aquecida, por isso, até os ricos utilizavam os banhos públicos. Em certas épocas, mulheres e homens se banhavam juntos, como acontece hoje em algumas culturas na Europa e Ásia.

Como eram locais públicos, e as roupas eram deixadas num vestiário com prateleiras, os mais ricos traziam consigo escravos que tomavam conta de seus pertences. Havia três estágios: A sala fria ou *frigidarium* onde os banhistas se lavavam com esponjas. Depois iam para a sala morna, *tepidarium* e adaptavam o corpo à água morna antes de entrar na sala de águas quentes, o *caldarium* que de tão quente alguns desmaiavam e outros até morriam. "O ar quente das chaminés que aqueciam a água circulava por dutos no piso e nas paredes, e a sala mais parecia uma sauna. Alguns aproveitavam para se depilar. Sêneca viveu no andar superior de uma casa de banho e relata que algumas pessoas gemiam quando suas axilas eram depiladas" (Cartas 56.2, *In Explorando o Mundo do Novo testamento*, Bell Jr, Atos p 221).

Os cristãos viveram neste período e tiveram que aprender a discernir o que era bom e mau no comportamento dos banhos. Clemente de Alexandria costumava criticar os banhistas que esnobavam riqueza alimentando-se em pratos de ouro e prata, embriagando-se durante os banhos. Havia muita prostituição nos banhos em que homens e mulheres juntos se banhavam, e a *Constituição Apostólica* (1.3,9) recomendava às mulheres que evitassem "essa desordeira prática de banhar-se [...] com homens".

Que havia unguentos e perfumes nos dias de Jesus é fato comprovado pelas Escrituras (Mt 26.9,12; Jo 12.3,5).

Não há nas epístolas quaisquer menções a banhos, unguentos e perfumes como prática pessoal, no entanto Paulo, parece aludir aos costumes da época, pois fala que os cristãos têm de exalar o bom perfume de Cristo (2 Co 2.15).

Atividades – Lição III

- Marque "C" para Certo e "E" para Errado:

1) ❑ No AT Deus fez restrições a alguns tipos de alimentos, certamente visando o bem-estar do povo que tanto amava. As restrições daquele tempo não se aplicam, em alguns casos, aos dias de hoje.

2) ❑ O sal preserva e tempera. Se hoje os médicos recomendam que se evite o sal em excesso é porque os alimentos que se compram prontos contêm sal em demasia na forma de sódio.

3) ❑ No futuro, Israel terá abundância de peixes quando o mar Morto se tornar saudável com as águas que brotarão da cidade de Jerusalém (Ez 47.9-10).

4) ❑ As árvores de oliveiras crescem lentamente e começam a frutificar depois de quinze anos, mas depois não param mais de produzir.

5) ❑ A cultura dos povos bíblicos incluía o cultivo de legumes de toda espécie, como alface, pepino, vagens, lentilhas, alho porro e também cebolas, alhos, beterrabas etc.

6) ❑ Os judeus contavam o início do ano no primeiro dia do mês de Nisã ou Abib que começava na primeira lua.

Anotações:

Lição IV

Agricultura, Mercado, Indústria e Profissões

AGRICULTURA, MERCADO, INDÚSTRIA E PROFISSÕES

VI. AGRICULTURA

A) O ARADO

A primeira menção na Bíblia da prática da agricultura é feita por Deus ainda no Éden ao homem e mulher. Havia mantimento disponível ao homem e ele poderia cultivar seus produtos sem muito esforço (Gn 2.15). Era uma dádiva divina (Gn 1.29). Depois, com a desobediência o homem teria que cultivar a terra, combater os espinhos que crescem sempre mais rápido e, com o suor do seu rosto produzir seu próprio alimento (Gn 3.17-19). A partir daí o homem teve que aprender a dominar as leis da natureza, a se sujeitar às estações do ano e a controlar a natureza que se tornou selvagem. Ele agora tinha contra si os animais que se tornaram ferozes e a natureza que produzia espinhos e urtigas.

Anos depois Caim traz o produto da terra ao Senhor como oferta de louvor ou de ações de graça (Gn 4.3). A oferta não foi aceita, não porque era de grãos ou vegetais, mas porque o coração de Caim andava inclinado ao pecado, por isso, antes dele matar a seu irmão Deus o alertara, dizendo: "Se procederes bem, não é certo que serás aceito?" (Gn 4.7). A oferta de Caim não foi aceita porque ele planejava matar seu irmão.

A agricultura nos tempos antigos era feita com muita dificuldade. O homem tinha que lutar contra as feras do campo, o gado selvagem que invadia sua horta; que comia do seu trigo, além de lutar contra as pragas dos gafanhotos, cochinilhas ou pulgões e dominar a técnica de combater os espinhos. O cultivo era manual e bastante rudimentar.

Não existem registros antigos sobre como se arava o solo e como se plantavam, como existem os registros dos inventores dos que vivem em tendas, dos inventores de instrumentos de ferro e do inventor da música (Gn 4.20-22). Mas sabe-se que era uma forma primitiva de arado, puxado a mula ou por bois.

1) Vinhedos

"Noé sendo lavrador" plantou uma vinha (Gn 9.20). Não era necessário arar a terra para se plantar mudas de uvas, pois bastam covas bem preparadas e adubadas onde se fincam os ramos. A vinha era apenas um dos produtos que Noé cultivou.

Os vinhedos eram formados em fileiras, e não como caramanchões, cujos ramos são por cima, como uma cobertura. Os pés de uvas formavam uma cerca vertical, por isso era possível semear o trigo e a cevada entre as fileiras de parreira, pois os vinhedos dão uva uma vez ao ano. "Não semearás a tua vinha com duas espécies de semente, para que não degenere o fruto da semente que semeaste e a messe da vinha" (Dt 22.9). A mistura da semente do trigo com a do centeio ou da cevada poderia deteriorar e enfraquecer a espécie.

Também era possível soltar o gado para pastar quando não era época de plantio ou de colheita (Ex 22.5).

A escritura dá grande ênfase aos parreirais de uvas. Deus compara seu povo, Israel, a uma vinha de boa qualidade que ele plantou, mas que se degenerou e deu uvas de péssima qualidade. Ele teve todo cuidado, "esperava que desse uvas boas, mas deu uvas bravas" (Is 5.2). Eis aí a resposta que muitos buscam: O próprio Deus afirma que plantou uvas de boa espécie, mas a parreira só deu uvas ruins!

Quando a Escritura se refere a uma vinha, portanto não se refere apenas a plantação de uvas, mas a todo cultivo que era feito entre os parreirais. Assim como no Brasil que em meio a certas plantações de café ou de árvores frutíferas plantam-se feijão, milho e hortaliças.

Nos grandes vinhedos costumava-se edificar uma torre de vigia, geralmente feita de pedras de onde se vigiavam os ataques de ladrões e de animais. Em algumas delas era possível uma pessoa se hospedar e até dormir, mas a maioria servia apenas para espantar os ladrões, porque estes não sabiam se havia alguém nas torres ou não. Era uma espécie de choça, uma cabana de palha como as que existem no interior das plantações (Jó 27.18).

Uzias as edificou para proteger as cidades e suas plantações (2 Cr 26.10). É dessa forma que Deus promete cuidar e proteger seu povo (Is 27.3). Parece que as raposas gostavam das uvas, ou causavam prejuízo cavando no solo (Ct 2.15).

A poda era feita de duas maneiras. A primeira era feita antes da brotação dos ramos do parreiral, quando se podavam os ramos, para que viessem novos ramos. A segunda poda era feita logo após a frutificação. Depois que surgiam os primeiros cachos de uva, podava-se o galho que continuava a crescer, para que a seiva da parreira não se perdesse, e se detivesse ajudando no crescimento e amadurecimento do cacho de uva (Is 18.5). Caso uma vinha não fosse podada era considerada abandonada (Is 5.6), a não ser no ano sétimo quando era deixada livre para descansar juntamente com a terra.

Por isso Jesus se refere à poda dos ramos que estão frutificando, para que dêem mais frutos ainda (Jo 15.1-2). Somente os ramos que estão frutificando são podados; o ramo que não dá fruto é lançado fora! Trata-se da ponta da vara da parreira de uva, que continua a crescer logo após os cachinhos de uva.

2) Água E Irrigação

Israel é uma terra diversificada. Os israelitas estavam acostumados a plantar no Egito em que a água das monções que vinham da África através do Nilo inundava as partes baixas e deixava a terra fertilizada e pronta para o plantio. Deus lhes avisa sobre a terra em que viverão: "Porque a terra que passais a possuir não é como a terra do Egito, donde saístes, em que semeáveis a vossa semente e, com o pé, a regáveis como a uma horta; mas a

terra que passais a possuir é terra de montes e de vales; da chuva dos céus beberá as águas" (Dt 11.10-11).

Isto é, Deus preparou o povo para que se adaptasse ao regime das chuvas. No Egito não dependiam das chuvas para plantar e colher, mas na nova terra o ciclo das estações determinaria a boa colheita.

E os israelitas logo aprenderam que na nova terra tinham que depender das benesses do céu, como está no Salmo 104:13-14: "Do alto de tua morada, regas os montes; a terra farta-se do fruto de tuas obras. Fazes crescer a relva para os animais e as plantas, para o serviço do homem, de sorte que da terra tire o seu pão".

O índice pluviométrico, isto é a quantidade de chuva varia muito de região para região com quase zero de precipitação na região do mar Morto e de 100 milímetros na alta Galiléia. Os judeus logo descobriram que na época da chuva formam-se rios por lugares inimagináveis, que depois de alguns dias secam.

O povo de Israel logo depois de entrar na terra de Canaã aprendeu que duas chuvas eram importantes para a terra: A de maio e a de outubro. No mês de maio que antecedia a colheita, a chuva era bem-vinda para o amadurecimento dos grãos que era colhido no verão, de junho a setembro.

Nessa época o trigo granava e as frutas amadureciam. Depois, em outubro voltava a chover logo após a festa dos Tabernáculos irrigando a terra para os meses de outono e do inverno. São as "primeiras" e as "últimas" chuvas.

> *"... darei as chuvas da vossa terra a seu tempo, as primeiras e as últimas, para que recolhais o vosso cereal, e o vosso vinho, e o vosso azeite. Darei erva no vosso campo aos vossos gados, e comereis e vos fartareis" (Dt 11.14-15).*

Quando as chuvas caíam no tempo certo os judeus consideravam uma bênção divina. Quando não chovia era sinal da

desaprovação de Deus (Veja Jr 3.3; Ez 34.26; Zc 10.1). Isto eles diziam porque Deus ameaçou de fechar os céus e de reter as chuvas se o povo sistematicamente abandonasse a Deus (Dt 11.17). Deus mesmo falou que quando não houvesse chuva o povo teria que se arrepender (2 Cr 6.26; 7.13).

Parece um paradoxo, mas Jesus declarou que o Pai é tão bondoso que faz cair a chuva sobre os bons e os maus, indistintamente (Mt 5.45). O que foi confirmado por Paulo (At 14.17).

Além das chuvas periódicas os israelitas dispunham de fontes, como as nascentes, rios, poços e o orvalho. Em agosto e setembro o orvalho era mais intenso, apesar de ser um tempo sem chuvas.

Nos subterrâneos da cidade de Jerusalém, anos depois, os judeus descobriram que havia fontes naturais para o armazenamento de água, e ali sob a cidade havia nascentes que levavam água para os vales, como a fonte de Giom e o ribeiro de Cedrom, cuja água era sempre perene.

Oitocentos anos antes de Cristo, Uzias, "amigo da agricultura" cavou cisternas (2 Cr 26.10), e havia uma ligação natural de um manancial de águas fora dos muros de Jerusalém que formavam um poço dentro da cidade, no tempo em que habitavam ali os jebuseus. Joabe mergulhou na fonte, nadou por dentro do canal natural de rochas e saiu dentro da cidade, derrotando aquele povo e tomando a cidade para Davi (2 Sm 5.4-8).

A história registra que os zelotes suportaram durante três anos o cerco dos romanos refugiados na fortaleza de Massada – que fora o lugar de veraneio de Herodes o Grande, porque uma fonte subterrânea cortava o monte e dava água com abundância. Os romanos só conquistaram o monte depois de vários anos trabalhando e aterrando a encosta até conseguirem subir.

Este autor presenciou uma queda de água e uma cascata em pleno deserto de En-Gedi local em que Davi se refugiou de Saul perto do mar Morto. Um milagre da natureza! Em

Jerusalém, visitando os subterrâneos da cidade este autor se deparou com açudes subterrâneos naturais que armazenam água. A descoberta desses mananciais deu suprimento de água durante o cerco dos árabes logo após Israel ser declarado nação em 1948.

O tanque de Betesda era uma fonte natural dentro de Jerusalém (Jo 5.2) e também o tanque de Siolé (Jo 9.7-11). Ali um cego lavou os olhos e foi curado. Os antigos aprenderam a irrigar suas hortas e pomares utilizando o declínio dos montes, fazendo pequenos canais até suas propriedades.

Mas, o suprimento principal de água é o rio Jordão. Este nasce na fronteira com ao atual Líbano, no Monte Hermom que no inverno fica com seu pico nevado. A água forma o leito do Jordão. Nos tempos bíblicos havia um pequeno lago chamado "águas de Merom" (Js 11.5,7) que hoje desapareceu dando lugar a uma vasta área plana de cultivo.

Depois, o Jordão segue seu curso até formar o Lago da Galiléia, que na época de Jesus e dos apóstolos era piscoso e servia de fonte de alimentação e de suprimento de água para as dez cidades (Decápolis) da região.

E corre novamente para o Sul até desembocar no mar Morto. Como o mar Morto fica cerca de 330 metros abaixo do nível do mar Mediterrâneo, boa parte da água se evapora.

Hoje Israel e Jordânia ainda se abastecem com as águas do Jordão e o uso contínuo da água fez que a foz do Jordão junto ao mar Morto esteja com pouca água, consequentemente o mar Morto aos poucos está encolhendo.

Existe uma promessa de Deus de que águas sairão de debaixo do altar do templo de Jerusalém – e lá existem as fontes naturais subterrâneas – que formarão um córrego, depois um rio e tornará as águas do mar Morto salutares. Uma parte dele será reservado para o sal, mas outra parte permitirá que cresça todo tipo de árvores frutíferas, permitindo que os pescadores estendam suas redes por lá (Ez 47.1-12). E os peixes serão como os peixes do mar Mediterrâneo.

3) O Arado

O arado era feito de madeira com uma lâmina de ferro para sulcar a terra. Pela lei não era permitido usar animais de espécies diferentes para arar a terra, não se coloca sob a mesma canga um burro e um boi. Um deles ficará sobrecarregado (Dt 22.10). Talvez daí venha a ilustração de Paulo sobre o jugo desigual com os incrédulos (2 Co 6.14).

Para Paulo, um obreiro era como um "companheiro de jugo" (Fp 4.3) que ajudava a levar o fardo. Um jugo suave é a promessa de Jesus aos que o seguiam. Isto quer dizer que o cristão sai de debaixo do jugo do diabo que é opressivo e mau e entra debaixo do jugo de Cristo. De qualquer maneira, ao seguir a Cristo o crente se submete a um novo jugo, e isto tem de ser levado em conta.

Os lavradores usavam um aguilhão, uma vara de quase dois metros de comprimento com uma ponta afiada de metal para cutucar os animais quando estes empacavam. Sangar usou uma dessas varas para ferir os filisteus (Jz 3.31). Jesus avisou a Paulo que não gostaria de usar o aguilhão nele, bastava apenas que o obedecesse (At 26.14).

Isaías profetizou que a guerra dará lugar à paz e que as armas de guerra serão transformadas em lâminas de arado (Is 2.4).

Semeava-se a terra, mas esperava-se em Deus para que desse a chuva no tempo certo! "Do alto de tua morada, regas os montes; a terra farta-se do fruto de tuas obras. Fazes crescer a relva para os animais e as plantas, para o serviço do homem, de sorte que da terra tire o seu pão, o vinho, que alegra o coração do homem, o azeite, que lhe dá brilho ao rosto, e o alimento, que lhe sustém as forças" (Sl 104.13-15).

4) A Adubação Da Terra

Os adubos químicos são frutos da modernidade, e nos tempos antigos até meados do século dezenove a adubação da

terra era feita com adubos naturais. Uma das razões porque a terra descansava a cada sete anos era para adubação natural.

O gado era solto no campo e no ano de descanso da terra adubava a terra com seu esterco natural (Ex 23.11; Lv 25.4). Se bem que não existe uma palavra específica a respeito, a terra era adubada naturalmente, porque o gado lança sobre a terra grande quantidade de esterco.

Os judeus aprenderam a usar a palha do trigo misturando-a ao esterco, isto acontecia, pelo menos, nos dias de Isaías (Is 25.10). Para adubar uma planta, uma boa técnica era a de escavar ao redor e fertilizar com esterco; no caso de uma árvore ou de uma videira (Lc 13.8).

A terra da Palestina era fértil como atestam os historiadores Josefo, Apion e Tácito. No vale do Jordão e na orla marítima os campos eram férteis, já nas partes mais altas a formação consistia na decomposição das rochas basálticas.

E a terra era enriquecida pelos israelitas que criaram as fileiras de pedras que seguravam a terra, formando uma espécie de terraço para que os nutrientes não se perdessem nas enxurradas.

5) A Agricultura Na Vida Dos Israelitas

Em tempos mais remotos os judeus viviam numa sociedade pastoril, e aos poucos se tornaram uma sociedade agro-pastoril, isto é, cuidavam de seus rebanhos e cultivavam a terra. A literatura de Israel fala dessa dupla atividade. No Salmo 80.1 Deus é mencionado como "pastor de Israel" (Sl 95.7 cf. 74.1; 79.13; 100.3). Deus é também o agricultor e Israel, a sua vinha (Is 5.1 e ss.). Ele é o lavrador e Israel a terra que ele ama (Is 28.25 e ss. Cf. 1 Co 3.9).

No NT o reino de Deus é comparado ao semeador que sai a semear (Mt 13.3 e ss.) e depois vê o trigo e o joio crescerem juntos no campo (v 24 ss.). Uma das parábolas retrata o senhor da vinha saindo cedinho para contratar trabalhadores para a colheita (Mt 20.1 e ss.) ou enviando seus servos para buscarem o fruto do campo (Mt 21.33 e ss.).

Cristo se compara a um pastor que sai à procura da ovelha perdida até encontrá-la (Lc 14.4) ou a alguém que se entrega a favor de suas ovelhas (Jo 10.11). Aos olhos de Jesus as multidões são como ovelhas sem pastor (Mt 9.36; Mc 6.34), e o mundo é visto por ele como um campo a ser ceifado (Jo 4.35) esperando pelos ceifeiros (Mt 9.37).

6) Trigo, Cevada E Centeio

a) O Trigo

O trigo tinha muita importância na antiguidade e ainda é de muita importância nos dias atuais. Sem o trigo não se teria o pãozinho de cada dia que acompanha o café da manhã dos brasileiros. Pela ordem de importância vem o trigo, o centeio e depois a cevada, este último o alimento comum dos pobres.

Os israelitas aprenderam a cultivar seus produtos também nas encostas de montanhas fazendo patamares para evitar que toda a água escoasse rapidamente, método antigo usado pelos asiáticos no plantio do arroz.

De todos os cereais o trigo é o de maior valor e o mais requisitado entre os povos da terra. É cultivado desde tempos remotos e sementes de trigo foram encontradas dentro dos túmulos dos Faraós no Egito. Algumas tumbas tinham mais de três mil anos e as sementes de trigo nelas encontradas germinaram milênios depois. Acredita-se que a origem do trigo esteja na Mesopotâmia, e é possível, porque ali teve começo a civilização. Antes da Palestina ser ocupada pelos israelitas lá havia trigo (Dt 8.8).

O trigo é mencionado nos dias de Jacó, e também no Egito na mesma época (Gn 30.14; Ex 9.32). Era um produto mercadejado pelos habitantes de Tiro (Ex 27.17).

Certo autor fala de três qualidades de trigo: O *triticum compositum,* o *triticum spelta* (o mais comum de todos) e o *triticum hybernum* (Hist. Nat. da Bíblia, p 492).

"Porventura, quando já tem nivelado a superfície, não lhe espalha o endro, não semeia o cominho, não lança nela o trigo em leiras, ou cevada, no devido lugar, ou a espelta, na margem?" (Is 28.25).

O trigo em leiras significa em fileiras. Semeava-se o trigo e nas bordas do campo o trigo comum, ou espelta. Dessas qualidades a mais comum era o trigo *espelta* trigo de inferior qualidade que crescia abundantemente na Palestina.

O trigo era semeando em novembro logo depois que as primeiras chuvas afofavam a terra, e era colhido em meados de maio ou junho, no início do verão. No entanto, a colheita variava de lugar para lugar, sendo colhida primeiramente no vale do Jordão e mais tarde no Líbano.

b) A CEVADA

É mencionada no NT, no relato da multiplicação dos pães, em que um menino tinha cinco pães de cevada. A palavra cevada aparece duas vezes em João 6.9,13 e novamente em Apocalipse 6.6. A cevada era um dos mais importantes grãos cultivados em Israel.

Conforme Plínio, o Velho (HN xviii. 72) era o mais importante alimento da humanidade. Era cultivado pelos cananeus antes de Israel entrar na terra prometida (Dt 8.8) e também pelos egípcios conforme aparece em Êxodo 9.31. Era usado pelos judeus para fazer o pão (Ez 4.9). Neste texto Ezequiel menciona ainda favas e lentilhas.

Ao que parece era o principal alimento dos pobres (Rt 2.17; 3.15,17), e fazia parte da alimentação dos midianitas, cf. Juízes 7.13. Num documento está escrito:

"O pão de cevada é comido apenas pelos pobres e pelos desafortunados. Nada é tão comum como este tipo de pão para o povo que reclama que tudo o que os opressores deixaram pra eles foi um pouco de pão de cevada para comer" (Land and Book, Ed. de 1878, p 449).

Na Palestina a semeadura da cevada se dava no começo do mês de outubro, e se o inverno era chuvoso semeava-se em fevereiro. No vale do Jordão a colheita era em abril e nas regiões montanhosas em julho ou agosto (Hugh Duncan).

c) Feijão

O feijão era comum, mas usado apenas pelos pobres, e não era como os nossos feijões de hoje. Mas, era uma fonte de proteína às pessoas que não dispunham de carne nas refeições. O feijão era cultivado em pequenas hortas.

d) Linho

Plantava-se, primeiramente a cana de linho mencionado em Josué 2.6 e traduzido como "canas de linho". A cana era plantada pra testar se a terra era boa. Caso houvesse uma boa colheita da cana de linho, era porque a terra era ótima para cultivo. No entanto, o linho dela extraído era um produto abundante em Israel que servia para a confecção de tecidos e de pavios, e desempenhava papel importante na economia da nação (Os 2.9). Raabe escondeu os espias de Israel debaixo do monte de canas de linho (Js 2.6). Hoje, além dos fios de tecidos extrai-se da cana um óleo, mas nada indica que na antiguidade extraía-se óleo da planta do linho.

No Egito, por ocasião das pragas, o linho estava em flor e foi muito prejudicado (Ex 9.31). E a mulher de Provérbios 31 sabia selecionar o linho e trabalhar com ele.

Os principais grãos eram, portanto o trigo, a cevada, o trigo comum ou espelta, lentilhas e feijões, enquanto a aveia era pouco cultivada.

7) Calendário Da Colheita Em Israel

Dois mil anos antes de Cristo este era o calendário das colheitas em Israel.

- ✓ **Linho**: Março e abril
- ✓ **Cevada**: Abril e maio
- ✓ **Trigo**: Maio e junho (podendo ser retardado até fins de setembro.
- ✓ **Figos e uvas**: Agosto e setembro
- ✓ **Azeitonas**: Setembro a novembro.

a) Debulha E Armazenamento

Na época da colheita o produto da terra era levado em grandes cestos nos ombros dos homens, sobre mulas ou em carroças até a eira para secar e ser separado. A eira costumava ser um local mais elevado do terreno, devidamente preparado, geralmente feito com um piso de pedras bem rejuntadas, ou poderia ser uma eira sobre o telhado da casa. "A debulha se estenderá até à vindima, e a vindima, até à sementeira; comereis o vosso pão a fartar e habitareis seguros na vossa terra" (Lv 26.5).

Noemi orientou a Rute, sua nora, para que fosse até a eira onde Boaz dormia (Rt 3.2-3). Boaz se deitou no local onde fazia a limpeza da cevada, certamente para cuidar de sua colheita. Davi viu o anjo do Senhor junto à eira de Araúna, o jebuseu (2 Sm 24.18).

Caso chovesse, o que era raro na época da colheita, a eira, por estar num local mais elevado permitia que a água escorresse com facilidade e não prejudicasse os grãos. Os feixes eram desamarrados e espalhados sobre a eira.

As pessoas pisavam os grãos ou usavam animais para pisotear separando os grãos dos ramos (Os 10.11). O Pentateuco orientava que não se devia atar a boca do animal que debulha (Dt 25.4). Era comum vedar os olhos do animal, porque andando em círculos poderia ficar zonzo (Talmude, *Kelim xvi 7*). Alguns produtos, no entanto eram separados e batidos com uma vara.

No AT havia três formas de se separar os grãos:

- **A primeira forma** usava-se uma vara ou bastão com o qual se batia nas palhas para separar o grão. Gideão estava usando este bastão, malhando o trigo quando o anjo do Senhor apareceu para ele (Jz 6.11).
- **A segunda forma** era uma prancha larga de madeira, como se fosse um trenó puxado por uma pessoa ou animal que pisava o grão. A prancha de madeira tinha uns tipos de pregos feitos de pedras pontudas que assemelhavam-se a pregos, conforme Isaías 41.15.
- **A terceira forma** era uma espécie de carroça (Is 28.28) que tinha uns discos de metal que se revolviam sobre a eira. A tração era feita por bois ou jumentos e o lavrador ficava sentado no carro (2 Sm 24.22).

b) Joeirar Ou Padejar

Jesus usou a palavra cirandar, para falar da intenção do diabo com Pedro, isto é, peneirar, mas as versões antigas usam joeirar ou padejar. O texto de Isaías 28.28 fica claro na versão corrigida: Padejado com a pá, indicando que, tomando-se uma pá, joga-se o feno, a palha ou a colheita para cima e o vento se encarrega de levar para longe a palha, enquanto o grão cai sobre a eira.

Talvez fosse isso que Gideão estava fazendo quando o anjo do Senhor o encontrou. A versão atualizada afirma que ele estava "malhando" o trigo (Jz 6.11), isto é, joeirando ou peneirando, fazendo a separação da palha e dos grãos. Os mais antigos devem se lembrar desse processo muito usado para peneirar grãos usados pelos antigos aqui no Brasil, especialmente na colheita do café.

"A sua pá, ele a tem na mão, para limpar completamente a sua eira e recolher o trigo no seu celeiro" (Lc 3.17). Aqui se vê um exemplo da cultura da época. Usava-se um garfo de três dentes para jogar para o alto a palha com o trigo. O vento espalhava a palha e o trigo caía no chão. Seria isto o que Deus decidiu fazer com Israel? (Am 9.9).

c) Armazenamento

O texto de Lc 3.17 citado anteriormente fala em se recolher o trigo no celeiro. O povo antigo armazenava a colheita em grandes silos feitos de pedras e tijolos para protegê-la dos animais roedores, da umidade e da chuva.

O primeiro exemplo de armazenamento é de quando José mandou construir silos para os grãos em toda a terra do Egito, próximo dos centros de produção (Gn 41.33-36,48). As produções menores eram guardadas em vasilhas de barro, aliás, com grande poder de conservação. Hoje, os pequenos agricultores usam garrafas PET para armazenar grãos que se conservam e não permitem que se criem bichos. Semelhantemente quando se guardavam documentos de papiro em vasilhas de barro duravam milhares de anos, como os documentos encontrados próximos ao mar Morto em 1948 com quase dois mil anos de existência!

As grandes colheitas precisavam ser guardadas em grandes silos ou armazéns, e Salomão designou algumas cidades para serem cidades-armazéns (1 Rs 9.19), como Davi seu pai fizera anteriormente (1 Cr 27.25).

Tenha em mente a parábola que Jesus contou de um homem que resolveu aumentar e construir novos celeiros (Lc 12.18).

d) Moagem Dos Grãos

O processo seguinte era a moagem ou trituramento dos grãos. Nos tempos bíblicos moía-se o grão na mó que consistia de duas pedras. A pedra de baixo era fixa com uma cavidade onde se colocava o grão e a de cima era móvel e com ela se movia sobre a pedra fixa para triturar os grãos.

Um dos tipos de mó consistia de uma pedra superior com uma manivela de madeira, e, em alguns casos a pedra era tão grande que só um animal ou um muito forte poderia girá-la. Era esse tipo de pedra de mó que Sansão girava, forçado pelos filisteus

(Jz 16.21). Os mais antigos devem se lembrar do antigo pilão, feito de madeira ou de pedra em que se trituravam os grãos.

Este processo manual era demorado e cansativo. Mas, não se moía toda a safra, como se faz hoje, moía-se apenas o necessário para se usar naquele dia, como se fazia no interior do Brasil com o milho e o arroz, apenas para o suprimento diário.

e) O LAGAR

O aluno viu anteriormente a respeito da eira, espaço em que se malhava e se peneiravam os grãos. O lagar, no entanto, refere-se ao espaço em que se pisavam as uvas. Quando a Bíblia fala que Gideão malhava o trigo no lagar, significa que ele estava no lugar errado, e como o lagar era uma espécie de tanque, ele podia se esconder dentro dele para não ser visto pelos midianitas (Jz 6.11).

Lagar tem a ver com uvas, que consequentemente se transformavam em vinho. (Quando a Bíblia fala de mosto refere-se ao vinho novo, que está ainda num processo de fermentação completa, portanto muito doce e forte (Gn 27.28,37; Dt 32.14 etc.).

O antigo processo de se pisar as uvas para transformá-las em mosto e depois em vinho ainda é usado em pequenas propriedades no sul do Brasil. A maioria delas, no entanto adaptou-se à modernidade e usa maquinário próprio que dispensa os lagares ou tanques em que se pisam as uvas.

No entanto, o antigo processo de se colocar o vinho em barris ou tanques é o mesmo.

O aluno, então deve aprender a diferenciar entre uma eira, espaço em que secavam os grãos, e o lagar, tanque em que se pisavam as uvas. Os lagares eram tanques feitos de pedra, com um buraco ou pequeno cano por onde escorria o suco da uva que era logo coletado e armazenado em potes de barro, barris de madeira ou em odres feitos de couro, onde eram guardados para a fermentação.

O lagar podia ser cavado no meio do vinhedo, desde que houvesse um espaço rochoso (Mt 21.33 ss.). Era construída de pedras, cuidadosamente cimentadas para receber o suco. Depois, o vinho era depositado em "garrafas", feitas da parte traseira do couro do animal que incluía as patas e a cauda. Ali era deixado, num couro novo que podia se expandir com o processo de fermentação. Depois de fermentado era mudado para outro odre, porque não fermentava tanto, como no primeiro processo.

Quando a Bíblia fala de Moabe que não foi mudado de vaso, refere-se ao processo de purificação. O vinho tinha que ser mudado de vaso várias vezes, e neste processo a borra ou impureza ficava no fundo do barril ou do odre e, neste processo era clarificado e aperfeiçoado.

> *"Despreocupado esteve Moabe desde a sua mocidade e tem repousado nas fezes do seu vinho; não foi mudado de vasilha para vasilha, nem foi para o cativeiro; por isso, conservou o seu sabor, e o seu aroma não se alterou" (Jr 48.11).*

Fezes, neste texto, se refere a borra que fica no fundo do barril ou do odre. O vinho ao ser mudado constantemente de vasilha mudava o sabor e era mais perfeito.

No cântico da vinha em Isaías 5 o Senhor fala do lagar que ele construiu no seu vinhedo (Is 5.2). Noutra parte refere-se ao lagar como local onde dará vazão à sua ira, pisando com força, irritado devido aos pecados do povo (Is 63.2-3; Lm 1.15 cf. Ap 14.19-20).

VII. O Comércio E A Indústria

O aluno deve conhecer um pouco da cultura comercial e industrial dos tempos do AT e do NT.

A primeira menção à fabricação de objetos está em Gênesis 4.22: "Zilá, por sua vez, deu à luz a Tubalcaim, artífice de todo instrumento cortante, de bronze e de ferro". Quem sabe aí

esteja o começo da era industrial dos tempos mais remotos. Tubalcaim (tu serás trazido de Caim) faz a transição dos instrumentos de pedra – se bem que estes continuaram a existir por milênios – para os de ferro. Tubalcaim aprendeu os primeiros segredos da mineração, e descobriu que podia extrair da terra o ferro e o cobre e com eles fazer instrumentos cortantes.

No deserto, o povo de Israel já estava familiarizado com o uso de produtos tirados da terra, como o ouro, a prata, o cobre e o ferro (Nm 31.21,22).

Caso o estudante queira se aprofundar na pesquisa deve ler sobre o tema em livros que tratam da história universal. O objetivo desse estudo, no entanto, restringe-se ao conhecimento que havia do comércio e indústria dos tempos bíblicos.

À época de Abraão a ciência havia evoluído bastante desde as descobertas de Tubalcaim, porque já se fabricavam armas de guerra, como lanças, espadas e flechas feitas de ferro, e se construíam carroças para transporte de material, de pessoas e para uso em guerras.

Os egípcios eram uma sociedade bastante adiantada em tecnologia, com carros velozes, técnicas de plantio, de fabricação de vestimentas e também na área médica, porque desenvolveram a arte de mumificar os mortos, guardando-os em grandes pirâmides.

O corpo de Jacó, e mais tarde o de José foram mumificados, e o de José guardado por cerca de 400 anos até ser transportado pelo povo em fuga do Egito para ser sepultado em Canaã (Gn 50.25; Ex 13.19; Js 24.32).

A arte de se embalsamar corpos numa sociedade tão antiga como a Egípcia indica que naquele tempo os egípcios dominavam a agricultura e as ciências, especialmente a medicina e a matemática. Já se dominava a arte de trabalhar em pedras, ferro, ouro, prata e cobre, além do domínio de técnicas espirituais, porque os magos do Egito dominavam o fogo, a água e podiam fazer aparecer e desaparecer coisas materiais.

Os cavalos que eram negociados nos dias de Jacó (Gn 47.17) eram negociados por Salomão que os comprava do Egito e os revendia a outras nações (1 Rs 10.28-29).

Um país com tanto progresso também desenvolvera a arte de comercializar seus produtos. O estudante pode ter uma ideia do comércio no AT – se bem que estudar o AT implica conhecer um período de quatro mil anos, da criação do mundo ao livro de Malaquias – entre os países da região do norte da África, do Mediterrâneo, da Síria, Pérsia e Caldéia.

O livro de Ezequiel é o que descreve com detalhes o comércio entre as nações:

> *"Também Dã e Javã, de Uzal, pelas tuas mercadorias, davam em troca ferro trabalhado, cássia e cálamo, que assim entravam no teu comércio" (Ez 27.19).*

Exemplo de comércio no AT é a cidade de Tiro, cuja menção aparece pela primeira vez em Josué 19.29 e cujo comércio teve fama mundial. Na época do rei Davi Tiro se sobressaía pelo comércio e pela habilidade de seus cidadãos, no trato com a madeira, o ferro e comércio em geral.

O rei de Tiro enviou a Davi madeira de cedro, carpinteiros e pedreiros (2 Sm 5.11). Como parte de seus acordos comerciais, Salomão recebia mercadorias e mão de obra de Tiro e deu ao rei daquela cidade vinte cidades na terra da Galiléia (1 Rs 9.11).

Hirão, o artesão que veio de Tiro enviado para construir o templo trabalhava habilmente com ouro, prata, bronze, ferro, pedras, madeira, "em obras de púrpura, de pano azul, e de linho fino e em obras de carmesim; e é hábil para toda obra de entalhe e para elaborar qualquer plano que se lhe proponha" (2 Cr 2.14).

O objetivo aqui não é o de mostrar a habilidade de Hirão, o que faremos sob outro item, mas as mercadorias negociadas por Tiro.

Isaías afirma que os mercadores de Tiro "são príncipes e cujos negociantes são os mais nobres da terra" (Is 23.8). Tiro negociava com todas as nações, e seus navios eram feitos de ciprestes de Senir, os mastros, de ciprestes do Líbano; os remos eram de carvalhos de Basã, os assentos dos navios feitos de marfim "engastado em pinho das ilhas dos quiteus". As velas dos navios eram feitas em tecidos bordados no Egito, e as coberturas azul e púrpura vinham das Ilhas Elisa (Ez 27.5-7).

A partir do v.12 o escritor descreve as mercadorias negociadas com Tiro: Prata, ferro, estanho e chumbo; objetos de bronze eram trocados por escravos; cavalos, ginetes e mulos eram negociados com Togarma. Dentes de marfim – tirados de elefantes – e madeira de ébano.

A Síria trocava os tecidos manufaturados em Tiro oferecendo em troca esmeralda, púrpura, bordados, linho fino, coral e pedras preciosas. Israel negociava com Tiro e a moeda de troca era trigo, confeitos, mel, azeite e bálsamo. Damasco negociava tecidos trocando-os por vinho e lã de Saar. Dã, Java e Uzal negociavam com Tiro ferro trabalhado, cássia e cálamo, e Dedã oferecia mantas para as cavalgaduras.

A Arábia negociava cordeiros, carneiros e bodes; Sabá e Raamá trocavam aromas, pedras preciosas e ouro, além de comercializar panos de púrpura, pedras preciosas e ouro (Veja a lista em Ez 27.12-24).

O comércio nos dias do NT pode ser visto na visão profética que João teve no Apocalipse. Babilônia, aqui mencionada, resume o comércio que havia naqueles dias: Ouro, prata, pedras preciosas, pérolas, linho finíssimo, púrpura de seda, madeira de toda espécie, objetos de marfim, madeira, bronze, ferro e mármore; canela cheirosa, especiarias, incenso, unguento, bálsamo, vinho, azeite, flor de farinha, trigo, gado e ovelhas, cavalos, carros, escravos e almas humanas (Ap 18.12-13).

Isto quer dizer que negociavam não apenas pessoas, na forma de escravos, mas até a vida religiosa dessas pessoas entrava como critério de negócio, as almas delas.

Ao longo da história o bastão da liderança do comércio passa de um país para outro, especialmente em época de comércio globalizado.

A) Câmbio E Moedas

Para o sucesso do comércio internacional, havia a necessidade de uma moeda de troca. Geralmente a moeda de troca era a própria mercadoria, como se viu no texto de Ezequiel 27.19.

Quando se troca mercadoria por mercadoria a palavra correta é escambo, uma forma antiga de comércio que se repete até hoje em muitos países. O ouro e a prata, no entanto, eram as melhores moedas para o pagamento de mercadorias feitas entre os países.

Além das moedas de cada país, o império dominador impunha sua moeda ou dinheiro sobre as demais nações. Nos dias de Jesus uma moeda com a esfinge de César circulava na Palestina, o que levou Jesus a dizer a frase célebre até hoje: Dai a César o que é de César e a Deus o que é de Deus (Mt 22.21).

Eram raras as casas de câmbio, e o pagamento era feito com mercadorias de troca ou com moedas do país. O dinheiro nacional era avaliado conforme o valor internacional de cada império.

No século anterior a Cristo surgiram os primeiros "bancos", ainda de forma muito primitivos, e consistia apenas de uma mesa em que os negócios eram feitos.

Jesus menciona a casa bancária ao contar a parábola dos talentos (Lc 19.23). As leis romanas eram rígidas e se alguém não saldasse sua dívida era levado para a prisão (Mt 18.25).

A prática de se usufruir lucro com empréstimos de dinheiro vem desde os tempos de Moisés, por isso, os judeus emprestavam dinheiro para seus irmãos (Ex 22.25; Dt 23.19) e não praticavam a usura no empréstimo aos demais judeus. Usura é a cobrança de juros acima da tabela.

Podiam cobrar juros dos não-judeus (Dt 23.20), prática que eles fazem muito bem até o dia de hoje, pois quase todo sistema financeiro mundial é administrado por judeus ou seus descendentes até hoje.

Enterrar o dinheiro sempre foi a solução encontrada pelas pessoas, com medo dos ladrões e assaltantes.

A seguir o estudante pode ver os nomes dos dinheiros que faziam parte do negócio dos judeus, a maioria baseado no sistema monetário Greco-romano daqueles dias, extraído da *Bíblia Comentada*.

Nome	Tipo	Correspondente Bíblico	Proporção
Lepto (Mc 12.42 "pequenas moedas")	Moeda de cobre ou de bronze	½ do quadrante ou 1/128 do denário	1/128
Quadrante (Mc 12.42 na RA. Na RC "cinco réis").	*Moeda romana de cobre*	*¼ do asse ou 1/64 do denário*	*1/64*
Asse (Mt 10.29 "ceitil").	Moeda romana de cobre	1/16 do denário	1/16
Denário (Unidade básica Mt 20.2 "dinheiro").	*Moeda romana de prata*	*Salário de um dia de trabalho*	*1*
Dracma (Unidade básica, Lc 15.8).	Moeda grega de prata	Igual a 1 denário	1
Didracma (Mt 17.24).	*Moeda grega de prata*	*2 dracmas ou dois denários*	*2*
Tetradracma (Mt 26.15, "moedas de prata").	Moeda grega de prata	4 dracmas ou 4 denários	4
Estáter (Mt 17.27)	*Moeda grega de prata*	*2 didracmas ou 4 denários*	*4*

Mina (Lc 9.13)	Moeda grega de ouro	100 denários	100
Talento (Mt 25.15)	*Prata ou ouro*	*6.000 denários*	*6.000*

* Calculando-se que um diarista no Brasil ganhe o equivalente a 10 dólares por dia (igual a um denário), um Talento de prata valeria 60 mil dólares.

B) O MERCADO

Em cada cultura existe um local apropriado onde as pessoas vendem e compram mercadorias. Na antiguidade o local girava em torno da vida religiosa do povo, no caso de Israel, ao redor do templo. Podia ser à beira-rio, na porta da cidade, num prédio designado para tanto, mas no caso de Jerusalém era ao redor do templo. Os judeus que vinham de todas as partes de Israel fazer oferendas a Deus encontravam animais e cereais no mercado da cidade.

Quando a Escritura afirma que os discípulos se reuniam no templo não se refere às dependências do templo, onde só entravam os levitas, mas no pátio onde a vida da cidade fervilhava de novidades. Os comerciantes se aproveitavam do fato de que os peregrinos precisavam fazer suas oferendas e aumentavam o preço.

O israelita que vivia em Dã ou Berseba, se viajasse para Jerusalém levando sua ovelhinha a pé, ela chegaria lá magra e machucada e não seria aceita por Deus, tinha que estar em perfeitas condições. Por isso, vendia sua ovelha em sua cidade e levava o dinheiro para comprar outra em Jerusalém. Só que ao chegar lá os vendedores haviam inflacionado o preço dos produtos, e o peregrino não podia oferecer seu sacrifício. Jesus, sabendo disso derruba as mesas dos que vendiam pombas e animais. Estes poderiam vender seus produtos, mas não deveriam se tornar vendilhões, inflacionando o comércio (Jo 2.14 ss. Cf. Dt 14.24).

Era próximo ao templo que se vendiam artesanatos, vasos, vasilhas, madeiras, tecidos, etc. Da mesma maneira quando a Bíblia diz que Pedro e João se dirigiram ao templo para orar, eles

não tinham acesso ao templo, mas uma área reservada para os que não eram levitas fazerem suas súplicas a Deus, praticamente do lado de fora.

C) A INDÚSTRIA

Ao pensar em indústria é preciso ter em mente que a era industrial, do motor a vapor só teve seu começo a partir de 1770 mais ou menos, portanto, todo maquinário industrial anterior a este período era movido por forças naturais como vento e água; o vento para rodar os moinhos e a água que também movia moinhos para moagem de grãos e fabricação de outros materiais.

Pode-se ter uma ideia de como funcionava a indústria na época do AT quando da construção do templo de Salomão. Salomão falou a Hirão, rei de Tiro que os israelitas não dominavam a técnica de cortar árvores. "Não há quem saiba cortar madeira como os sidônios" (2 Rs 5.6).

As madeiras para o templo foram cortadas nas montanhas do Líbano, levadas precariamente em carros de bois até o porto, colocadas em navios e transportadas por água até Tiro.

As pedras do templo foram cortadas e trabalhadas nas pedreiras e cada uma delas se encaixava perfeitamente "de maneira que nem martelo, nem machado, nem instrumento algum de ferro se ouviu na casa quando a edificavam" (1 Rs 6.6).

Hirão, não o rei de Tiro mas o especialista em toda obra de arte veio da Fenícia. "Era cheio de sabedoria, e de entendimento, e de ciência para fazer toda obra de bronze" (1 Rs 7.14).

A fábrica que Hirão montou ficava na planície do Jordão onde havia bastante barro para se fazer os moldes. Também havia no local muita água corrente e água quente que desciam das fontes termais da região (1 Rs 7.46). Hirão fabricou tudo nessa região e transportava em carros de bois para Jerusalém.

Antes desse tempo, porém, na época de Moisés, Deus levantou a Bezalel e a Aoliabe, deu-lhes habilidade em toda obra de arte, tanto em pedra, bronze, prata, ouro, na fabricação de tecidos,

em desenhos, esculturas para as obras de arte do Tabernáculo (Ex 35. 39 a 36.2).

Artes de toda espécie parecem fazer parte do cenário do céu, porque esses dois artistas foram inspirados pelo Espírito Santo, e receberam sabedoria e conhecimento para trabalharem toda espécie de material.

D) PROFISSÕES

O trabalho não deve ser visto como uma maldição do pecado, este ponto de vista não leva em conta que o homem, quando ainda não pecara recebera a tarefa de cultivar o jardim. O trabalho dignifica o ser humano. O sábado, ou descanso foi dado ao homem para descansar de suas fadigas, de seu trabalho.

No NT Paulo escreve a respeito do trabalho e afirma que os que não querem trabalhar vivem desordenadamente (2 Ts 3.6-14). Pessoas que não gostam de trabalhar devem ser observadas, e, caso persistam no erro não devem ficar na comunhão dos santos.

Paulo, o apóstolo seguia a orientação do Talmulde de que todo homem deve ter uma profissão, e de que todo rabino deveria saber fazer alguma coisa com as mãos. Os judeus foram ensinados pelo Talmude de que jamais deveriam ser empregados, para não suceder que fiquem escravos novamente, portanto, devem ter uma profissão e com elas ganhar seu sustento. Assim, joalheiros, eletricistas, padeiros, alfaiates, sapateiros, etc. eram algumas das profissões que os judeus sempre exerceram, além de serem donos de comércios variados. A pessoa que tem uma profissão pode trabalhar por conta e ter seu próprio negócio, sem se submeter a escravidão do trabalho. Essa era a orientação do Talmude.

Açougueiros, banqueiros, vendedores de mercadorias diversas eram as profissões mais comuns dos tempos de Jesus.

1) CARPINTEIROS

A profissão de carpinteiro tem um sentido especial no NT porque era a profissão de José, e certamente a profissão de

Jesus até começar seu ministério público em Israel (Mc 6.3; Mt 13.55).

Não eram carpinteiros como os de hoje construindo casas de madeira, e fabricavam móveis, portas, janelas, forrações de madeira nas casas; cangas, arados, baús, carroças, grades etc.

2) Correios Ou Mensageiros

Outra profissão comum era a de mensageiro, uma espécie de correios, porque havia muita correspondência para ser entregue entre pessoas; de reis para reis, de governo para governo. Os correios ou mensageiros existiam séculos antes de Cristo.

Às vezes quando o império era muito extenso, os mensageiros levavam um ano para entregar uma mensagem. Havia postos no caminho onde os correios trocavam de cavalo ou animal e seguiam viagem.

Também as mensagens ou cartas podiam ser levadas adiante por outro mensageiro a partir desses postos.

Não se tem certeza se os serviços dos correios estavam disponíveis ao povo em geral, ou se apenas era um serviço dos funcionários do governo. Paulo, por exemplo, deve ter enviado cartas e donativos através de amigos e de irmãos que percorriam cidades do império romano.

3) Curtidores

A profissão de curtidor de couro era bastante comum, pois com o couro fabricavam-se sapatos, bolsas, odres, peças de vestuário, armaduras e pergaminhos para escritas. Geralmente o curtidor vivia nos arredores da cidade, devido ao mau-cheiro das substâncias que usava, e necessitava de acesso fácil à água.

Lemos nas Escrituras de Simão que vivia à beira-mar em Jope (At 10.6). Foi na casa de Simão, o curtidor, que Pedro teve uma revelação de que Deus estava aceitando os gentios em seu reino.

4) Eunucos

Pode-se considerar que era uma profissão, porque o eunuco trabalhava diretamente com mulheres no harém ou na casa do imperador, do rei e do governador. Geralmente o eunuco era também o administrador da casa.

Alguns eram castrados ainda meninos, mas outros assumiam que eram eunucos de profissão sem serem castrados. Filipe evangelizou o eunuco que cuidava dos interesses da Rainha Candace, da Etiópia (At 8.27).

No AT os eunucos eram bastante influentes na corte dos reis (2 Rs 20.18; Jr 41.16), e, possivelmente Daniel e seus amigos foram feitos eunucos para trabalharem no palácio, do contrário suas esposas seriam mencionadas (Dn 1.9).

5) Jardineiros E Hortelões

As famílias mais abastadas contratavam jardineiros e hortelões para cuidar de jardins e hortas. Acabe queria um pedaço de terra ao lado do seu para aumentar sua horta (1 Rs 21). Salomão gostava de jardins, e acredita-se que cuidava pessoalmente deles (Ec 2.5-6). Era costume dos orientais terem jardins, e estes, geralmente, ficavam na parte interna da casa, isto é, a construção era feita pelos quatro lados do terreno, e dentro do prédio cultivava-se o pomar e a horta, havendo, às vezes, espaço para uma piscina particular.

Os judeus cultivavam toda espécie de temperos que serviam também como plantas medicinais; e cultivavam árvores frutíferas.

6) Artesãos E Oleiros

A arte de se trabalhar o barro era fundamental naqueles dias, porque os utensílios domésticos, em sua maioria eram de barro, e somente os mais abastados possuíam pratos e vasilhas de cobre, prata ou ouro. Faziam-se potes para armazenar e buscar água; para cozer alimentos, para as refeições e também para

Jesus até começar seu ministério público em Israel (Mc 6.3; Mt 13.55).

Não eram carpinteiros como os de hoje construindo casas de madeira, e fabricavam móveis, portas, janelas, forrações de madeira nas casas; cangas, arados, baús, carroças, grades etc.

2) Correios Ou Mensageiros

Outra profissão comum era a de mensageiro, uma espécie de correios, porque havia muita correspondência para ser entregue entre pessoas; de reis para reis, de governo para governo. Os correios ou mensageiros existiam séculos antes de Cristo.

Às vezes quando o império era muito extenso, os mensageiros levavam um ano para entregar uma mensagem. Havia postos no caminho onde os correios trocavam de cavalo ou animal e seguiam viagem.

Também as mensagens ou cartas podiam ser levadas adiante por outro mensageiro a partir desses postos.

Não se tem certeza se os serviços dos correios estavam disponíveis ao povo em geral, ou se apenas era um serviço dos funcionários do governo. Paulo, por exemplo, deve ter enviado cartas e donativos através de amigos e de irmãos que percorriam cidades do império romano.

3) Curtidores

A profissão de curtidor de couro era bastante comum, pois com o couro fabricavam-se sapatos, bolsas, odres, peças de vestuário, armaduras e pergaminhos para escritas. Geralmente o curtidor vivia nos arredores da cidade, devido ao mau-cheiro das substâncias que usava, e necessitava de acesso fácil à água.

Lemos nas Escrituras de Simão que vivia à beira-mar em Jope (At 10.6). Foi na casa de Simão, o curtidor, que Pedro teve uma revelação de que Deus estava aceitando os gentios em seu reino.

4) Eunucos

Pode-se considerar que era uma profissão, porque o eunuco trabalhava diretamente com mulheres no harém ou na casa do imperador, do rei e do governador. Geralmente o eunuco era também o administrador da casa.

Alguns eram castrados ainda meninos, mas outros assumiam que eram eunucos de profissão sem serem castrados. Filipe evangelizou o eunuco que cuidava dos interesses da Rainha Candace, da Etiópia (At 8.27).

No AT os eunucos eram bastante influentes na corte dos reis (2 Rs 20.18; Jr 41.16), e, possivelmente Daniel e seus amigos foram feitos eunucos para trabalharem no palácio, do contrário suas esposas seriam mencionadas (Dn 1.9).

5) Jardineiros E Hortelões

As famílias mais abastadas contratavam jardineiros e hortelões para cuidar de jardins e hortas. Acabe queria um pedaço de terra ao lado do seu para aumentar sua horta (1 Rs 21). Salomão gostava de jardins, e acredita-se que cuidava pessoalmente deles (Ec 2.5-6). Era costume dos orientais terem jardins, e estes, geralmente, ficavam na parte interna da casa, isto é, a construção era feita pelos quatro lados do terreno, e dentro do prédio cultivava-se o pomar e a horta, havendo, às vezes, espaço para uma piscina particular.

Os judeus cultivavam toda espécie de temperos que serviam também como plantas medicinais; e cultivavam árvores frutíferas.

6) Artesãos E Oleiros

A arte de se trabalhar o barro era fundamental naqueles dias, porque os utensílios domésticos, em sua maioria eram de barro, e somente os mais abastados possuíam pratos e vasilhas de cobre, prata ou ouro. Faziam-se potes para armazenar e buscar água; para cozer alimentos, para as refeições e também para

servir de utensílios de oferendas a Deus. Daí a importância do oleiro.

Em várias oportunidades a figura do oleiro e do barro é mencionada nas Escrituras (Is 29.16; 30.14; Jr 18.2 ss.).

Um bom artesão não trabalhava apenas com ferro, madeira e cobre, mas também com barro, fazendo decorações em potes.

7) Artistas Em Madeira

Obras de arte sempre foram apreciadas em todas as épocas. E isso é um dom de Deus concedido aos homens.

Deus aprecia tanto as artes que orientou a Bezalel e Aoliabe a fazerem lindas obras em madeira, ouro, pedras preciosas para o Tabernáculo. Esses dois homens foram escolhidos pelo próprio Deus e foram capacitados por ele para "elaborar desenhos e a trabalhar em ouro, em prata, em bronze", podiam lapidar pedras para fazer jóias de engaste, entalhes em madeira, além de cuidarem de todos os instrumentos e utensílios para o Tabernáculo (Ex 31.2-11).

A arte é algo que vem do próprio Deus, o Grande artista da humanidade que criou todas as coisas com perfeição; cada planta com suas cores; cada pássaro com sua beleza etc.

Quando precisou construir o templo, Salomão encontrou um judeu que vivia na Fenícia, grande artista da corte de Hirão, que também se chamava Hirão. Era um artista completo que desenhou todas as peças do templo e fez os utensílios de madeira, de ferro, de cobre, de prata e ouro (2 Cr 2.13-14).

8) Médicos E Medicina

É certo que a medicina vem se desenvolvendo faz séculos em toda história da humanidade. Nos tempos do AT temos a menção de médicos (2 Cr 16.12; Jó 13.4) e sabe-se que no antigo Egito, ainda na época de José a medicina era bastante desenvolvida no país.

No NT Lucas, um médico, se tornou discípulo de Paulo e o acompanhou em várias viagens missionárias. Taylor Caldwell, uma escritora inglesa escreveu *Médico de Almas* em que romanceia a vida de Lucas. Ela e seu esposo pesquisaram mais de mil livros durante quinze anos sobre a época em que Lucas viveu e descobriram que em Heliópolis, no Egito havia uma escola de medicina famosa onde Lucas teria estudado. Deus, em sua misericórdia colocou um médico ao lado de seu apóstolo para assessorá-lo. Quem sabe, sob a orientação de Lucas, Paulo recomendou o tratamento para as constantes enfermidades estomacais de Timóteo (1 Tm 5.23).

A medicina se valia de elementos da natureza para curar as pessoas. Lemos na Bíblia que Isaías colocou um emplastro de figo na perna do rei Ezequias para que fosse curado (Is 38.1). Usavam-se o óleo, ervas, vinho e unguentos especiais. O unguento de óleo de nardo era muito procurado. Era produzido a partir de uma planta encontrada na Arábia e tinha um valor comercial muito grande em Roma. Lucas menciona que o unguento com o qual Jesus foi ungido, era de nardo puro (Mc 14.3; Lc 7.38,46; 23.56).

No registro da unção de Jesus em Betânia, Mateus fala em "unguento precioso de grande valor" (Mt 26.7). Marcos fala em nardo puro de pistache (Mc 14.3 - conf. se lêem em alguns manuscritos).

Nardo é uma palavra encontrada apenas nesses textos (Mc 14.3 e Jo 12.3) o que torna difícil encontrar uma palavra equivalente noutro texto. A palavra mais comum é nardo de amêndoa de pistache, até hoje usado na Síria com várias finalidades. O nardo e as demais especiarias, comprovadamente têm poder medicinal.

Atividades – Lição IV

- Marque "C" para Certo e "E" para Errado:

1) ❑ A primeira menção na Bíblia da prática da agricultura é feita por Deus ainda no Éden ao homem e mulher.

2) ❑ "Noé sendo lavrador" plantou uma vinha (Gn 9.20). Não era necessário arar a terra para se plantar mudas de uvas, pois bastam covas bem preparadas e adubadas onde se fincam os ramos. A vinha era apenas um dos produtos que Noé cultivou.

3) ❑ Além das chuvas periódicas os israelitas dispunham de fontes, como as nascentes, rios, poços e o orvalho. Em agosto e setembro o orvalho era mais intenso, apesar de ser um tempo sem chuvas.

4) ❑ O trigo é mencionado nos dias de Jacó, e também no Egito na mesma época (Gn 30.14; Ex 9.32). Era um produto mercadejado pelos habitantes de Tiro (Ex 27.17).

5) ❑ O lagar refere-se ao espaço em que se pisavam as uvas.

6) ❑ A primeira menção à fabricação de objetos está em Gênesis 4.22: "Zilá, por sua vez, deu à luz a Tubalcaim, artífice de todo instrumento cortante, de bronze e de ferro".

Anotações:

Lição V

A Vida na Sociedade, as Celebrações e Festas em Israel, a Ordem Sacerdotal, Lazer e Esportes

A VIDA NA SOCIEDADE

VIII. A SOCIEDADE DO NT - BERÇO DO NASCIMENTO DA IGREJA

A) JUDAÍSMO E HELENISMO

O estudante da Bíblia deve saber que o termo helenismo se refere aos gregos. A influência grega teve seu apogeu com Alexandre, o Grande que com seu exército dominou os povos do Oriente chegando até a Índia. Nenhum povo conseguiu detê-lo.

A presença do domínio grego ou helenista influenciou as culturas dos países dominados, inclusive Israel. Por onde iam os gregos estabeleciam sua cultura através das escolas, das artes, da poesia, dos banhos públicos e dos ágoras, praças públicas em que as pessoas se reuniam para ouvir poesias, discursos e ficarem a par dos últimos acontecimentos (At 17.16-21).

Com a Dispersão que começou com o exílio para a Babilônia (586 a.C), os judeus começaram a assimilar a cultura de outros povos. A partir daí os judeus passaram a viver sob o domínio babilônico, persa, grego, egípcio e romano. Muitos dos que foram levados cativos para a Caldeia não retornaram, e os que voltaram, poucos em relação aos que foram deportados, já falavam meio misturados e haviam se casado com pessoas de outros países (Ne 13.23 e ss.).

Certos documentos indicam que ao redor do ano 400 a.C. judeus já viviam na cidade de Atenas. Horácio, ao redor de 30 a.C. reclamava do grande número de judeus em Roma, e Ovídio escreveu que costumava ir às sinagogas para se encontrar com as mulheres.

Depois de vários anos os israelitas que viviam na Palestina, submetidos a tantas influências – babilônicas, persa, egípcia e depois dos gregos e romanos – assimilaram costumes diferentes.

Os gregos influenciaram os judeus com sua cultura e práticas sociais. Foram eles que trouxeram os banhos públicos, com água quente e o costume de homens e mulheres se banharem na mesma piscina, provocando grande reação dos judeus. Os homens judeus se adaptaram bem à nova cultura e chegavam a se banhar nus com os gregos e romanos.

No ano 325 a.C. quando Alexandria no Egito foi fundada, muitos judeus para lá emigraram e alguns historiadores afirmam que na ocasião em que Cristo nasceu uns trinta por cento da população era de judeus. Em Alexandria viveu Filo um dos maiores pensadores helenista-judeu.

A helenização fez que judeus adotassem nomes gregos, como os que deram boas-vindas a Paulo em Corinto, Tício Justo e Crispo. Apolo, Filipe, Estêvão eram nomes gregos, adotados pelos judeus como influência da civilização grega (At 17.7-8).

Os escritores antigos raramente mencionam a diferença física entre judeus e outros povos, mas as diferenças eram vistas quando frequentavam os ginásios ou os banhos públicos, e o judeu era distinguido pela circuncisão.

Por outro lado muitos gentios também foram influenciados pelos judeus e se tornaram prosélitos, frequentando as sinagogas judaicas espalhadas pelo império. Essas sinagogas foram rota obrigatória dos primeiros missionários.

Os judeus viviam espalhados por todas as nações do império, mas vinham regularmente a Jerusalém para participar das festas anuais. No dia de Pentecostes, que era a festa da colheita havia em Jerusalém judeus de todas as nações da terra. A expressão de Atos 2.5 "Ora, estavam habitando em Jerusalém judeus, homens piedosos, vindos de todas as nações debaixo do céu" – habitando – indica que esses judeus ficavam em Jerusalém durante a páscoa e a

festa de pentecostes que ocorria cinquenta dias depois. Pelo texto vê-se que eles procediam de muitas nações.

Havia tantos judeus espalhados pelo império, que estes começaram a casar com pessoas de outras raças. A rígida interpretação de quem é judeu tem sido a de que apenas os filhos de mães judias compõem a raça. Depois de se converter ao judaísmo um gentio podia se casar com uma mulher judia, que seus filhos seriam judeus. É o caso de Timóteo, filho de uma judia crente e de pai grego (At 16.1).

Os judeus mais ortodoxos da Judéia condenavam essa mistura de casamentos e de religião. Os judeus, várias vezes, foram perseguidos em Roma, especialmente pelo imperador Cláudio (At 18.2).

Os judeus da Judéia usavam o hebraico apenas em suas sinagogas, e, no dia a dia o idioma era o grego. Sabe-se que Pedro, apesar de ser pescador conhecia também o grego, pois este idioma era falado de forma natural em cada pequena vila da Judéia.

O próprio Jesus viveu numa região chamada de Galileia dos gentios, devido o grande número de estrangeiros na região (Mt 4.15). A influência dos gregos pode ser vista no nome de dois discípulos de Jesus, Filipe e André. Jesus devia falar o grego também, porque conversou normalmente com Pilatos, e a Escritura sequer fala em intérpretes entre os dois.

O grego passou a ser ensinado nas escolas juntamente com o latim e o hebraico. Os primeiros sete serviçais de Atos 6 tinham nomes gregos, para acalmar a disputa entre judeus radicais e judeus helenistas.

A Judéia se tornou uma região multilíngue, o que é visto na placa colocada no alto da cruz em hebraico, grego e latim (Jo 19.20).

A globalização daqueles dias permitiu que o evangelho de Jesus Cristo alcançasse o mundo em cem anos, porque havia uma só cultura, falavam-se várias línguas, estradas e pontes construídos pelos romanos ligavam todos os pontos do império. Os

cristãos judeus, cidadãos romanos podiam viajar livremente por todos os lugares do mundo da época com seu passaporte romano.

B) A SEPTUAGINTA

A helenização ou cultura grega fez que o AT fosse traduzido para o grego, na versão que conhecemos como Septuaginta. O estudante deve ter visto esta matéria anteriormente ou ainda a verá.

Isso aconteceu ao redor de 220 a.C. quando Ptolomeu II decidiu formar uma grande biblioteca e lhe faltava o livro sagrado dos hebreus. Solicitou, então, que a Judéia lhe enviasse sábios que fizessem a tradução para o idioma grego.

Existem muitas histórias de como isso aconteceu, e o melhor documento é do filósofo Filo, judeu, que em *A Vida de Moisés 2.34; 37-40* escreveu:

Eles (os tradutores) reconheciam que era uma grande tarefa traduzir fielmente as leis que procederam da boca de Deus. Não poderiam apagar, acrescentar ou mudar qualquer coisa, e fora-lhes exigido manter o estilo original [...]. Foram tomados por uma espécie de inspiração ou possessão divina, que os levou, cada um, a fazer sua própria tradução (quando comparadas descobriu-se), que cada um escreveu a mesma coisa, palavra por palavra, como escribas que ouviam as palavras sendo ditadas por um leitor invisível.

É notório que em qualquer idioma, especialmente o grego, haja tantos termos similares para uma mesma coisa, em que uma idéia pode ser expressa de formas diferentes, variando numa palavra ou numa frase completa.

Mas, neste caso, a versão grega das Escrituras tinha exatamente o mesmo sentido do caldeu (hebraico), expressando de forma perfeita o sentido original [...]. Caldeus que aprenderam o idioma grego e gregos que aprenderam o idioma caldeu, quando leem o texto hebraico e a versão grega, reverenciam pasmados ante tal perfeição, certificando, por certo, a perfeita integração dos

textos e palavras em sua exatidão, e estimando os autores não como meros tradutores, mas como sacerdotes e profetas do misterioso.

Quando os judeus da Palestina souberam que as Escrituras estavam sendo traduzidas para o grego, conclamaram um dia de oração e jejum lamentando o ocorrido, pois eles achavam que o único idioma aceitável era o hebraico. (Ainda bem que as Escrituras foram traduzidas para o grego, e puderam chegar até nós).

Judeu da Diáspora[4], Paulo se sentia mais à vontade com o grego do que com o hebraico, porque cita em seus textos as traduções da versão dos LXX e não os textos hebraicos.

C) As Facções Judaicas

Os judeus dos dias de Jesus se dividiam em várias facções e partidos políticos. Certo erudito os definiu como uma "sociedade dividida pela religião". Imagine as divisões da igreja hoje, na sociedade daqueles dias. Os vários partidos dos dias de Jesus são os mesmos que podem ser encontrados em qualquer tradição. Esses partidos são mencionados no NT. Gálio definiu bem a sociedade daqueles dias falando aos judeus que "se a questão é por palavra, de nomes e da vossa lei, tratai disso vós mesmos" (At 18.15).

Comecemos pelo topo social daqueles dias:

1) Os Saduceus

Os comentaristas divergem quanto a origem da palavra saduceu. Pensava-se, anteriormente que provinha da palavra *zaddik* "justo", mas não existem comprovações, e os saduceus não foram tidos como pessoas essencialmente justas. Mais recentemente sugeriu-se que é um derivativo do nome próprio *Zadok,* mas também esta não é uma fonte certa.

4 Diáspora judaica (no hebraico tefutzah, "dispersado", ou תולג galut "exílio") refere-se a diversas expulsões forçadas dos judeus pelo mundo e da consequente formação das comunidades judaicas fora do que hoje é conhecido como Israel, partes do Líbano e Jordânia (por dois mil anos).

A questão é quais Zadoque influenciou esse partido político-religioso. Alguns acreditam que o nome procede do sumo sacerdote Zadoque que viveu nos dias de Davi e de Salomão (2 Sm 8.17; 15.24; 1 Rs 1.8; 2.35 etc.), cujos descendentes ministraram no templo até o tempo do exílio, e alguns acham que até depois do exílio, o que também não é aceito por alguns comentaristas (*Religion of Israel* III p 122).

Uma lenda judaica afirma que provém de um discípulo de Antígono de Socho, de nome Zadoque, mas não há fundamento histórico para tal. Ainda outra sugestão é que o nome tem origem persa, ligado ao nome *zindik,* usado para indicar infidelidade, mas é também pura hipótese.

Apesar de não se ter certeza de onde vem o nome pode-se afirmar seguramente que o nome saduceu tem a ver com o partido político da aristocracia sacerdotal judaica que passou a existir nos tempos dos macabeus até a queda de Jerusalém no ano 70 d.C. As grandes fontes históricas neste sentido são o historiador Flávio Josefo e o Mishná.[5]

É importante destacar que, enquanto qualquer pessoa podia se tornar membro do partido dos fariseus, para filiar-se ao partido dos saduceus era necessário pertencer à família sacerdotal ou a alta aristocracia judaica.

Não bastava ser um levita ou sacerdote, porque havia um abismo entre pertencer a alta aristocracia sacerdotal e a baixa, bem como entre as famílias aristocratas e o povo comum.

Revendo historicamente os saduceus, descobre-se que, desde o começo do domínio grego, e mesmo antes dos gregos dominarem a nação, o povo era governado pela aristocracia sacerdotal. Sob a influência dos helenistas, a classe sacerdotal, de

5 É uma das principais obras do judaísmo rabínico, e a primeira grande redação na forma escrita da tradição oral judaica, chamada a Torá Oral. Provém de um debate entre os anos 70 e 200 da Era Cristã por um grupo de sábios rabínicos conhecidos como 'Tanaim' e redigida por volta do ano 200 pelo Rabino Judá HaNasi (fonte Wikipédia).

certa forma, gostava da política de Antíoco Epifânio, que deu origem à rebelião dos macabeus. E mesmo tendo perdido sua influência durante o governo dos hasmoneus, os sacerdotes recuperaram sua influência nos dias de João Hircano, e é desse período que passamos a conhecê-los como saduceus, como grupo antagônico aos fariseus, ou partido dos escribas. Eles cooperaram com o governo grego, mas logo assumiram novamente a liderança.

Quando os romanos dominaram a região, os saduceus perderam sua influência governamental, e tiveram que se submeter aos fariseus que tinham grande influência sobre o povo. Os sumos sacerdotes do Sinédrio eram saduceus, mas se constituíam uma minoria. Por ser essencialmente um partido político, não eram lá tão independentes e sua influência maior era em Jerusalém e no templo. Com a queda de Jerusalém eles desapareceram da história.

Os saduceus se destacavam doutrinariamente por três coisas:

a) Negavam a ressurreição dos mortos, a imortalidade da alma e a recompensa ou juízo eterno. Eles não achavam que seria necessário a existência da vida eterna, como recompensa às obras praticadas no presente.

b) Negavam a existência dos anjos e espíritos, e nisso discordavam abertamente dos fariseus que criam em anjos e demônios.

c) Negavam que existisse eleição e um destino preordenado para os seres humanos, e acreditavam na liberdade do homem em decidir seu próprio destino, afirmando que 'o bem ou o mal são escolhas humanas, e que cada um decide de *'per si'*.

Achavam que não precisavam da intervenção divina em seu destino, e acreditavam que tudo o que conseguiam era fruto de seu esforço e trabalho. Contudo, a distância entre eles e os fariseus não era muito grande, porque politicamente se uniam com os fariseus e juntos tinham assentos no sinédrio, traçando planos de destruir a pessoa de Jesus.

Não se tem menção no NT do nome de um saduceu, no entanto, sempre que o chefe dos sacerdotes era mencionado,

praticamente este era o nome de um saduceu. Jesus nunca agiu tão duramente contra os saduceus como fez com os fariseus.

Os saduceus, ao que parece ignoraram a Jesus, especialmente na primeira parte de seu ministério. Uniram-se aos fariseus para pedir a Jesus um sinal do céu (Mt 16.1), o que levou a Jesus a advertir seus discípulos a terem cuidado com o fermento dos fariseus e saduceus.

Não gostaram da atitude de Jesus em purificar o templo, e uniram-se aos escribas e anciãos exigindo uma explicação sobre com que autoridade fazia aquelas coisas (Mc 11.27 e ss.) e desse dia em diante queriam matá-lo (Mc 11.15-18). Tentaram jogar Jesus contra os romanos, e pediram que ele lhe respondesse se era "lícito pagar tributo a César ou não?" (Lc 20.22).

Tentaram por todos os meios desacreditar o que Jesus ensinava apresentando-lhe o caso da mulher que havia sido esposa de sete irmãos, perguntando-lhe qual dos sete seria esposo dela na ressurreição dos mortos, e, com isso acarretaram para si mais um problema: A desaprovação que eles não conheciam as Escrituras nem o poder de Deus (Mt 22.23).

Assentaram-se no sinédrio que condenou a Jesus, e juntamente com os demais zombaram dele na cruz. A oposição deles não terminou com a morte de Jesus, pois não se tem registro algum de algum saduceu se convertendo à igreja de Cristo, e com o tempo a lembrança deles se esvaiu como fumaça (James Hastings, D.D. em Diccionary of Christ and the Gospels, 1908, Vol. 2 pp 549-550).

2) Fariseus

Sobre os fariseus é conveniente tratar neste tópico vários aspectos:

a) Uma retrospectiva histórica;

b) diferenças entre estes e os saduceus;

c) o ambiente farisaico dos dias de Jesus;

d) a teologia dos fariseus quanto a doutrina sobre Deus e a Lei.

e) Também será abordada a esperança religiosa dos fariseus, a oposição dos fariseus a Jesus e a forma como Jesus os confrontou.

Os fariseus são a mais pura manifestação do judaísmo nos tempos de Cristo, e não se consegue dimensionar a obra de Cristo sem ver como funcionava este partido político-religioso (*Jesu Predigt,* 1892 p 32). Os fariseus são frutos do longo conflito dos judeus com o paganismo, a partir do cativeiro da Babilônia. Na realidade, o cativeiro permitiu o início de um intenso monoteísmo, o surgimento das sinagogas, a interpretação do AT feita pelos escribas, a guarda do sábado como sinal da aliança com Deus, um ódio frenético ao paganismo e a afirmativa de que os fariseus deveriam se manter totalmente afastados dos pagãos.

Os reformadores que viveram depois de Esdras e Neemias foram os predecessores dos fariseus, assim como os sacerdotes sob a liderança de Zorobabel foram os antecessores dos saduceus.

Durante a revolução dos macabeus, os fariseus se separam e formaram seu próprio grupo, que foi chamado de *hassidim* ou puritanos. Esses *hassidim* se tornaram os fariseus do século anterior ao nascimento de Cristo.

O nacionalismo dos judeus se deteriorou sob a cultura dos gregos que influenciou os costumes do povo, e acabou por destruir a paixão nacionalista quando os romanos fincaram o pé sobre Jerusalém.

Foram chamados de fariseus ou *separados* quando se afastaram do partido dos saduceus durante o governo de João Hircano (135-105 a.C).

Eram os homens da pureza (2 Macabeus 14.38) que se separavam de tudo que era pagão e impuro. Seu anelo era de ser tão cerimonialmente puro na vida diária como eram os sacerdotes no serviço do templo.

3) Diferenças Entre Fariseus E Saduceus

As diferenças básicas são:

a) Os fariseus exigiam do povo muitas observâncias da tradição que não constavam da lei de Moisés (Flávio Josefo, Antologia, XIII.x.6). Essas eram coisas que os saduceus rejeitavam.

b) Os fariseus elaboraram sua declaração de fé a respeito da imortalidade, ressurreição, anjos, demônios, céu e inferno, estado intermediário da alma e reino messiânico. Nessas questões os saduceus eram agnósticos. Não criam.

c) Os fariseus ensinavam a respeito do livre-arbítrio e da predestinação – parecido com o que Paulo ensinava – enquanto os saduceus mantinham o ensinamento grego do livre-arbítrio absoluto.

d) Os fariseus tinham uma teoria sobre teocracia, que os tornavam opositores de qualquer interferência estrangeira, desde a época da invasão síria até a época dos romanos, e rejeitavam também o governo dos Macabeus como inconsistentes com o sacerdócio. E foi este espírito teocrático que trouxe um nacionalismo judeu pra dentro da igreja.

e) Eram missionários e faziam muitos prosélitos ou convertidos (Antologia, XX, ii, iv; cf. Mt 23:15). Seguiam a orientação de Hillel: "Ame as pessoas e leve-as ao conhecimento da lei".

f) Os fariseus divergiam dos saduceus, pela distância destes da sinagoga e do templo. Os fariseus prescreveram regras para o sacerdócio dos saduceus no templo (Flávio Josefo, Antologia, XIII.x.5) e escreveram orações para serem feitas durante os sacrifícios.

g) Alguns fariseus formavam uma fraternidade que fazia votos especiais, que os separava dos pagãos, do povo comum e dos saduceus. A maior parte dos judeus eram fariseus, mas apenas seis ou sete mil faziam parte da fraternidade.

O escritor Alfred Edersheim os compara aos jesuítas na igreja romana. Ao entrar na ordem faziam dois votos

na presença de três testemunhas, num dos votos prometiam dar o dízimo de tudo o que comiam, compravam ou vendiam; o outro voto é que prometiam não serem hóspedes de nenhum impuro, observando todas as leis da purificação.

Acreditavam ser o verdadeiro Israel, 'os santos' e seus oponentes eram os infiéis, os profanos (cf. Lucas 18.9).

h) Os fariseus eram a força religiosa de Israel nos dias de Cristo. Eles criam representar a autoridade bíblica do lar, da escola, da sinagoga, das cortes e da vida diária. João quase os identifica com "os judeus" (Jo 1.19; 2.18). Apesar de ser fruto da escola dos escribas, eles ofuscavam os mestres.

Os fariseus eram negociantes, e possuíam bens por toda parte. Eram unidos, zelosos, dogmáticos, patrióticos, ficavam ao lado do povo contra os governadores e hierarcas, pregavam que a lei tinha que ser observada, e acreditavam num mundo futuro de bênçãos que galardoaria os obedientes, e tentavam moldar as pessoas de acordo com seus princípios.

Diferentemente dos saduceus e dos cidadãos comuns, os fariseus desenvolveram um novo conceito de piedade, ensinando que era algo que podia ser aprendido, e eles eram os mestres. Os sábios eram bons homens, e podiam substituir os profetas e sacerdotes. Hillel disse: '*o analfabeto não teme o pecado, e aquele que adquire o conhecimento obtém a vida eterna*' (*Aboth,* ii.6,8).

Isto os deixava orgulhosos, formais e desprovidos de caridade. Desprezavam as pessoas simples (Jo 7.49) e alcançaram o apogeu de seus ensinamentos e de sua influência nos dias de Jesus.

4) O Ambiente Farisaico Nos Dias De Jesus

O judaísmo farisaico dos dias de Jesus era constituído das melhores e das piores pessoas. Os santos judeus do NT, os pais de João Batista e de nosso Senhor Jesus, Simeão, Ana, e outros, bem como Hillel e Gamaliel era típicos nobres de judeus fariseus. Os piedosos fariseus moravam na Galiléia com suas crenças no messianismo e seu estilo de vida ascético.

Os zelotes surgiram nesta região, e a revolução contra os romanos teve seu lugar ali. E foi num lugar com forte espírito farisaico, como a Galiléia, onde Jesus começou seu ministério. Jesus não denunciou todos os fariseus nem o farisaísmo judaico no meio do qual viveu, já que estes transmitiam a verdadeira religião de Israel, porque esta salvação vinha dos judeus.

Mas Jesus não era um fariseu, e os repreendeu porque mantinham pontos de vista que não eram bíblicos, da mesma forma que os saduceus faziam por desconhecerem a palavra de Deus (Mc 7.9). Jesus não era um herético, porque os fariseus nunca o expulsaram da sinagoga, ainda que era chamado de samaritano e possuído pelo demônio.

5) O Ensinamento Teológico Dos Fariseus E De Jesus

Tanto os fariseus como Jesus sustentavam a base bíblico-teológica do AT a respeito da vinda do Messias, a única ressalva é que os fariseus não criam que Jesus fosse o Messias de Israel.

Outra questão é que os fariseus achavam que o evangelho pregado por Jesus era o de um judaísmo reformado, no entanto, a melhor forma de ver a relação de Jesus com os fariseus não é pela comparação, mas pelos contrastes.

O aparecimento de Jesus não era o cumprimento das Escrituras, mas uma contradição da religião judaica, e a crença de que os judeus eram inclinados à religião cai totalmente por terra. Jesus tinha como base a piedade do AT o que correspondia ao judaísmo da época, e o contraste era porque Jesus se declarava Filho de Deus e o fazia com muita autoridade. Ele sempre usava a expressão, "mas eu lhes digo", e palavra alguma de profeta, escriba ou fariseu exercia autoridade sobre Jesus (Jo 7.17).

A teologia dos fariseus era rude e anti-científica, eles não aceitavam nada das artes, da filosofia, da ciência, da história e da cultura.

A ideia de um Deus transcendental e impessoal era por eles ensinada, e, quando Jesus começou a ensinar a respeito de um Pai que ama seus filhos, eles começaram a discordar.

6) Os Escribas

Os escribas eram judeus que faziam parte de uma classe culta e se dedicavam ao estudo da lei, e faziam da exposição da escritura sua principal ocupação. A palavra escriba aparece traduzia às vezes como "intérprete da lei", ou um advogado que conhece as leis, e "doutores da lei".

a) Origens, Desenvolvimento E Características

Depois que o povo retornou do cativeiro da Babilônia, a comunidade dos judeus foi estabelecida e organizada sob a liderança de Neemias e Esdras que restabeleceram os fundamentos das leis de Moisés. Numa celebração descrita em Neemias 8-10 os israelitas ouviram a lei ser lida por Esdras, e assinaram um pacto de fidelidade e de obediência às leis.

A partir daquele dia fez-se necessária que a lei fosse estudada com maior profundidade, e explicada ao povo. Esta seria a tarefa dos sacerdotes que cuidaram do ensino durante um bom tempo, até que surgiu uma classe de homens que não eram da tribo sacerdotal e que passou a se dedicar ao estudo da lei, fazendo disso sua profissão.

Esses eram os escribas. Inicialmente a tarefa consistia em fazerem cópias da lei, mas logo passaram também a opinar e interpretar a lei.

A lei passou a ter muita importância na vida do povo, e a profissão de escriba passou a ser muito estimada, mais que a do sacerdote.

Na época do domínio grego sobre a Palestina um senso de oposição passou a dividir os escribas dos sacerdotes. Quando os helenistas (gregos) ocuparam a nação, os sacerdotes se deixaram influenciar pela cultura grega e suas ideias pagãs.

Com isso abriram espaço para que os escribas passassem a ser os defensores da lei. Assumiram como alvo que não deveriam seguir o esquema dos gregos, nem se envolver em política, nem mesmo se engajaram na luta daqueles dias de libertarem Israel do jugo estrangeiro.

No entanto, quando Antíoco Epifânio quis acabar com a religião dos judeus, os escribas se tornaram os principais oponentes do governo.

Desse tempo em diante, até os dias de Jesus os escribas se tornaram cada vez mais influentes. Passaram a ser muito influentes na sociedade, apesar de no início sequer fazerem parte da aristocracia decisória da nação.

Os sacerdotes continuavam a decidir os destinos do país. Os escribas passaram a ser chamados de rabis ou rabinos que significa 'meu mestre'.

Como profissionais da lei, não ganhavam sustento algum para interpretar as Escrituras e trabalhavam em suas profissões para sustento próprio. Alguns comentaristas acreditam, no entanto, que eles passaram a cobrar dos estudantes as aulas de ensinamento.

A função dos escribas é resumida na frase: *São homens da grande sinagoga, que estabeleceram três regras: Cuidado em fazer juízo; Instruir muitos alunos e Proteger a lei.*

Na realidade o trabalho dos escribas pode ser resumido em três áreas: O estudo e acompanhamento da lei; o ensinamento da lei aos seus alunos e a administração prática da lei no sinédrio e em outras cortes, isto quer dizer que agiam como estudantes, mestres e juízes.

Quando a nação deixou de existir com a queda de Jerusalém, em 70 d.C., os escribas foram fundamentais na preservação da lei oral e da guarda da lei.

Sob circunstâncias adversas, trataram de ajuntar o que restara da tradição de uma nação destruída, o que permitiu que as

tradições orais da lei passassem de geração em geração sobrevivendo a guerras, morticínios e perseguições até que em 1948 a nação foi reorganizada, permitindo que Israel voltasse a ser uma nação importante no cenário mundial (Fonte: Hastings, *Dictionary of Christ and the Gospels*).

7) Herodianos

Os herodianos são mencionados apenas três vezes no NT, e em duas vezes diretamente (Mt 22.16; Mc 12.13). O nome herodiano não aparece nos registros de Flávio Josefo. Alguns aludem seu começo aos dias de Herodes, o Grande.

Os herodianos não eram um partido religioso como eram os saduceus e fariseus, mas um grupo estritamente político que visava a manutenção da dinastia de Herodes. É bem possível que seus membros fossem também fariseus e saduceus (Mc 3.6), devido a ação comum deles em Jerusalém (Mt 22.16/ Mc 12.13).

8) Os Zelotes

A menção aos zelotes está em Lucas 6.15 e Atos 1.13 como apelido de Simão, um dos doze discípulos de Jesus. Os zelotes eram extremistas nacionalistas que faziam intensa oposição ao governo de Roma.

Josefo os chamou de "a quarta seita filosófica judaica" e afirma que foi fundada por Judas, o Galileu.

> *"São homens que concordam em tudo com os fariseus, mas são ávidos na luta pela liberdade afirmando que só Deus pode ser seu Rei e Senhor".*

Eram homens resolutos e dispostos a morrerem pela causa da liberdade, afirma Flávio Josefo. Demonstraram essa qualidade ao resistir fortemente os romanos em Jerusalém e em Massada.

Comentaristas afirmam que o grupo surgiu logo da ascensão ao poder de Herodes, o Grande, e começaram sua

atividade guerrilheira sob a liderança de Ezequias na região da Galiléia.

Edersheim afirma que os zelotes eram um avivamento do antigo movimento dos macabeus, talvez, mais rigorosos que estes. Plummer acrescenta um aspecto importante do movimento:

> *"Os zelotes existem desde os tempos dos macabeus, como uma classe que tentava impor sobre os demais sua rigorosa interpretação da Lei".*

À medida que os anos passaram, antes da queda de Jerusalém, os zelotes se tornaram mais violentos. Seus líderes passaram a ser conhecidos como sicários, e ao abandonar a política moderada aceleraram a destruição de Jerusalém.

Não há por que indagar o que levou alguns deles a sentirem-se atraídos pela mensagem de Jesus, tornando-se um dos Doze. Eles tinham a Galiléia como centro de atividade, e seus membros vinham de todos os segmentos da sociedade, desde fanáticos religiosos aos admiradores da revolução.

O zelo de Simão, purificado pelo conhecimento que teve de Jesus, fez que ele se tornasse um guerreiro leal em prol do Reino de Deus. Edersheim explica que quando teve início o ministério de Jesus uma calma política reinava na nação e os zelotes, mais calmos passaram a ser vistos com outros olhos. Nada havia para provocar resistência, e o partido dos zelotes, apesar de estar no coração do povo, não passava, conforme a afirmação de Flávio Josefo, de um grupo filosófico.

E assim, no grupo dos Doze, Jesus uniu os que eram a favor de Roma com os que lutavam contra o domínio romano.

9) Os Essênios

Os essênios eram uma comunidade ascética de judeus, e sua existência pode ser traçada ao derredor de 150 a.C. é que se sabe a partir das informações de Flávio Josefo e de Filo, o teólogo e filósofo judeu de Alexandria.

Josefo apresenta os essênios como uma das "três seitas filosóficas" influentes entre os judeus, sendo que os outros eram os saduceus e os fariseus. No entanto, pela descrição deles, os essênios mais parecem uma ordem monástica do que um partido religioso.

O nome, obviamente, procede do aramaico e do hebraico *hassidim* – os piedosos – o que sugere uma estreita relação dos essênios com os fariseus. Josefo e Filo falam na existência de quatro mil essênios. E apesar de não existirem em outros países, estavam espalhados por Israel e por Jerusalém onde havia uma porta chamada de "porta dos essênios".

Os membros da ordem eram celibatários e viviam em comunidades compartilhando entre si os bens materiais – não possuíam bens individuais. Ficaram conhecidos por sua piedade, boas obras e viviam da agricultura. Mantinham uma dieta alimentar e estilo de vida bem simples. Outra característica é que não tinham escravos, não usavam óleo para ungir, vestiam-se de branco e não faziam votos, somente quando um novo membro era admitido na ordem.

A ordem vivia sob intensa disciplina e os novatos só eram admitidos depois de uma iniciação de dois anos, quando faziam um voto de jamais revelar qualquer coisa a pessoas estranhas, apenas aos do grupo. Os que desobedeciam as regras da ordem eram sumariamente expulsos, e como estavam presos pelos votos, não podiam voltar a ter uma vida normal.

Com a descoberta dos *Manuscritos do Mar Morto* pôde-se entender melhor o estilo de vida dos essênios. Percebe-se que o grupo tinha uma visão apocalíptica do mundo e tinha um estilo de vida ascético e bem disciplinado.

João Batista assemelhava-se a um deles na forma de se alimentar e de se vestir. Os documentos encontrados em Qumrã indicam que os papiros descobertos foram obras dos essênios. Certos eruditos argumentam que os manuscritos do mar Morto foram escondidos no ano 70 d.C., quando os romanos invadiram sua comunidade próxima ao mar Morto.

IX. As Celebrações E Festas De Israel

"Três vezes no ano, todo varão entre ti aparecerá perante o Senhor, teu Deus, no lugar que escolher, na Festa dos Pães Asmos, e na Festa das Semanas, e na Festa dos Tabernáculos; porém não aparecerá de mãos vazias perante o Senhor (Dt 16.6).

Três festas anuais deviam ser celebradas pelo povo de Israel em suas gerações.

a) A festa dos pães asmos que se dava junto com a páscoa, cinquenta dias depois a festa das primícias;

b) a festa de pentecostes, e no final da colheita, a

c) festa dos Tabernáculos ou festa das palmeiras, celebrada entre meados de setembro e outubro do nosso calendário.

Nesta lição o estudante aprenderá ainda a respeito das festas judaicas, as quais chamaremos de celebrações, e, apesar de não ser uma festa como as três acima mencionadas, a guarda do sábado era uma celebração do descanso. Por isso a veremos separadamente.

A) O Sábado

A palavra sábado vem do hebraico *Shabat* ou descanso, porque era um tempo para o descanso do corpo e da alma. A cada sete dias, proclamava-se o *Shabat,* descanso.

Foi estabelecido por Deus como dia de repouso enquanto o povo vagava pelo deserto (Ex 16.23; 20.10; 31.15). A partir do anoitecer de sexta-feira ao pôr do sol de sábado os judeus comemoravam o dia de descanso.

O estudante deve ter em mente que o dia para os israelitas começava num pôr do sol ao outro. Por isso, para os israelitas a data da saída do Egito foi no dia 14 de Nisã, para os Egípcios era ainda dia 13.

1) A ordem era para que todos descansassem, inclusive animais e escravos (Dt 5.14).

2) Enquanto o povo estava vagando pelo deserto o maná caía do céu em dobro na sexta-feira, não apodrecia e podia ser comido no sábado (Ex 16.22-29).

3) O Shabat ou dia de descanso foi feito por causa do homem e não o homem por causa do sábado. O Senhor Jesus e seus discípulos "violaram" o descanso do sábado, quando precisaram comer e quando curaram os enfermos (Mt 12.1-8; 12.9-12; Lc 13.10-16).

Este autor teve a seguinte experiência: Hospedado num hotel em Jerusalém, no dia de sábado, os judeus abastados se hospedaram no mesmo hotel, como costumam fazer, para que não seja preciso fazer nenhum serviço, como preparar alimentos. Inclusive, havia no hotel dois elevadores, um para os estrangeiros e outro para os judeus do Shabat.

O elevador do Shabat é programado para parar automaticamente em cada andar sem que os judeus precisem apertar o botão do elevador.

Os mais apressados e espertos judeus aproveitavam que algum "gentio" entrasse no elevador dos estrangeiros, e eles solicitavam a nós: Por favor, aperte o número tal pra mim? O radicalismo da guarda do sábado não lhes permite sequer apertar um botão de elevador!

Felizmente Cristo Jesus nos libertou da escravidão da lei!

B) PÁSCOA E A FESTA DOS PÃES ASMOS

A páscoa era uma celebração anual que começava no início da primavera (no hemisfério Norte a primavera começa atualmente em abril). A data do início do ano varia, conforme nosso calendário entre 15 de março e 15 de abril, dependendo da fase da lua.

Quando o povo saiu do Egito, Deus avisou a Moisés que aquele mês, Abib ou Nisã deveria ser o primeiro mês do ano (Ex 12.1; Dt 16.1-6; Js 5.10). A páscoa se iniciava no dia 14, mas o

cordeiro deveria ser separado no dia dez do mês. Tinha como objetivo manter nas gerações seguintes a lembrança da libertação do povo da escravidão do Egito.

O pão asmo, rígido, lembrava o pão do sofrimento que os pais comeram no Egito sob a escravidão de Faraó. A erva amarga lembrava a amargura e o sofrimento; e o cordeiro apontava para o passado, pois através do sangue derramado eles foram protegidos em suas casas; mas também apontava profeticamente para o futuro, pois era um tipo do Cordeiro de Deus e do sangue que haveria de tirar os pecados do mundo.

Através dos séculos, os filhos perguntavam aos seus pais no dia da páscoa: Que sentido tem este jantar? E o pai sempre lembrava aos filhos, e esses aos seus filhos o sentido da páscoa (Sl 78.3 e ss.). Apesar de sofrer várias modificações em sua celebração, as instruções de Êxodo 12 são sempre lembradas pelos judeus fieis.

Na semana da páscoa tudo o que fermentasse deveria ser tirado de dentro de casa. Os antigos preparam o fermento de maneira natural. Um pouco de trigo com água, levedava de um dia para o outro e servia de fermento para a massa. Também, nenhum grão podia ser posto para fermentar, pois naquela época fabricavam-se bebidas a partir de grãos.

A páscoa e a festa dos pães asmos são praticamente a mesma, com a diferença de que a páscoa era celebrada no primeiro dia, como lembrança da saída do Egito, e a festa dos pães asmos, uma festa mais agricultural, com duração de uma semana. Enquanto a páscoa podia ser comida em cada casa, a festa dos asmos era celebrada de forma comunitária nas aldeias, vilas e cidades.

Flávio Josefo relata que no segundo dia da festa dos pães asmos, que seria no dia 16 do mês de Abib ou Nisã, dos frutos colhidos eles traziam uma parte, pois não podiam comer daquele fruto sem antes honrar a Deus em primeiro lugar, em agradecimento por tudo o que ele lhes dava. Traziam os primeiros frutos da cevada que primeiramente era secado, moído e

peneirado, e então jogavam sobre o altar a décima parte, e deixavam as demais com o sacerdote. A partir de então era-lhes permitido colher a cevada publicamente e dela comer (veja Lv 23.15).

Esta explicação de Josefo comprova que durante o período da festa dos asmos ocorria também a festa das primícias, diferentemente da festa de pentecostes, que veremos mais adiante. A Torá explica assim: "No segundo dia da páscoa (16 de Nissan), fazia-se a oferenda de um *omer* de cevada recém-colhida, para que Deus abençoasse a nova colheita" (Torá, Sêfer, p 360). Portanto, a festa das primícias ocorria dentro da festa dos pães asmos.

Nos dias do NT os que podiam se deslocavam para Jerusalém, e a cidade se tornava um grande centro comercial com os mercados abarrotados de verduras, temperos e condimentos, como a alface, o dente-de-leão (amargo) a pimenta e outros.

A cidade era abastecida com vinhos e frutas. Como cada judeu bebia uma média de quatro copos de vinho e o suprimento de vinho era grande na cidade. E Josefo cita que para o sacrifício de animais chegava a ser necessário 25 mil animais.

Antes celebrada nas cidades, a festa passou a ser celebrada em Jerusalém cerca de 600 anos antes de Cristo; deixou de ser um evento familiar para se tornar uma romaria, talvez por isso a família de José teve que se deslocar para Jerusalém (Lc 2.41).

No decorrer dos anos subir a Jerusalém para celebrar a festa da páscoa e as outras duas festas anuais (primícias e Tabernáculos) dava ensejo a que as famílias adquirissem na cidade grande os bens de consumo de que precisavam. As mulheres podiam comprar novos tecidos, jóias e ficava-se sabendo o que andava acontecendo pelo país e pelo mundo.

Os cristãos continuaram a festejar a páscoa com outro sentido, pois já não precisavam mais sacrificar animais, porque os apóstolos ensinaram à emergente igreja, aos seguidores de Cristo, que sempre que participavam da ceia, deveriam ter em mente que Jesus é o Cordeiro de Deus que tira os pecados do mundo. Veja a

figura tão bem explícita examinando Êxodo 12.46; Nm 9.12; Sl 34.20 e Jo 19.36. A respeito do cordeiro lembrado veja também João 1.29 cf. 1 Coríntios 10.16 e 11. 24-26.

Os cristãos não precisam mais celebrar a páscoa como fazem os judeus, uma vez ao ano, porque sempre que tomam do pão e do vinho e trazem à mente o Cordeiro de Deus, Jesus e a obra de libertação que Jesus fez, celebram nos cultos da igreja o verdadeiro sentido da páscoa. Jesus é agora a nossa páscoa (1 Co 5.7).

C) Festa Das Semanas Ou Pentecostes

> *"Contareis para vós outros desde o dia imediato ao sábado, desde o dia em que trouxerdes o molho da oferta movida; sete semanas inteiras serão. Até ao dia imediato ao sétimo sábado, contareis cinquenta dias; então, trareis nova oferta de manjares ao Senhor" (Lv 23.15-16).*

Esta é a segunda das festas, que ocorria cinquenta dias após a páscoa, e era chamada também de festa das segas, quando os judeus apanhavam do campo molhos de cereais – alguns grãos só ficariam prontos para a colheita meses depois – como agradecimento a Deus pela colheita que viria.

> *"Guardarás a Festa da Sega, dos primeiros frutos do teu trabalho, que houveres semeado no campo" (Ex 23.16).*

> *"As primícias dos frutos da tua terra trarás à Casa do Senhor, teu Deus" (Ex 23.19).*

Alguns judeus contavam a data a partir do primeiro dia da páscoa outros pelo término dela, porque a lei dizia: contarás cinquenta dias! (Lv 23.15).

Era chamada de festa das semanas, porque depois da páscoa eles contavam sete semanas, ou seja, 49 dias, e no quinquagésimo dia celebravam o Pentecostes. Por este tempo a cevada já podia ser colhida, enquanto o trigo só mais tarde, no

verão. Maimônides disse que esses 49 dias são contados com a mesma impaciência com que se contam os dias que faltam para a chegada de um ser querido (Torá, *Sêfer,* p 361).

Na época do NT os judeus que havia sido dispersos por toda a terra regressavam a Jerusalém para festejar a páscoa e permaneciam na cidade para a celebração de Pentecostes. Deus aproveitou a ocasião em que havia tanta gente na cidade para derramar o poder do Espírito Santo sobre os discípulos.

Muita gente se converteu nesta ocasião, regressando para seus países como missionários com a mensagem do evangelho. Paulo queria também aproveitar a data para chegar a Jerusalém. Certamente tinha intenções de pregar o evangelho ao povo dali (At 20.16).

D) Festa Dos Tabernáculos

"No primeiro dia, tomareis para vós outros frutos de árvores formosas, ramos de palmeiras, ramos de árvores frondosas e salgueiros de ribeiras; e, por sete dias, vos alegrareis perante o Senhor, vosso Deus" (Lv 23.40).

O texto da Torá diz: "E tomareis para vós, no primeiro dia, o fruto da árvore formosa (Etróg), palmas de palmeira, ramos de murta e de salgueiro de ribeiras...".

Esta festa, também chamada de *Festa das Palmeiras* e *Festa das Cabanas* ou Sucote era celebrada no fim da colheita, quando todo grão estava colhido, armazenado em celeiros; quando a uva já se transformara em passas e em vinho e quando as frutas de verão estavam cristalizadas. Deus convocava o povo para que tirasse umas férias, com danças, presentes e muita alegria.

O povo devia celebrar "a Festa da Colheita, à saída do ano, quando recolheres do campo o fruto do teu trabalho" (Ex 23.16), ou como afirma outro texto:

> *"Também guardarás a Festa das Semanas, que é a das primícias da sega do trigo, e a Festa da Colheita no fim do ano" (Ex 34.22).*

Neemias fala dessa festa como festa das cabanas (Ne 8.14-17). Esta festa ocorria logo depois da expiação. Enquanto nos dias da expiação havia choro e jejuns, na festa das palmeiras ou Tabernáculos era festa de alegria (Lv 23.42-43).

"A escolha dessas quatro espécies deu aos rabinos oportunidade de belas interpretações. Maimônides (Guia dos Perplexos 3,43) disse que estas representavam a alegria, pelo fato de nossos pais terem saído do deserto onde não havia verduras nem frutas, nem vinho nem água (Nm 20.5). Outros sugeriram que o ramo da palmeira na mão do crente anunciava o triunfo de Israel no dia de *kipur*, após o qual ele se torna justo e puro perante o Eterno (*Ialcut 651*). [...]. O Talmude vê no ramo da palmeira (lulav) o símbolo da força religiosa; na murta (Hadas), o símbolo da inocência; no salgueiro (Aravá) o da modéstia; e no *Etróg* (espécie de limão) o da amenidade e amor ao próximo" (Torá, *Sêfer,* p 363).

Nos dias do reinado de Salomão, a festa foi lembrada e festejada com grande alegria, durante catorze dias (1 Rs 8.65), e também nos dias de Esdras e Neemias na reconstrução de Jerusalém (Ed 3.4; Ne 8.16-18).

E) A Expiação

A festa da expiação ocorria pouco antes da festa dos Tabernáculos, no mesmo mês. Era um tempo de perdão celebrado logo depois da colheita. O povo se reunia em Jerusalém para pedir perdão por seus pecados, e tinha início no dia 10 do sétimo mês – a contar de março/abril. Havia um ritual nacional em que o sumo sacerdote fazia expiação pelos pecados do povo (Lv 23.27-32).

No dia da Expiação o sumo sacerdote tomava dois bodes. Um seria imolado e outro se tornaria o bode emissário (Veja Lv 16.8-10). Arão fazia imposição de mãos sobre o bode emissário e lançava sobre este todos os pecados da nação; e um sacerdote conduzia o bode e o deixava no deserto (Lv 16.21-22).

Ao levar os pecados fora, ao deserto, o bode os retirava da presença de Deus que estava revelada no tabernáculo. Ele

afastava os pecados da presença de Deus, para trás de suas costas, conf. Isaías 44.22; 43.25 e Jr 50.20.

Quando Deus vê o sangue nunca mais vê o pecado. O bode levava também o pecado para longe da presença do povo que estava reunido em assembléia diante do tabernáculo.

O primeiro bode representava o meio pelo qual a expiação era assegurada, a saber, pelo derramamento de sangue, como satisfação da penalidade do pecado, e como prova de que tinha havido morte perante os olhos do Senhor. O segundo bode representava o resultado da expiação, isto é, o pecado era removido para sempre da presença de Deus e do povo.

Era nesse dia que o sumo sacerdote entrava com o sangue de um bode no santo dos santos – o bode fala de pecado – e fazia expiação pelos pecados do povo (Hb 9.7).

Esta é a mesma festa anualmente celebrada pelos judeus chamada de *Yom Kipur*.

Alguns comentaristas abordam que se trata da festa de Purim, mas deve-se levar em conta que esta é a uma festa judaica, mais contemporânea, celebrada anualmente por judeus de todo mundo.

O Purim começou a ser festejado a partir da libertação do povo nos dias de Ester, das mãos de Hamã, o descendente de Amaleque que queria destruir o povo de Deus. Na tradição judaica contemporânea existem muitas festas de Purim, que celebram a libertação do povo judeu depois da Diáspora, cujas festas não fazem parte da tradição nem das leis dadas por Deus no AT.

Semelhantemente é a festa das luzes, ou *Chanucá* surgiu no período dos Macabeus, portanto durante o perigo inter-testamentário, isto é entre o Antigo e o Novo Testamento, mas essa também é uma festa puramente judaica da Diáspora, isto é dos judeus espalhados pelo mundo e que não serve como tipo para o Novo Testamento.

Essa festa começou a ser celebrada a partir do ano 165 a.C., depois que os judeus fizeram guerra contra os que queriam

impor restrições às práticas religiosas do povo de Israel. A palavra *Chanucá,* em hebraico, significa dedicação e refere-se à purificação e consequente re-dedicação do Grande Templo de Jerusalém a Deus.


Menorah

Na recente história, os judeus contam que era necessário reacender a *menorah* no Templo. Para isto, era preciso encontrar azeite que não tivesse sido profanado. Os macabeus encontraram uma pequena jarra de azeite puro que daria para manter o candelabro acesso por um dia.

Mesmo sabendo que era muito pouco, acenderam a *menorah*, e, milagrosamente, a chama permaneceu acesa durante oito dias. O azeite, que mal dava para um dia multiplicou-se por oito dias, tempo suficiente para a produção do novo azeite. Desde então, para recordar os milagres de Deus por Israel naquela época, celebra-se a Chanucá, durante oito dias.

As festas anteriores aqui apresentadas são tipos da vida da igreja e do crente no NT.

X. A Ordem Sacerdotal

Nesta parte o aluno estudará a importância dos levitas na vida da nação de Israel, e será lembrado de que a igreja passou a ser a nova nação sacerdotal, não havendo, portanto, espaço para celebrações de levitas ou de sacerdotes na igreja.

O estudante deve perceber que a intenção original de Deus era de que toda a nação de Israel fosse um povo sacerdotal, isto é, todo o povo de Deus deveria ser povo sacerdotal.

> *"Agora, pois, se diligentemente ouvirdes a minha voz e guardardes a minha aliança, então, sereis a minha propriedade peculiar dentre todos os povos; porque toda a terra é minha; vós me sereis reino de sacerdotes e nação santa. São estas as palavras que falarás aos filhos de Israel" (Ex 19.5-6; 29.45-46; Lv 26.11; Dt 7.6).*

A intenção de Deus era que a nação toda, e não uma tribo, fosse povo sacerdotal. Mas, por que mais tarde Deus escolheu uma tribo sacerdotal? Porque o povo não quis, e decidiu que Moisés devia ouvir a Deus e relatar-lhes tudo o que Deus quisesse lhes falar.

Certo dia Moisés levou o povo ao encontro de Deus (Ex 19.17 cf. Dt 4.11-13), e, nas palavras de Moisés, o povo não quis ouvir a Deus (Dt 5.22-30).

Deus havia convidado o povo para conhecê-lo ao pé do monte, mas este preferiu um mediador, e pediu que Moisés mediasse as questões entre o povo e Deus.

Moisés, assim, tornou-se um sacerdote, mas não era esta a intenção original de Deus: ele queria que todo povo tivesse acesso à sua presença.

No projeto inicial de Deus, portanto, todo o povo, depois de santificado poderia se achegar à presença de Deus. Não haveria barreiras, nem sacrifícios para conseguir uma audiência.

No entanto, uma tribo foi escolhida para ser a tribo sacerdotal, que se ocuparia dos assuntos religiosos do povo, se bem que Deus nunca se limitou a se revelar e falar apenas pelas pessoas da tribo sacerdotal. Mas, afinal, por que Deus escolheu a tribo de Levi? Por três razões apresentadas a seguir:

1º) Aconteceu um incidente na vida de Israel que determinou a escolha dos levitas. Foi quando Moisés desceu do monte e encontrou o povo desenfreado adorando o bezerro de ouro. Moisés ficou na entrada do arraial e disse: "Quem é do Senhor, venha até mim. Então se ajuntaram a ele todos os filhos de Levi" (Ex 32.25-29). Por ser a única tribo a responder a Moisés, a tribo de Levi ocupou uma posição toda especial. Os levitas passaram a ser a nação de sacerdotes no lugar de toda a nação de Israel. Agora, todos os demais dependeriam dos levitas para as funções do sacerdócio.

2º) Deus escolheu a tribo de Levi em lugar de todo primogênito das tribos de Israel. Deus disse a Moisés que os levitas seriam

separados "em lugar de todo o primogênito que abre a madre, entre os filhos de Israel: e os levitas serão meus... Toma os levitas em lugar de todo primogênito entre os filhos de Israel e os animais dos levitas em lugar dos animais dos filhos de Israel, porquanto os levitas serão meus. Eu sou o Senhor" (Nm 3.12,45). Na contabilidade de Deus há uma formula matemática santa, pura. Deus é tremendo e não pode ser contestado em seus planos e objetivos. E esta separação tinha a ver com os primogênitos mortos no Egito.

3º) Deus estava sendo prático. Ao invés de tomar de cada família o primogênito retirando-o da casa dos seus pais, Deus escolhe uma tribo para representar diante dele todos os primogênitos. Mas por que os primogênitos? Deus mesmo responde no versículo 13: "Porque todo o primogênito é meu: Desde o dia em que feri a todo primogênito na terra do Egito".

A decisão de Deus escapa à compreensão e análise. Os que morreram foram os primogênitos do Egito e Deus escolhe os primogênitos dos israelitas em lugar daqueles. "Consagrei para mim todo o primogênito em Israel, desde o homem até ao animal: serão meus; eu sou o Senhor" (Também Nm 8.16-17).

Ao que parece os primogênitos mortos no Egito foram sacrificados ao Senhor para que o povo pudesse escapar do Egito. Agora, estes são "sacrificados" ao Senhor continuamente. O expositor John Gill explica que "*ao destruir os primogênitos dos egípcios, salvava os primogênitos de Israel*".

A seguir, Deus apresentou uma matemática bem simples. Moisés deveria contar os primogênitos de todas as demais tribos, de um mês para cima, e depois contar também todos os homens da tribo de Levi de um mês para cima (Nm 3.15,40).

Quais os números deste censo? Havia na tribo de Levi 22 mil homens de um mês para cima contra 22.273 homens primogênitos das demais tribos. Esses 273 que excediam o número de levitas deveriam ser resgatados a dinheiro (Nm 3.38-51).

Todo primogênito, quer de homens ou de animais que nascessem daí em diante teriam que pagar um resgate, ou no caso dos animais, oferecidos a Deus em sacrifício.

Percebe-se, então, que os levitas foram separados em lugar de todos os primogênitos em Israel. (Ora, isto é uma sombra da obra redentora de Jesus.

Ele é o unigênito filho de Deus, que deu a sua vida por nós, tornando-se o primogênito. Como tal, ele foi oferecido em lugar de todos os homens, resgatando-nos para Deus).

Talvez, nesta matemática divina Deus resolveu escolher pessoas que estivessem diante dele continuamente, o que não aconteceu na história do povo.

Feitas as explicações, veremos como funcionavam no AT as funções sacerdotais.

A) A Tribo Dos Levitas

Os levitas, como mencionado anteriormente, foram escolhidos por Deus porque se mostraram zelosos com Deus (Ex 32.25-29).

Eles foram escolhidos para cuidar de todas as coisas atinentes ao tabernáculo, e Deus lhes compensou dando-lhes terras e cidades e podiam viver à custa dos dízimos do povo de Israel (Nm 1.47 e ss; Dt 10.8).

Eles podiam viver em cidades só deles (Lv 25.32 e podiam alugar ou arrendar suas casas); morar nos campos (Lv 25.34) ou residir entre o povo de Israel (Veja ainda Nm 35.2 e ss; Dt 12.12,18; 14.29; 16.11).

O serviço do Tabernáculo não era feito por todos, mas era um serviço obrigatório. A princípio, um levita tinha que se dedicar ao serviço do tabernáculo dos trinta aos cinquenta anos de idade (Nm 4.3 e ss), mas Davi, certamente por alguma revelação divina mudou a idade do serviço obrigatório para vinte anos de idade (1 Cr 23.24-27; 2 Cr 31.17).

B) Os Sacerdotes E O Sumo Sacerdote

Os quatro filhos de Arão, Nadabe, Abiu, Eleazar e Itamar foram estabelecidos juntamente com o pai no sacerdócio (Ex 28.1). Nadabe e Abiú morreram quando entraram no santo dos santos com fogo estranho (Lv 10.1-2). Pelo contexto do relato, deduz-se que estavam bêbados, porque Deus proíbe Arão e os sacerdotes de beberem vinho quando entrassem no santuário (Lv 10.9).

Arão, como sumo sacerdote trazia sobre si o peitoral do juízo, uma espécie de colete que era posto sobre as vestes e que tinha o nome dos filhos de Israel gravado em pedras no peitoral e nos ombros (Ex 28.18 e ss.). Quando Arão morreu (Nm 20.26) as vestes foram colocadas sobre Eleazar, que teve preferência sobre Itamar por ser o terceiro filho, depois de Nadabe e Abiu. Seu filho Finéias, ocupou logo o sacerdócio porque saiu em defesa do povo de Deus (Nm 25.7 ss.).

Era função do sacerdote coordenar o serviço do Tabernáculo diariamente, delegando aos sacerdotes e levitas os afazeres de cada um. Nos dias de Davi ele separou o trabalho dos sacerdotes e levitas por turnos (2 Cr 8.14).

O sumo sacerdote tinha um cargo vitalício, isto é, era sumo sacerdote até morrer. Por exemplo, uma pessoa que se refugiava numa cidade de refúgio só podia sair de lá quando morresse o sumo sacerdote (Nm 35.25, 32).

XI. Lazer

Não se tem no AT quaisquer referências à maneira como o povo de Deus se divertia e como era vida social neste sentido, a não ser uma citação aqui, uma sugestão ali que pode ser lida nas entrelinhas. Existem, no entanto, muitos exemplos de divertimento entre o povo pagão, especialmente festas, jantares e orgias. Mas, é indiscutível que um dos divertimentos eram a música e as danças. Sabe-se que durante a festa dos Tabernáculos o povo se divertia dançando e felicitando-se uns aos outros.

Na festa dos Tabernáculos citada em Neemias 8.10, Esdras e Neemias recomendaram ao povo que em vez de choro, se alegrassem, comendo carnes gordas, tomando bebidas doces e enviando porções aos que não têm nada preparado para si; porque este dia é consagrado ao nosso Senhor; portanto, não, vocês não devem se entristecer, porque a alegria do SENHOR é a força de vocês" (Tradução livre).

A) DANÇAS

Voltando a tempos mais remotos, ainda nos dias patriarcais, Labão reclama de Jacó de que não teve tempo de se despedir de suas filhas e netos com alegria, e com cânticos, e com tamboril e com harpa (Gn 31.27). Ora, se Miriam, aos 93 anos de idade liderou as danças das mulheres de Israel celebrando a Deus a vitória sobre os egípcios, é sinal de que as danças eram coisas tão comuns que elas não hesitaram em dançar para Deus. Somente mirando-se por janelas assim pode-se ter um vislumbre da vida social do povo. Mais tarde no deserto o povo dançou para o bezerro de ouro, da mesma forma como havia dançado para Deus (Ex 32.19).

Noutro episódio a filha de Jefté e suas amigas vieram recepcionar o pai que chegava vitorioso da guerra, com danças, o que demonstra que estas faziam parte da sociedade do povo de Deus (Jz 11.34).

As mulheres de Israel compuseram um cântico de celebração a Davi, com danças, por haver vencido a Golias, o que irritou a Saul (1 Sm 21.11; 29.5).

Que o povo, então, trazia para Deus expressões do dia a dia de Israel, pode ser visto nos textos acima e também no episódio em que Davi, o rei, tomado de alegria saltava e dançava com todas as suas forças diante do Senhor, numa alegria incontida (2 Sm 6.14).

Ora, através de textos como estes pode-se saber que as danças faziam parte da vida social do povo, por isso Davi diz num

dos Salmos que deve-se louvar a Deus "com adufes e danças" (Sl 150.4).

No NT Jesus relata que quando o jovem que havia desperdiçado sua herança voltou pra casa, teve início uma grande festa, pois o irmão mais velho ouviu a música e as danças e se irritou com o pai (Lc 15.25). "Nós vos tocamos flauta, e não dançastes" (Mt 11.17), diziam os meninos na praça da cidade.

Ainda no AT havia festas entre povos pagãos que duravam semanas e meses. A Bíblia fala que a festa que Assuero deu aos seus convidados durou seis meses – 180 dias (Et 1.4).

Este é um tema que não pode ser ignorado, e vale ressaltar que cada sociedade e cada cultura expressa sua alegria de várias maneiras, o que não é diferente com o povo de Deus.

B) Esportes E Lazer

Não se sabe, no entanto de lazeres esportivos no AT, e isto não quer dizer que eram proibidos por Deus, no entanto, é algo que a cultura grega trouxe para todo o Ocidente a partir do domínio grego sobre as nações da terra. Por exemplo, o mundo celebra até hoje as Olimpíadas, que teve seu início entre os gregos; e celebra o mundo as maratonas, corridas em que os atletas precisam mostrar toda sua preparação física que perdura até os dias de hoje.

É bem possível que os jovens de Israel tivessem algum tipo de disputa esportiva, como corridas, levantamento de pesos, natação ou outros tipos de competições. Não temos registros diretos, mas sabemos que era costume dos povos. Como se saberia que 700 canhotos conseguiam acertar um fio de cabelo atirando com uma funda, se não através de uma competição? (Jz 20.15-16).

Atirar com a funda podia ser parte do treinamento para disputas esportivas, e Davi possuía essa habilidade (1 Sm 17.49). E as menções a corredores ligeiros, também pode ser uma alusão a pessoas que disputavam corridas a distância (2 Sm 2.18). Só se saberia que Azael era rápido na corrida, se tivesse feito alguma disputa com outros corredores.

Nas Escrituras, Golias é apresentado como "o duelista" (1 Sm 17.23). Era homem de competição, e propôs que quem vencesse o duelo, a nação se tornaria chefe da outra.

Deus perguntou a Jeremias: "como poderás competir com os que vão a cavalo?" (Jr 12.5). Obviamente que o Espírito Santo permitiu que se registrassem apenas o que é estritamente edificante para o povo de Deus, exemplo disso é que no NT não temos registros de nenhum instrumento musical usado no culto a Deus, nem ordem de culto, como o estudante verá mais adiante, porque o Espírito Santo pode aproveitar de todas as culturas para engrandecimento do nome de Deus.

Quando se estuda a história dos povos, vê-se em todos eles que o povo tinha suas festividades anuais e desenvolvia suas competições esportivas. Havia luta de gladiadores, lutas-livre, mostradas em gravuras de 3 mil anos a.C. lutas de boxe, etc.

Na história mais recente, Grécia e Roma introduziram os jogos e as disputas esportivas nas grandes arenas. Os judeus devem ter sido influenciados pelos costumes gregos de promover competições, lá pelo ano 300 a.C. quando dominaram Israel. Imagina que os jogos gregos datam de 780 a.C., na época de Isaías, e os jogos eram dedicados aos deuses do Olimpo.

Herodes, o Grande, lá por 37 a.C. construiu estádios para a realização de jogos esportivos, e apreciava as lutas corporais e as corridas de carruagens, como os romanos apreciavam a corrida das bigas. Paulo se utilizou de linguagens esportivas em suas epístolas, instruindo a Timóteo que os crentes devem obedecer regras, porque "o atleta não é coroado se não lutar segundo as normas" (2 Tm 2.5).


Biga

Em vários lugares usa palavras gregas para explicar o sentido de lutar, como em Romanos 15.30 em que pede que "lutem comigo, nas orações". A palavra lutar aqui é a mesma empregada

numa luta romana, *sunagonizomai*, luta em que se agoniza, ou se luta até a morte! "Lutando juntos pela fé evangélica" (Fp 1.27), expressão usada nas arenas desportivas, *sunatleo,* ou o atleta que luta!

Paulo fala de Epafra usando uma linguagem dos esportes de arena da época: "o qual se esforça, sobremaneira", ou *agonizomai*, dando a entender que Epafras queria conquistar um objetivo.

Por isso, afirma o escritor aos hebreus, "corramos com perseverança a carreira" – *agon* – palavra que denota esforço (Hb 12.1). Primeiro, diz o autor é preciso se desvencilhar de todo peso que atrapalha na corrida. Paulo usa também uma linguagem esportiva ao falar de coroação ou galardão. Muitas vezes o vencedor recebia apenas uma coroa feita de ramos, geralmente de louro, daí a expressão, os louros da vitória!

> *"Todo atleta em tudo se domina; aqueles, para alcançar uma coroa corruptível; nós, porém, a incorruptível. Assim corro também eu, não sem meta; assim luto, não como desferindo golpes no ar" (1 Co 9.25-26).*

E fala da coroa que nos espera (2 Tm 4.8). Veja ainda, Fp 4.1; 1 Ts 2.19. Pedro fala que o cristão receberá uma coroa que nunca murcha (1 Pe 5.4), e Tiago fala sobre a coroa da vida (Tg 1.12) e João o confirma em Apocalipse 2.10. O cristão receberá o galardão ou a coroa da vida!

Com o domínio romano, os jogos passaram a ser mais acirrados e desumanos, e os prisioneiros, até mesmo os primeiros cristãos, eram colocados nas arenas para lutarem com animais ferozes, desarmados e, às vezes nus. Nero, anos mais tarde em Roma mandou vestir os cristãos com peles de animais e os lançava nas arenas para lutar com leões e tigres famintos.

A tradição cristã afirma que os cristãos eram orientados a não participarem dos jogos da época, por serem violentos e desumanos.

C) INSTRUMENTOS MUSICAIS



Instrumentos usados por músicos da antiga Grécia:

1 e **2** - Monocórdios

3 e **4** - Guitarras

5 - Cítara Heptacorda

6 - Lira

7 - Cítara Pentacorda

8 e **9** - Flautas

As Escrituras mencionam vários instrumentos musicais usados pelos israelitas em festas e no serviço a Deus. Três classes de instrumentos musicais são mencionadas na Bíblia: Os de percussão, cordas e de sopro. Comecemos pelos instrumentos de sopro.

1) FLAUTAS

Pode-se afirmar que a flauta é um dos instrumentos mais antigos mencionados nas Escrituras. Catorze vezes a flauta é mencionada na Bíblia, nove vezes no singular e cinco no plural. A primeira menção está ligada ao seu inventor Jubal "o pai de todos os que tocam harpa e flauta".

Em algum momento Jubal descobriu que um pedaço de bambu podia dar sons agudos e musicais. Quem sabe usou um osso

para inventar a flauta. Por ser um instrumento melancólico era o preferido dos pastores durante o seu pastoreio, e também foi aproveitada para ser usada no templo.

Nos dias de Jó na era patriarcal a flauta era usada (Jó 21.12). Os jovens das escolas de profetas nos dias de Samuel adoravam a Deus e profetizavam diante do Senhor com flautas (1 Sm 10.5). E deve ter sido um dos instrumentos preferidos de Davi, porque fala em louvar a Deus com flautas (Sl 150.4). E Isaías menciona que a flauta era usada para louvar a Deus (Is 30.29).

Jesus cita as flautas como o instrumento que meninos tocavam na praça e Paulo fala desse instrumento quando ensina sobre os dons espirituais (Lc 7.32; 1 Co 14.7).

Os professores de música costumam usar a flauta para a iniciação musical de crianças, para afinar seus ouvidos.

2) Trombetas

A primeira menção de trombeta está em Êxodo 19.16 como instrumento tocado no céu, certamente por anjos. No alto do Sinai as trombetas fizeram sonido tal que estremeceu o arraial de Israel.

A trombeta, um instrumento feito de cobre ou de prata era usada para convocação, chamamento, alerta e celebrações diante de Deus. Era usada para convocar o povo para o dia da expiação (Lv 25.9), e Josué a usou para perturbar o sossego da cidade de Jericó, e, algumas versões falam de shofar (Js 6.20). Era também usada para convocar o povo para a guerra (Jz 3.27, etc.).

Vários tipos de sons podiam ser tocados, e o povo era orientado a distinguir a que tipo de convocação ou de aviso vinha de determinado som (Nm 10.2, etc.).

As trombetas foram aproveitadas no reinado de Davi para celebrar o nome do Deus de Israel (1 Cr 13.8; 15.24, 28; 16.6). E a presença de Deus desceu no templo quando os 120 sacerdotes tocaram suas trombetas em uníssono, a um só tempo (2 Cr 5.12-

13). E é ao som da trombeta que os acontecimentos do livro de Apocalipse ocorrem (Ap 9.1 e outros textos).

3) O Shofar



Era feito de chifre de carneiro, e o termo hebraico é yobel, instrumento bastante comum em Israel, às vezes traduzidos como shofar em algumas versões (Js 6.20; Jz 7.16-22). Nos últimos tempos uma teoria discutível de que o shofar traz a presença de Deus espalhou-se pela igreja, como se o toque do shofar fosse tão santo e tão poderoso que se pudesse dispensar todos os demais instrumentos musicais, só que, em nenhum texto do AT a presença de Deus vem ao toque do shofar, e sim do toque da trombeta – o que não quer dizer que o simples toque de trombeta sirva para chamar a Deus!

Os que viveram no campo aqui no Brasil conhecem o equivalente brasileiro, o berrão, feito de chifre de boi.

4) Saltério, Lira e Cítara


Saltério

Uma pequena jóia, usada no século 18 na Itália.

O saltério (do grego ψα λτήριο psaltêrion "instrumento musical de cordas; espécie de harpa"; de ψαλμός psalmos "cordas"; pelo latim psalterium, "cítara, lira") é um instrumento de cordas geralmente pulsadas ou beliscadas, como a harpa. Lira e cítara são o mesmo que saltério.

Era feito de cordas estendidas sobre uma madeira. Salomão usou a madeira de sândalo para fazer as cítaras ou liras (1 Rs 10.12). Saltérios foram usados pelos profetas para celebrar diante de Deus (1 Sm 10.5; 2 Sm 6.5). Alguns saltérios tinham dez cordas (Sl 33.2; 92.3), e era instrumento usado também por outros povos (Dn 3.5,7,10,15). O saltério, como a cítara tem um som harmonioso e enchiam de som as celebrações a Deus (Sl 81.2).

5) Harpa

Assim como a cítara e o saltério, a harpa era um instrumento de cordas, feita com um bojo de vidro ou com peles sobre os quais se esticavam as cordas, mas também podia ser montada numa armação de madeira ou de metal. De todos os instrumentos apresentados na Bíblia, a harpa é a mais cercada de romantismo.

Tão antigo instrumento tem sua origem também em Jubal (Gn 4.21), portanto, a harpa é mencionada por toda a Bíblia do Gênesis ao Apocalipse. Já existia nos dias de Jacó (Gn 31.27); era instrumento tocado por Davi (1 Sm 16.23) e usado nas celebrações a Deus (Sl 33.2; 49.4 e tantos outros textos dos Salmos).

6) Tamboril

O tamboril era tocado nos dias de Jacó (Gn 31.27) e por toda a Bíblia aparece este instrumento de percussão. O tamboril é o mesmo que nosso tambor, às vezes confundido com pandeiro (Sl 81.2). As palavras tamboril e pandeiro se alternam nas Escrituras e confundem o estudante (1 Sm 10.5 e 18.6).

7) Címbalos

Para facilitar o entendimento do estudante, basta explicar que o címbalo é um prato como os usados na bateria, só que, muitas vezes, o címbalo era bem maior, que de tão grande precisava ser afixado num determinado local. Seu som ecoava por toda parte. Conforme o Salmo 150.5 havia os "címbalos sonoros" e os "címbalos retumbantes". Portanto, com sonidos diferentes. Os

címbalos poderiam ser pequenos ou grandes, e, eram usados também no culto a Deus.

No culto, os címbalos foram usados para celebrar o Deus de Israel: "Davi e toda a casa de Israel alegravam-se perante o Senhor, com toda sorte de instrumentos de pau de faia, com harpas, com saltérios, com tamboris, com pandeiros e com címbalos" (2 Sm 6.5).

D) MÚSICA NA IGREJA PRIMITIVA

Não se tem registros do uso de instrumentos musicais nos cultos da igreja, aliás, não se tem no NT o roteiro nem o que conhecemos como liturgia dos cultos da igreja, apenas uma vaga ideia, como nos textos de Atos 20, na reunião de Trôade em que Paulo pregou até a meia-noite e depois até a madrugada.

Pode-se ver pelo texto de 1 coríntios 14.26 que cada pessoa contribuía com seu dom espiritual no culto a Deus, mas não se tem menção da fórmula, do que cantavam, dos instrumentos musicais, etc.

Certamente, o Espírito Santo não deixou nada registrado, para que o povo de Deus não cristalizasse seu louvor e sua adoração, baseado numa cultura que muda de geração pra geração, permitindo que todos os povos, conforme sua cultura, adorem a Deus com quaisquer instrumentos musicais, com seu ritmo nacional e com sua criatividade. Por isso, na igreja não existe uniformidade de formas de culto, e sim, uma variedade que difere de povo para povo!

Se o Espírito Santo deixasse registrado o cântico que Jesus e seus discípulos entoaram depois da última ceia (Mt 26.30), os mais radicais exigiriam que em todos os cultos de ceia o mesmo cântico fosse cantado, engessando o culto a Deus!

Sabe-se pelo texto de Atos 16.25 que Paulo e Silas entoaram louvores, mas, vale lembrar que não estavam num culto com outros irmãos.

Paulo aborda a questão do louvor em Efésios 5.18-19; em 1 Coríntios 14.15 e em Colossenses 3.16, mas em nenhum momento cita algum tipo de instrumento musical, nem que tipo de cântico era entoado.

No entanto, através desses textos, e das cenas do céu registradas no livro de Apocalipse em que existe tanto louvor e adoração, a igreja aprendeu que deve trazer instrumentos musicais e louvores para o culto a Deus. Agora, querer limitar o tipo de instrumento que deve ser tocado na igreja; que tipo de ritmo deve-se trazer para o culto a Deus é uma temeridade, porque incorre-se no erro de não se conhecer a cultura dos povos nem a história da igreja.

A propósito, a maioria dos cânticos dos hinários, quando foram escritos, foram baseados na cultura e na música popular de cada época e de cada povo!

Os cânticos e hinos de nossos hinários foram compostos tendo como base a cultura de cada povo. O hino de Martinho Lutero, Castelo Forte e os demais cânticos do período da Reforma Protestante foram compostos com base na cultura popular daquele tempo.

Existe, sim a música sacra que é um período da história quando o sacro era proeminente na cultura e os compositores eram tidos como "sacros". Boa parte dos hinos da Harpa Cristã e do Cantor Cristão são músicas que eram populares no tempo em que o autor as escreveu. A predominância do ritmo e da melodia eram próprias da época em que foram compostos.

A música dos judeus da época do AT e do NT em nada diferia da música daquele tempo, e entoadas por outros povos. O que torna uma música "sacra", no sentido de que é santa e separada para Deus é a letra que ela contém, se é dirigida a Deus unicamente, nunca o ritmo ou a melodia.

Atividades – Lição V

- Marque "C" para Certo e "E" para Errado:

1) ❑ O termo helenismo se refere aos romanos.

2) ❑ O grego passou a ser ensinado nas escolas juntamente com o latim e o hebraico. Os primeiros sete serviçais de Atos 6 tinham nomes gregos, para acalmar a disputa entre judeus radicais e judeus helenistas.

3) ❑ A helenização ou cultura grega fez com que o AT fosse traduzido para o grego, na versão que conhecemos como Septuaginta.

4) ❑ A Diáspora judaica (no hebraico tefutzah, "dispersado", ou גלות galut "exílio") refere-se a diversas expulsões forçadas dos judeus pelo mundo e da consequente formação das comunidades judaicas fora do que hoje é conhecido como Israel, partes do Líbano e Jordânia.

5) ❑ Os fariseus exigiam do povo muitas observâncias da tradição que não constavam da lei de Moisés. Essas eram coisas que os saduceus rejeitavam.

6) ❑ A palavra sábado vem do hebraico *Shabat* ou descanso, porque era um tempo para o descanso do corpo e da alma. A cada sete dias, proclamava-se o *Shabat,* descanso.

Anotações:

Referências Bibliográficas

COLEMAN, Willian, *Manual dos Tempos e Costumes Bíblicos,* Betânia, 1984.

BELL, JR, Alberta, *Explorando o Mundo do Novo Testamento*, Atos, 2001.

HASTINGS, James, *Dictionary of Crist and the Gospels,* 1907 Volumes I e II.

The Companion Bible, Bagster, Inglaterra, notas dos apêndices.

Scott's Commentary, Volumes 1-5, 1853.



O ensino teológico além das fronteiras.

Rua Antônio José de Oliveira, 1180 – Vila São Carlos
Caixa Postal 241 - CEP: 86800-490 - Apucarana - PR
Fone/Fax: (43) 3426-0003 / Celular TIM: (43) 9960-8886
E-mail: contato@cetadeb.com.br
Site: www.cetadeb.com.br